

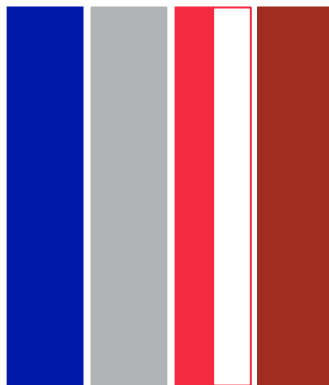
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ESTUDOS DE CULTURA E CIÊNCIA

Conteúdo sob a perspectiva do olhar feminino: análise às narrativas de viagem em livros de autoras portuguesas contemporâneas

Raquel Gonzaga Ramos

M

2021



Raquel Gonzaga Ramos

**Conteúdo sob a perspectiva do olhar
feminino: análise às narrativas de viagem em
livros de autoras portuguesas
contemporâneas**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor José Manuel Pereira Azevedo e coorientada pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2021

Raquel Gonzaga Ramos

Conteúdo sob a perspectiva do olhar feminino: análise às narrativas de viagem em livros de autoras portuguesas contemporâneas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor José Manuel Pereira Azevedo e coorientada pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: Valores

*Às viajantes pela coragem em partir para descobrir (se) e pelo olhar sempre atento em
suas contemplações do mundo.*

Sumário

Declaração de honra	7
Agradecimentos	8
Convenções	9
Resumo.....	10
Abstract	11
Índice de Figuras	12
Índice de Tabelas.....	13
Introdução.....	15
1.A Viagem & sua narrativa	20
1.1. A viagem através da história	21
1.2. A literatura de viagem	28
1.2.1. Definição & desenvolvimento	28
1.2.2. Escrita & características.....	33
2.A mulher – Viajante & escritora.....	40
2.1. A viagem para a mulher	40
2.2. O <i>olhar</i> feminino na construção das narrativas	45
2.3. A viagem & a escrita femininas como demandas sociais.....	50
3.Desenvolvimento da análise	53
3.1. Bardin e a análise de conteúdo	53
3.2. Aplicação do método	58
3.3. Questionamentos e Intenções	64
3.4. Categorias de investigação.....	66
4.Análise às narrativas de viagem em livros de autoras portuguesas contemporâneas	69
4.1 . As autoras-viajantes portuguesas contemporâneas.....	69
4.1.1. Maria Filomena Mónica.....	69
Passaporte - Viagens 1994 – 2008	74
4.1.2. Alexandra Lucas Coelho.....	75
Vai, Brasil.....	80
4.1.3. Raquel Ochoa.....	81
O Vento dos Outros	84
4.2. Categorias do olhar – análise qualitativa	86

4.2.1. O <i>olhar</i> e a motivação.....	86
4.2.2. O <i>olhar</i> sob que perspectiva.....	92
4.2.3. O <i>olhar</i> sobre o ambiente.....	97
4.2.4. O <i>olhar</i> sobre si.....	102
4.2.5. O <i>olhar</i> sobre o Outro.....	107
4.2.6. O <i>olhar</i> sobre as mulheres.....	112
4.2.7. O <i>olhar</i> sobre as peculiaridades da viagem para uma mulher.....	117
Conclusão	121
Referências Bibliográficas	129
Anexos	135
Anexo 1 – Tabela: Livros de Viagem: Autoras Portuguesas, Séc. XX e XXI	135

Declaração de honra

Declaro que o presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de setembro de 2021

Raquel Gonzaga Ramos

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos professores José Azevedo e Vasco Ribeiro por permanecerem comigo nesta viagem e por todas as palavras e direcionamentos que contribuíram de forma decisiva para que esta dissertação fosse desenvolvida e bem finalizada.

Aos meu pais, Therezinha e Antonio, e minha irmã, Iara, por me lembrarem que não importa a viagem, temos sempre nossa casa para voltar e o afeto da nossa família para nos acolher.

Aos meus amigos do Brasil e os mais recentes em Portugal cujo incentivo e parceria, nas melhores e nas não tão boas horas, contribuíram para tornar meus dias mais prazerosos e vividos. Sintam-se todos nomeados aqui.

Ao Porto, esta cidade onde me sinto em casa e de onde tenho partido para minhas viagens e retornado com a mesma felicidade.

E agradeço primordialmente a mim. Por ter olhado para cada passagem da minha viagem pessoal e ter tido a consciência de que algo precisava mudar. Tido a coragem de ir atrás da mudança, buscado ajuda, me aberto ao que a vida ofereceu, viajado por entre medos e angústias e ressignificado pesamentos e comportamentos. E, principalmente, por sempre ter mantido o otimismo e nunca ter desistido.

A viagem até aqui teve alguns percalços mas, em cada lugar visitado a certeza das descobertas e de que, no fim, tudo dará sempre certo.

Muito obrigado a todos.

Convenções

Esta dissertação adopta para as referências bibliográficas e as citações a normalização da *American Psychological Association* (APA), versão 7.

A ortografia dos termos utilizados nesta dissertação está em conformidade com a língua portuguesa e seguindo a obrigatoriedade do acordo ortográfico, sem a prevalência na grafia do “Português” de Portugal ou do “Português” do Brasil.

Resumo

Os livros de viagem são uma literatura que percorre o mundo e a sua história desde que os primeiros viajantes cruzaram terras e oceanos e tiveram a oportunidade de visitar regiões “desconhecidas” e a necessidade de documentá-las. A evolução no modo de viajar e da motivação da viagem representaram a diversificação dos viajantes e deste gênero literário, e são fatores que interferiram nas características do conteúdo da literatura produzida como seu resultado. As autoras-viajantes são uma instigante presença nesta contextualização pelos significados socioculturais, que estão relacionados às transformações e aquisições que foram se estabelecendo para elas ao longo dos séculos, e que influenciaram nas suas perspectivas observadas tanto no seu viajar como seu *olhar* ao escrever. Tida como fonte da história social, a literatura de viagem é estudada na comunicação, como em outras áreas e disciplinas, e representa um importante campo de pesquisa sobre a produção de conteúdo. Diante deste contexto, este estudo se baseia e justifica pela importância em compreender a respeito das peculiaridades deste conteúdo na literatura de viagem feminina contemporânea, partindo da análise qualitativa realizada por meio da inferência em diferentes categorias sobre o *olhar* que as autoras apresentam e transparecem em suas narrativas sobre o local visitado e esclarecendo por meio da conjuntura de sua herança pessoal, motivações e características sob os quais cada obra é construída. A presente investigação tem como foco a perspectiva da autoria feminina e como escopo o estudo das narrativas de viagens em Portugal, produzidas durante os séculos XX e XXI, notadamente após o 25 de abril de 1975, e escritas por autoras portuguesas. Ao final, vislumbra-se obter a compreensão sobre a temática apresentada, bem como oferecer perspectivas e contribuir significativamente para este campo de estudo na comunicação.

Palavras-chave: Literatura/livro(s) de viagem(s), Mulher, Conteúdo, Séculos XX e XXI, Portugal.

Abstract

Travel books are a literature that runs through the world and its history since the first travelers crossed lands and oceans and had the opportunity to visit "unknown" regions and the need to document them. The evolution in the way of traveling and the motivation of the trip represented the diversification of travelers and this literary genre, and are factors that interfered in the characteristics of the conetúdo of the literature produced as its result. The women-travelers are an instigating presence in this contextualization by the sociocultural meanings, which are related to the transformations and acquisitions that have been established for them over the centuries, and that have influenced their perspectives observed both in their travel and in their look when writing. As a source of social history, travel literature is studied in communication, as in other areas and disciplines, and represents an important field of research on content production. In this context, this study is based and justified by the understanding of the importance in elucidating about the peculiarities of this content in contemporary female travel literature, starting from the qualitative analysis performed through the inference in different categories about the look that the authors present and appear in their narratives about the place visited and clarifying through the conjuncture of their personal inheritance, motivations and characteristics under which each work is built. This research focuses on the perspective of female authorship and as scope the study of travel narratives in Portugal, produced during the 20th and 21st centuries, notified after April 25, 1975, and written by Portuguese authors. At the end, it is envisaged to obtain an understanding of the theme presented, as well as to offer perspectives and contribute significantly to this field of study in communication.

Key-words: Travel literature/book(s), Women, Content, 19th and 20th centuries, Portugal.

Índice de Figuras

FIGURA 1 - <i>EXEMPLO DE COMO SE PROCESSA A ANÁLISE DE CONTEÚDO. (BARDIN, 2016)</i>	54
FIGURA 1.2 – <i>EXEMPLIFICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO (BARDIN, 2016)</i>	55

Índice de Tabelas

TABELA 1 – AUTORAS PORTUGUESAS E SEUS LIVROS DE VIAGEM.....	62
---	----

“Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.”

Fernando Pessoa

Introdução

Viaje segundo seu projeto próprio, dê mínimos ouvidos às facilidades dos itinerários cómodos e de rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até encontrar saídas desacostumadas para o mundo. Não terá melhor viagem. E, se lo pedir a sensibilidade, registre por sua vez o que viu e sentiu, o que disse e ouviu dizer. Enfim, tome este livro como exemplo, não como modelo. A felicidade, fique sabendo o leitor, tem muitos rostos. Viajar é, provavelmente, um deles. (José Saramago, 1981)

A viagem é apresentada ao longo da história como uma atividade constitutiva da experiência humana, consolidando-se como uma condição inerente a sua existência, visto a previsibilidade do desejo dos indivíduos em não se radicarem, permanentemente, em um mesmo sítio durante toda a vida. A sua documentação fundamenta-se nesta mesma significação, demonstrando em seu desenvolvimento todo o enredamento com que a ação viática se move e se depara, numa observância e descrição que revelam os diferentes caminhos e acontecimentos em seu percurso e a tradução do *olhar* do escritor-viajante sobre eles.

Entre os anos de 1979 e 1980, o escritor português José Saramago percorreu seu país e desta deambulação resultou o livro *“Viagem a Portugal”*, 1981. Por entre os locais visitados e as passagens percorridas, permitiu-se observar, vivenciar e descobrir inúmeros protagonistas, entre as paisagens, costumes, gentes, percalços e contentamentos, considerações e constatações, trajetos estabelecidos e novas digressões, detendo seu *olhar* aos detalhes que fazem da viagem e das experiências dela resultantes, uma fascinante exploração, permeada pelo encontro e desencontro do viajante consigo mesmo e com o outro. A respeito da obra o autor salientou:

Não é um guia turístico; quer dizer, não é um livro prático. Eu contribuo com a minha *sensibilidade de escritor*. Fala-se de Portugal mas, naturalmente, *por trás desse olhar há uma pessoa que narra*.¹

A narrativa de viagem surge, portanto, do cruzar do viajante com o autor. A viagem, “no mundo e no papel”, é entendida por Saramago como um ato de descoberta, do qual se sobressai o *olhar* sensível e disposto do viajante, e, por meio deste, o conteúdo se delineia, de maneira análoga à trajetória que o projetou, ou seja, diante e a partir da viagem. Como descreve Claudio Magris no *não* prefácio do livro:

Partir, deter-se, voltar para trás, fazer e desfazer as malas, anotar no seu caderninho a paisagem fugidia, que se esboça, que se recompõe, enquanto se atravessa (...). E depois retocar, apagar e reescrever esses apontamentos, nessa contínua deslocação da realidade para o papel e vice-versa que é a escrita, neste sentido muito semelhante à viagem (Saramago, 1981, p. 11).

É sob esta perspectiva do *olhar* do escritor-viajante que este estudo do campo da comunicação sobre conteúdo se assenta ao apresentar o resultado de uma investigação qualitativa a respeito da sua construção sob a ótica do *olhar* na escrita feminina. Ao nomear o gênero literário de viagem e a autoria feminina e portuguesa como elementos fundamentais, arrolando-os em um *corpus* de obras contemporâneas, foi realizada uma leitura crítica do ponto de vista de diferentes categorias do *olhar*, extraídas das experiências descritas pelas viajantes a respeito dos locais que visitaram. Alicerçada nesta análise, procurou-se inferir uma apreciação distinguida a propósito do conteúdo e das fotos que ele revelou destes sítios, consequentes tanto dos acontecimentos como das influências trazidas por cada autora e que irromperam na sua concepção.

¹ Recuperado em 20 de agosto de 2021 de <https://www.josesaramago.org/livro/viagem-a-portugal/>

Ao apresentar o conteúdo de cada literatura, isto é, o resultado do *olhar* da viajante, mulher e portuguesa, vislumbrou-se compreender suas motivações e processos de realização expressos na maneira como elas observam e descrevem, consolidando uma performance literária de gênero e que ilustra um retrato de cada lugar de forma particular, revelado pelas diversas referências que as viajantes levam na bagagem. Estas constituem o seu repertório, como a sociedade em que viveram, sua formação intelectual, como decorreu sua história de vida e demais características que lhes são intrínsecas, e que interferiram nas escolhas e possibilidades de viagem, bem como contribuíram por estabelecer e legitimar em seu conteúdo certas convenções, reais ou ilusórias, e que, possivelmente, interferiram na interpretação sobre os locais para os quais viajaram por cada um de seus futuros leitores.

Interessa-nos, portanto, neste estudo na área de comunicação, pesquisar dentro do conjunto de obras que constituem o domínio da Literatura de Viagens portuguesa e contemporânea, um rol de escritoras- viajantes com olhares díspares, através dos quais pudéssemos expor a condição da viajante, antes e depois da experiência vivida e materializada na sua escrita, estabelecendo-se assim um roteiro particular para esta viagem de investigação sobre conteúdo.

A escolha deste *corpus* literário procurou, por fim, refletir e reproduzir um determinado período da história de Portugal, marcado por uma passagem política, econômica e sócio cultural de grandes contradições para o país, que levantou da bandeira da ordenança mas, ocasionou o êxodo por muitos cidadãos portugueses, em busca de melhores condições de vida e liberdade democrática. Cujo fim, proporcionou com nitidez a possibilidade de outras viagens e a emancipação do *olhar*, expandido-os para um *leitmotiv* de outras motivações e percepções pelas autoras.

Diante do exposto, o trabalho consubstancia uma contextualização bibliográfica ancorada em estudos desenvolvidos na área comunicação e outros campos sobre viagem e sua literatura, por meio dos quais se procurou inferir a respeito do *olhar* neste conteúdo. Analisado a partir de uma coletânea de obras de escritoras-viajantes portuguesas, questionou-se sobre os diferentes olhares: sobre si mesmas, sobre a perspectiva da observação, sobre o ambiente e sua constituição, a propósito dos

costumes e pessoas, a respeito das mulheres e o exame de um possível *olhar* de alteridade.

Assim sendo, nos concentramos em cada capítulo que constitui este estudo na descrição e problematização de conceitos históricos, sociais e literários, permeados pela caracterização identitária e de gênero, que se conectam na construção do conteúdo comunicado sob o qual incidimos nossas observações.

No primeiro capítulo tratamos de historificar a viagem, realizando uma incursão desde o seu surgimento e sua trajetória através dos séculos e apreendendo como as questões sociais, políticas e econômicas lhe ocasionaram mudanças significativas. Em seguida, nos dedicaremos à gênese das narrativas de viagem, e como a documentação dos destinos desenvolveu-se por razões científicas, históricas, pessoais e até mesmo comerciais, estabelecendo um mercado editorial e um fluxo de leitores que se retroalimentaram, com preponderância a princípio de um *olhar* masculino em autores-viajantes, e cujo desenvolvimento atingiu seu auge e foi influenciando destinos, até alcançar certa banalização nos dias atuais em que o turismo de massa se estabeleceu.

Como tema do segundo capítulo está a mulher. Analisaremos seu percurso como viajantes, as questões que permeiam e que lhe são indissociáveis em suas viagens, a importância no desenvolvimento de sua escrita e o reconhecimento da sua existência, seja no campo acadêmico como no literário, as características do seu *olhar* contidas em seu conteúdo e os substanciais contributos em toda esta construção. E nos referiremos às condições da mulher em Portugal, principalmente na atmosfera social, para compreender o meio em que estão inseridas as escritoras-viajantes e como ele tem influência tanto nos motivos, quanto nas oportunidades e constituição da viagem e da escrita.

Passamos no capítulo três à descrição minuciosa do método de trabalho, definindo e exemplificando o processo da análise de conteúdo qualitativa estabelecido pela pesquisadora Laurence Bardin, sob o qual propomos realizar a apreciação das obras elegidas, observando semanticamente os diferentes olhares e terminando por inferir a respeito das características que compõem o *olhar* no conteúdo apresentado.

No ultimo e quarto capítulo apresentamos as autoras-viajantes e as obras que foram tema da análise. Esmiuçamos, com base nas categorias do *olhar* cada um dos textos, sistematizando-as de maneira a estruturar a sua apreciação e sermos capazes de realizar a devida inferência que a análise de conteúdo pressupõe para o alcance de seu resultado. Apresentamos por fim as considerações, com a validação da questão do estudo e dos objetivos determinados na metodologia, sobre os quais apresentamos o entendimento e a conclusão.

Viagens e narrativas são consequência de evolução histórica, das motivações e contextos de cada periodo e das experiências e sensibilidade do *olhar* das autoras-viajantes. A realização desta pesquisa em comunicação versa sobre a compreensão no tocante ao conteúdo, mas e entretanto, almeja o propósito de contribuir para esta área de estudo mas, também, para a determinação e conhecimento de um conjunto de obras viático de autoria feminina e, principalmente, portuguesa, que inseridas e sob a influência de sua época, compõem este domínio literário de maneira singular, deixando seu valioso contributo na história da literatura de viagens.

1. A Viagem & sua narrativa

O que se compreende por *viagem*? De maneira denotativa *viagem*, substantivo feminino, significa “deslocar-se de um ponto para outro distante; percurso para se deslocar a algum lugar; espaço que se percorre durante uma jornada”.² Esta definição contida no processo de deslocamento, de transitar do ponto A para o ponto B, tem sua dimensão alargada a respeito do significado de viagem se pensarmos, de início, somente em palavras e seus significados como: partir, visualizar, observar, conhecer, explorar, absorver, reconhecer, vivenciar, chegar. Dentre tantos outros possíveis, mas que, como estes, inferem uma dada participação ativa do indivíduo viajante, que vai desde a escolha do lugar, a motivação, a preparação, a logística necessária, a disposição, o envolvimento com o local visitado, o retorno e as possíveis transformações subjetivas resultantes deste processo.

Sônia Serrano em seu livro “*Mulheres Viajantes*”, (2014, p.15), cita Agustina Bessa, e contribui com esta tentativa de compreensão diante do questionamento, “O que é viajar? Começa uma pessoa por temer o conflito com a sua rotina, e isso é já atmosfera moral de uma viagem.” E nos apresenta a seguir a perspectiva do cânone viajante, Paul Theroux, para o qual “viajar significa perder a inocência”, “é uma fuga ao inalcançável, que nos obriga a assumir o desconforto e a solidão e a interromper arbitrariamente a vida a que estamos habituados em um determinado lugar sem poder dar uma explicação racional” (Idem, p.16).

Todorov (2006) nos devolve a pergunta com uma certeza: “O que *não* é uma viagem? Por menos que se dê um sentido figurado a esse termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte?” e tudo o que ocorrer no meio disto tudo.

E, novamente, citando Serrano, para a autora esta reflexão constituiu uma perda e um encontro de significados, mas, principalmente, infere sobre a participação do viajante e

² Recuperado em 20 de julho de 2021 de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/viagem/> & <https://dicionario.priberam.org/viagem>

sua capacidade em permitir-se observar, *olhar*, ver a legítima significação da viagem, transcendendo o deslocamento, onde concluiu que:

Viajar é essencialmente *descobrir*, descobrimo-nos a nós e o reflexo de nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobrimos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas. Mas, *é preciso saber ver*. (...) O que importa é o que se vê e como se vê, o *processo de transformação mental* que se opera e nos transforma. (Serrano, 2014, p. 17)

Corroborando com este entendimento sobre a significação da viagem em *descobrir* e a necessidade em se apurar o *olhar*, nos transportamos para um breve entendimento sobre seu histórico, para possíveis ponderações a respeito de sua evolução e as possibilidades que foram se expandindo aos viajantes masculinos e, no ponto que nos interessa neste estudo, às viajantes femininas e, em seguida, para a compreensão sobre o papel que estas foram assumindo, de maneira especial, no que diz respeito à construção do conteúdo na literatura de viagem ao longo da história.

1.1. A viagem através da história

O ato de viajar teria como marco inicial a Odisseia narrada por Homero, que é descrita como o conto mítico de retorno do viajante Ulisses à sua casa. Para além do deslocamento em si, o protagonista teria vivenciado uma viagem de descobertas e de novos sentidos subjetivos, diante dos perigos e tentações vivenciados em sua trajetória. Já no século II a realização dos percursos se tornou facilitada e promovida pela paz e a composição das estradas que foram se construindo. Soma-se a estes fatos, o advento do Cristianismo como religião oficial do Império Romano e a sua expansão, com a fundação de novas cidades vinculadas à autoridade em Roma. Inúmeras peregrinações passaram a ser executadas com fins espirituais e religiosos dentro e fora do reino,

principalmente, à Terra Santa. “Pela primeira vez na história dava-se resposta à necessidade de viajar” (Serrano, 2014, p. 19).

A viagem com este caráter continuou a motivar uma grande amostra viajantes que cruzavam o território mediterrânico romano. O símbolo maior da fé contudo, era depositado em Jerusalém que foi conquistada pelos árabes em meados do século. A igreja passou então a promover outro tipo de viagem, as Cruzadas, sob a nova égide da conquista. Como descreve Serrano este fato é importante por influenciar direta e posteriormente “a forma como se viveu a viagem na Europa Ocidental (...) O ocidente europeu foi transitando do paradigma da peregrinação para o das cruzadas, dando origem a um modelo de relações de agressividade e de superioridade face a outras culturas” (Idem, p.20).

Este aspecto se manifesta seguramente nas viagens executadas a partir do século XV, denominadas viagens de missões, que têm no pensamento Renascentista o baluarte promotor do descobrimento de novas terras e povos. Despontam e expandem-se as grandes navegações marítimas cujas viagens, novamente provocadas por uma evolução no meio que possibilitava a realização do percurso, passam a ser documentadas sob a forma de relatos de cunho majoritariamente etnográficos a propósito de narrar o que estava sendo “descoberto”. O *olhar* é meramente descritivo e documental. Transição esta que é arrematada por Fernando Cristóvão (1999, p.36) em seu livro ao salientar:

Outro é o tempo e outra a demanda dos novos viajantes das descobertas patrocinadas por um Deus único (ainda que as vezes sob o disfarce teórico da mitologia politeísta), que não obedecem aos ditames de múltiplas divindades pagãs. Rumam agora para o “Novo Mundo”, e querem dar “novos mundos ao Mundo”, deixando as velas rotas.

Esta trajetória na mudança de perspectiva e das motivações dos viajantes é ratificada também por Romano (2013) nesta descrição onde sublinha a síntese da história da viagem:

As pessoas sempre viajaram, pois há referências sobre esse tema já em textos, imaginários ou supostamente verossímeis, da Antiguidade, como a Odisseia, de Homero, ou as Histórias, de Heródoto. Mas as viagens que se estendem desde a Antiguidade até inícios do século XIX eram motivadas principalmente por fins práticos; em geral, cumpriam razões de Estado, testemunhadas, por exemplo, nas paredes do Palácio de Persépolis, que ilustram as missões diplomáticas na Antiga Pérsia do rei Dario; religiosas, como Édipo indo a Delfos consultar o oráculo; ou comerciais, registradas, por exemplo, no Livro das Maravilhas, de Marco Polo. Principalmente os comerciantes frequentavam as estradas e os caminhos marítimos (Romano, 2013).

O descobrir e o *olhar*, a que Serrano referiu-se anteriormente, entretanto, ainda não estavam presentes. A autora ressalta que estas expedições de descobrimento levam na bagagem “o objetivo de submeter e dominar. A motivação é tanto comercial quanto política, mas ainda não se assiste verdadeiramente a uma curiosidade pelo Outro. (...) O Outro será alguém a dominar” (2014, p, 21).

Uma perspectiva a enfatizar sobre este período na história da viagem é o percurso português, marcante para o país e que representa um inventário significativo de conquistas de terras ao redor do mundo. A descrição apresentada por Maria Benedita Araújo (1999) realça esta relevância, ao destacar:

O mar, caminho de esperança e de fartura nessa vida e de redenção na outra, estendia-se bem junto ao pequeno reino das costas ocidentais europeias, Portugal. E desde cedo, lançados na faina da pesca e do comércio, os portugueses haviam percorrido as rotas costeiras em busca de áreas piscatórias promissoras. Depois, quando o avanço da técnica permitiu, as embarcações foram-se fazendo cada vez mais ao largo, na busca progressivamente mais longínqua de terras, gentes e produções ricas. (...) O que levou a concretização do acontecimento que foi, pelos resultados, a mais importante das viagens dos

portugueses – o descobrimento do caminho marítimo para a Índia (Araújo, 1999, p. 399).

No navegar destas descobertas, a narrativa portuguesa de viagem apresenta seus primeiros textos célebres, como os textos de Camões e a carta de Pêro Vaz de Caminha denominada, “*Carta de Achamento do Brasil*,” ao Rei D. Manuel I, após o acontecido de 22 de abril de 1500. Neste relato, o Outro, o indígena brasileiro, é posto em uma posição a ser dominado, tamanha a sua “inocência e docilidade” e, assim, passível de ser “salvo e evangelizado” pelo visitante desconhecido e inesperado. “Conhecer o Outro para o tornar igual a nós” (Serrano, 2014, p. 21) era o que interessava.

Passado este período das navegações de descobrimento emergem na Europa nos séculos XVII e XVIII as viagens motivadas pelo projeto político-econômico e expansionista do comércio e pela necessidade de documentação científica do “Novo Mundo”. O desenvolvimento de uma classe burguesa motiva o patrocínio de viagens às terras colonizadas com o intuito do reconhecimento das riquezas, muitas já descritas como existentes nas primeiras narrativas de viagem dos navegadores-descobridores, fossem elas minerais ou naturais, o que estimula um novo ciclo entre os mares, de investimento e para a ascensão comercial. Estas finalidades dão início ao “*Pós-colonialismo*”, termo que a pesquisadora Mary Pratt faz menção em seu livro, “*Os Olhos do Império – Relatos de viagem e transculturação*” (1999) e ao qual faz a seguinte crítica:

O termo é útil se se refere ao fato de que as manobras do colonialismo estão atualmente disponíveis para uma reflexão crítica em caminhos que não estavam até agora. Mas ele é utilizado para significar o oposto: que as manobras do euroimperialismo foram deixadas para trás e que nem de longe são relevantes para produzir o mundo. (...) “*Pós-colonial*” autoriza um certo desengajamento numa parte de intelectuais metropolitanos e cosmopolitas, renovando sua licença para funcionar inconsequentemente como *um centro que define o resto do mundo como periferia* (Pratt, 1999, p.17).

As viagens pós-coloniais promovem, paralelamente, verdadeiras expedições de cunho científico que “oferecem à Europa um novo desígnio da sua *centralidade geográfica*: o da sistematização da natureza. No Novo Mundo descobre-se um território fértil para estas incursões” (Serrano, 2014, p. 21), sendo a viagem empreendida por Alexandre Humboldt à América do Sul um marco importante para a propagação destas investigações e, consequentes narrativas dos viajantes, como aponta Miriam Lifchitz Moreira Leite (2000) em seu artigo “*Mulheres viajantes no Séc. XIX*”:

Quando Alexandre Humboldt traçou o projeto de exploração e mapeamento do globo e dos continentes, no fim do século XVIII, enumerou a necessidade de estudo das plantas, dos animais e dos minerais, mas também dos homens, costumes e línguas encontrados. A maioria dos viajantes foi inspirada por esse projeto global de pesquisa, mesmo quando tinham propósitos políticos mais explícitos. Dentro da ambição de *europeização do mundo*, floresceram as Ciências Naturais, que inicialmente abrangiam a História da Natureza, em que as Ciências Sociais deram seus primeiros passos.

Neste mesmo percurso da expansão político-econômica e social europeia, surge no século XVIII o que foi denominado de *Grand Tour*. Efetuado pelos filhos das classes burguesas, este tour significava, segundo esclarece Serrano (2014, p. 22), um “conceito de viagem que consistia numa espécie de ritual de passagem social, que se iniciava quando acabavam os estudos, e que podia durar entre um a cinco anos, durante os quais conheciam as riquezas culturais de alguns países europeus”. Seu intento era promover entre estes jovens a expansão do conhecimento, de modo a prepará-los para os desígnios vindouros que deveriam assumir junto aos negócios da família.

No decorrer deste ciclo, no século XIX a Europa passa a conceber o avanço da revolução industrial, o desenvolvimento pujante das cidades e do setor financeiro, o que levou à criação da primeira versão do *Traveller's Check*, por exemplo. Em finais do século, com o trabalho remunerado e, consequentemente, as férias e demais subsídios, emerge uma

atmosfera sob a qual “se começa a discutir o conceito de lazer e de dias de descanso. Não é de se estranhar, assim, que os países mais modernizados tenham sido aqueles que produziram mais *turismo*” (Serrano, 2014, p. 22).

Sobretudo com a melhoria significativa dos serviços de transporte “mais rápidos e acessíveis (comboios, veículos motorizados, navio, avião), um novo imaginário viático passou a estar ao alcance de quase todos” (Cristóvão, 1999, p. 29). Com o desenvolvimento do público surge, nesta mesma altura, a primeira agência de viagens planeada pelo inglês Thomas Cook.

Seu empreendimento promoveu os primeiros “*pacotes*” e outras tantas “facilidades para o maior número, ao mais baixo preço” (Idem), desenhados à medida do gosto e bolso do freguês, que estava instigado com a possibilidade de empreender incursões pelo mundo. E é isso que se constata com as inúmeras possibilidades de viagem que se expandiram sobremaneira entre as classes sociais da Europa, dando origem ao que hoje conhecemos por *turismo* que, com seu desenvolvimento, “generalizou, democratizou e banalizou a viagem” (Ibidem).

Serrano elucida a respeito desta trajetória e os significados que podem ser verificados na viagem até o desenvolvimento do turismo. Primeiro, cita o autor Paul Fussell, que descreve em sua obra “*Abroad*”, “que antes do turismo existia a viagem e antes dela a exploração, e que cada uma destas formas corresponde a uma época histórica: a exploração, ao Renascimento; a viagem, à era burguesa; o turismo, à era do proletariado” (Serrano, 2014, p. 23) e a autora formaliza com o seguinte comentário:

Cada explorador, viajante e turista realiza efetivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparados pela publicidade (Idem, p. 24).

Os estudos na área de turismo, permitindo-nos uma referência a este campo, debruçam-se na tentativa de compreensão deste fenômeno e das características que distinguem turistas e viajantes, ao promover o debate sobre a massificação e a busca por olhares e descobertas autênticas na jornada que os indivíduos se impõem ao partir em viagem. Como pontua a Doutora Graça Joaquim ao citar o sociólogo inglês, John Urry, cujo trabalho desenvolveu-se na área do turismo e mobilidade, neste trecho de seu Doutorado em Sociologia:

O viajante está, na literatura turística, conotado com o individual, a descoberta, as deslocações de longa duração, o recurso aos transportes, gastronomia e alojamento locais. A experiência do viajante aparenta ser caracterizada pelo esforço, pela ausência do conforto ocidental e pelo encontro com o Outro no contexto dos seus modos de vida. O viajante tem tempo. Aprende. O turista é apressado. Consome. E este consumo realiza-se sobretudo na cultura visual, onde o espetáculo e a imagem se tornaram o ingrediente por excelência do ato turístico (Urry,1990;1992a;1992b;1995 In Joaquim, 2012, p.2).

Por fim, subentende-se que acompanhar a evolução por que passou a humanidade ao longo dos séculos permiti-nos inferir sobre a história da viagem e vislumbrar as mudanças nela ocorridas, nas motivações e no tipo de viajante. As narrativas e as particularidades do *olhar* no seu conteúdo acompanharam estas transformações e foram sendo desenvolvidos à medida da finalidade, mas, também, da sensibilização e apuração que o *olhar* do escritor-viajante foi adquirindo entre estes períodos históricos. Suas características estão impregnadas pelas questões político-econômicas e, simultaneamente, socioculturais de cada época.

1.2. A literatura de viagem

Os relatos de viagem são tão antigos quanto as próprias viagens – ou mais. A primeira grande vaga de viagens modernas é a do fim do século XV e do século XVI; ora, naquele momento, e por mais que isso pareça paradoxal, os relatos precedem as viagens. Desde a alta Idade Média, relatos mais ou menos fantasistas gozam da simpatia do público e mantêm acesa sua curiosidade. (Todorov, 2006).

Pode-se assumir que o ato de viajar e o de narrar são ações quase indissociáveis na história. À medida que o ser humano passou a cruzar terras e mares e a realizar os mais distintos tipos de viagem, foi impulsionado a documentar o que chamou a atenção do seu *olhar*. Ao relatar a viagem sob diversos aspectos, desde as suas razões, os acontecimentos, os lugares, as tradições, as pessoas e, ao mesmo tempo, introduzir na narrativa suas particularidades, oferecendo contorno próprio ao itinerário e à experiência do seu percorrer, o autor-viajante contribuiu para o desenvolvimento de uma vasta literatura. É desde a expansão ultramarina dos séculos XV e XVI que os registros destas viagens pelos primeiros navegadores é datada como o nascimento do gênero literário, “data esta que continua perfeitamente aceitável, não só por se ter atingido, a partir de então, a plenitude da expressão deste tipo de textos”, como documenta Cristóvão (1999, p.24).

1.2.1. Definição & desenvolvimento

Enquanto subgênero literário, a literatura de viagem teve reconhecimento tardio, uma vez que, dentre outras razões, foi difícil determinar uma classificação homogênea e atribuir uma feição de conjunto aos diversos tipos de obras literárias que tinham na viagem a sua temática principal. Examinamos que isso ocorre, principalmente, pela “natureza compósita e interdisciplinar de textos cruzados pela Literatura, História e Antropologia” (Cristóvão, 1999, p. 16).

A variedade de motivações viáticas resultaram num grande número de tipologias estabelecidas para sua nomeação e categorização. Ao situar a viagem ao longo da história como um ato marcado por incontáveis temas e fatores, como os políticos, econômicos, sociais, científicos, espirituais, culturais, entre outros, isto deriva para a construção de um conteúdo, preponderantemente, diverso e amplo.

Estas tentativas de catalogação expandem ainda mais o contorno da literatura e não a encerra, mais uma vez, em um único estilo ou uma classificação para o gênero, como explica Cristóvão (1999, p. 37): “todas as taxinomias têm as suas boas razões e lógica própria, mas, de um modo geral, não assentam num critério definido do que é a Literatura de viagem, o que, naturalmente, lhes diminui o alcance” da tentativa.

Quando o tema é a literatura de viagem nos deparamos com um *corpus* literário heterogêneo e complexo, pelo que o autor se distancia das inúmeras interrogações, “hesitações e oscilações terminológicas”, que têm enfoque na necessidade em se estabelecer uma definição categórica para o subgênero, as quais Cristóvão acredita contribuírem para uma discussão infundada e acabar por estabelecer “um entendimento muito estreito e formalista das literaturas, do que para uma concepção ampla de uma estética e de um saber de muitos séculos” (Idem, p. 16).

Apesar de compreender a necessidade de questionamentos e corroborar com as contribuições que eles trazem na tentativa de catalogação do subgênero, o escritor aproxima-se da concepção para a Literatura de viagem que leva em consideração “como os textos foram recebidos pelos leitores e pelos outros integrantes da chamada instituição literária ao longo dos séculos” (Ibidem), além de suscitar que, devido à inerente “evolução social e cultural das sociedades”, a literatura em si está “sujeita a mudanças de interpretação que não a negam, antes descobrem, evidenciam, ocultam ou minimizam facetas do seu ser polimórfico e polissêmico” (Ibidem, p. 19). Como instituição literária o autor nomeia e define:

(...) autores, escolas, grêmios literários, academias, associações de críticos e historiadores literários, editoras, publicidade e, maximamente, pelos leitores. É

esse grande júri, se assim nos podemos exprimir, que regula a produção, a comunicação e o consumo do “mercado dos bens simbólicos”, na expressão de Pierre Bourdieu e que, para além das flutuações conjecturais, e a modo de comunidade, confere estatuto social ao teto literário e o seleciona como tal. Contudo, neste reconhecimento do vasto e diversificado *corpus* da literatura de viagem, foi sobretudo aos editores e leitores que coube a iniciativa (Cristóvão, 1999, p. 21).

Vale aqui estabelecer um paralelo entre a tentativa de definição do gênero literário com o desenvolvimento do mercado editorial e dos leitores da Literatura de viagem.

Com o desenvolvimento da prensa pelo alemão Johannes Gutemberg, em 1450, os países, principalmente europeus, passaram a imprimir o que antes era manuscrito, à medida que incorporaram esta tecnologia, incutindo tanto rapidez como volume ao mercado editorial. Na mesma linha, o grupo de leitores crescia e ansiava por ler e conhecer a respeito dos novos territórios.

Do século XV até o século XVII o Renascimento promoveu a “abertura de mentalidade” contribuindo para a maior aceitação e “plenitude de expressão deste tipo de textos” de viagem (Idem, p. 24). Em meados do século XVIII dois fatores colaboraram para nova expansão das narrativas de viagem, o advento do naturalismo e a realização das expedições com este fim. O levantamento e a documentação da fauna e flora passou a compreender uma das motivações históricas dos viajantes para além das comerciais, chamados em alusão de *naturalistas*, cuja viagem abrangia, também, o relacionamento e o “estudo dos povos encontrados”, conforme salienta Miriam L. Moreira Leite, em sua publicação “*Livros de Viagem*”, 1999. A autora acrescenta:

Para eles o viajante não era mero espectador, mas sim um ator da paisagem, observador atento da realidade, exercitando diante dele a arte de pensar, desprendendo-se do seu mundo imaginário para dirigir sua atenção ao mundo real e imaginário do outro, que ali encontrava. Fazia isso através de um

planejamento de objetivos e etapas, arrematados por uma memória final que deveria ser o fundamento para a sugestão de tipos variados de reformas e aperfeiçoamentos (Leite, 1999, p. 17).

Um *mercado editorial* termina por desenvolver-se acompanhando a expansão do número de narrativas e no público leitor. O termo “Literatura de viagens” (Cristóvão, 1999, p. 23) foi calcado como conceito pela literatura inglesa, de onde foram elaboradas as primeiras obras em caráter de coletânea e nomeados com esta nomenclatura os livros publicados entre os anos de 1700 e 1900. Houve uma profusão de publicações, a respeito da promoção o autor acrescenta:

Mas quem verdadeiramente impôs o gosto pela Literatura de Viagens, aproveitando o clima criado por estas obras, foram sobretudo os editores de coleções de viagens que popularizaram textos originais ou adaptados, não hesitando mesmo em alterá-los em função do gosto do público (Idem, p. 26).

Neste contexto, um dado importante está em que a “hegemonia editorial é claramente inglesa e claramente anglófila” (Ibidem, p.27) neste período que se estabelece e perpetua-se na época Vitoriana do séc. XIX, por “privilegiar os relatos dos feitos marítimos ingleses” (Idem, Ibidem) que marcam o período Pós-colonial e de expansão do comércio e da vida urbana na Europa.

O interesse de editores e leitores por essa temática e publicações foi crescente, fato este ratificado por Mary Pratt em seu livro “Os olhos do Império – Relatos de viagem e transculturação”, 1999, que pontua como uma das possíveis razões para o incremento da literatura de viagem neste período poder estar no fato das obras possuírem um teor no qual se subentendia que “nos termos incorporados pelo naturalista, a autoridade e legitimidade da autoridade européia são incontestáveis — uma visão indubitavelmente atraente a leitores europeus” (Pratt, 1999, p.99).

Durante o século XVIII e nos seguintes, editores incrementaram as publicações de temática viática, aglutinando-as em coleções, inserindo gravuras, mapas e ilustrações. O gosto dos leitores passou a requerer outras exigências junto às editoras até o momento de uma total mudança nos hábitos de leitura que ocasionou o “colapso editorial” da literatura de viagens, muito provocado pelo desenvolvimento do *turismo*. Este acontecimento é ressaltado por Cristóvão no seguinte trecho:

Quando o barco foi substituído pelo comboio, e os critérios e práticas gregárias preferiram os jornais e os telegramas das agências noticiosas às narrativas longas. O turismo alterou completamente os hábitos ancestrais da viagem, da leitura e da narração, fechando um ciclo da literatura de viagem e iniciando uma realidade diferente. (Cristóvão, 1999, p. 28).

Em Portugal incansáveis autores tentaram estabelecer uma definição a respeito do gênero viático. Seja pela aglutinação de obras de diferentes naturezas e áreas de estudo, ou pelas “flutuações terminológicas e suas ambiguidades” (Idem, p. 23), não se conseguiu chegar a um denominador comum sobre o gênero a contento no país. Na obra *“Diário da Literatura Portuguesa”*, organizado por Álvaro Manuel, 1996³, a definição de Literatura de viagem é propriamente enunciada, como apresenta Cristóvão: “traduz já a nomenclatura moderna, consagrando a expressão que dá nome ao verbete “literatura de viagens”, em acepção já ampla no contexto europeu” (Ibidem). O autor identifica algumas razões para tal ocorrência:

A primeira delas é a de que resultam de uma ausência de reflexão aprofundada sobre a questão, e do grande peso que a historiografia nacional dos Descobrimentos sempre exerceu na produção escrita dos séculos XV a XVIII, bem

³ Dicionário de Literatura Portuguesa, Lisboa, Presença, 1996

como da falta de um cotejo comparatista em relação a outras literaturas com problemas semelhantes (Idem, Ibidem).

Para Cristóvão outra tese para a dificuldade de definição em Portugal para a Literatura de viagem, seria em consequência de inúmeros conceitos e das “hesitações taxinómicas ou de confusões entre gêneros”. O autor acrescenta que “uma vez que não tenham existido propostas com vista à elaboração de uma tipologia das espécies deste subgênero, porque a preocupação maior foi a de se avaliar a presença do tema da viagem na expansão da literatura portuguesa” (Cristóvão, 1999, p. 23). Questão que não foi particular somente no país, mas que foi ultrapassada mais rapidamente em outras literaturas europeias, sendo, como já posto, a inglesa a pioneira em meados de XVII.

Todo este processo de reconhecimento e apropriação da Literatura de viagem ratifica o quanto estas narrativas estão inseridas no contexto histórico e em um cenário literário nomeadamente multidisciplinar, sob o qual infere-se a dificuldade em se impor delimitações.

O subgênero literário de viagem é resultado de diversas referências e experiências, mas isso está longe de lhe atribuir uma classificação ambígua. Ele assegura-se sob a chancela das instituições e do seu júri de editores e leitores, e se assenta como um conjunto de obras particular e que não se estagna, pelo contrário, mantém-se em constante reinvenção.

1.2.2. Escrita & características

Compreendida por muitos autores como sendo fonte significativa da história social dos locais e dos povos que foram fonte de inspiração temática para o desenvolvimento do seu *corpus* literário (Leite, 1997; Cristóvão, 1999; Machado, 1999; Pratt, 1999; Torrão, 2011; Serrano, 2014), a literatura de viagem está sujeita à interferência em sua caracterização, sobre como ocorreu a constituição do *olhar* do escritor-viajante, de maneira prévia e ao chegar ao seu destino.

O caráter intertextual das narrativas de viagem é uma de suas características mais acentuadas e está diretamente relacionado ao seu sentido essencial, que é a ação de transportar-se de um ponto a outro, baseando-se em uma cartografia já manifesta por outros viajantes. Esta passa a ser utilizada como citação pelo novo viajante, fruto de leituras e de experimentações, que as retoma ao constituir o seu próprio *olhar* e narrativa. Ao estabelecer estas conexões compõe uma escrita por cima de outra. Estas características são pontuadas pela pesquisadora, Maria de Fátima Outeirinho:

Na verdade, a narrativa de viagem que se expande e procura legitimar-se enquanto género no século XIX, investe grandemente na convocação de uma biblioteca mental de que o viajante é portador, na construção e afirmação de uma tradição do género, dando a conhecer sinais de pertença a uma família de textos e autores com os quais dialoga nem que pela mera alusão. (Outeirinho, 2008).

Esta questão da intertextualidade perpassa pela da identidade e pelo campo da subjetividade do autor-viajante, permeadas por um incontável grupo de referências e influenciadas pela herança sociocultural que lhes é inerente, e que influenciam espontaneamente no *olhar* deste narrador e no conteúdo resultante de sua escrita. Como ilustra o estudioso Amílcar Torrão (2011), para ele:

Os livros de viagem fornecem um testemunho ocular, informações que nenhum outro tipo de fonte oferece, mas devem ser consultados com precaução, pois as opiniões dos viajantes sofrem todo tipo de variação, de acordo com seu humor, estado de saúde, bom ou mal tempo etc. Apesar da parcialidade que pode haver num relato deste tipo, eles serão sempre úteis (Torrão, 2011).

Mary Pratt (1999) estuda especificamente esta abordagem imparcial do *olhar* e como ela interfere no conteúdo da obra de viagem, ao verificar e expor que os fazeres e anseios imperialistas, os quais explora em seu livro, estavam representados nos olhares de cada um dos viajantes da época, preponderantemente, brancos e masculinos, afirmando que:

Significam obras inseridas no mundo do imaginário e das representações do real. Pois, não significam a realidade como ela realmente existia, mas sim como ela foi vista e retratada pelos viajantes, a partir de seu ponto de vista, diante das experiências que pode vivenciar e sempre de acordo com a sua formação cultural, social, política e de mundo. (Pratt, 1999).

Estas características na literatura de viagem da imposição identitária e, consequente, da imparcialidade pelo autor-viajante, interferem nas suas narrativas sobre o destino, como também, na própria constituição de como o povo da localidade descrita passa a se enxergar. Pratt reforça esta condição ao perceber como o *olhar* do imperialismo cooperou para “construir uma nova consciência planetária ao desbravar o interior da América e da África, desde meados do século XVIII e durante todo o século XIX” e o afirma como:

(...) agente responsável pela construção de visões de mundo, autoimagem, estereótipos, étnicos, sociais, geográficos entre outros, e que se legitima não apenas pela dominação externa, visível através de relações econômicas e políticas, mas pela interferência direta nas mentes das pessoas com ele envolvidas (Idem).

A autora Maria Helena P. T. Machado (1999), numa reflexão a respeito do livro de Pratt, e o *olhar* europeu sobre a América e África no decorrer do expansionismo político

comercial pós-colonial, acrescenta a seguinte ponderação acerca do *olhar* de autoridade e alteridade que um ou outro autor possa imprimir sobre aqueles que estão sob a ótica de sua narrativa. Os atributos utilizados por estes autores são absorvidos pela sociedade descrita e, supostamente, pelo público leitor, sem as devidas consideração e observação entre a realidade e a sua construção, marcada, muitas vezes, pelo irreal:

Enquanto base de um gênero literário a literatura de viagem serviu para suprir as necessidades de cultura, educação e lazer das nascentes classes médias européias e norte-americanas, construindo, entre outras coisas, um repertório comum a respeito dos povos selvagens e um consenso sobre a necessidade da intervenção do homem branco no mundo pós-colonial que então se esboçava (Machado, 1999).

Acrescenta-se a estas considerações uma importante observação a respeito de quem era, nomeadamente, este autor-viajante. Até meados do século XVIII, reconhece-se uma preponderância identitária e de caráter masculino na autoria de viagem, fator que imprime outra característica sobre o seu *olhar* no gênero literário.

“A história da viagem e da ciência é significativamente erigida sobre o fato de que eram estes contextos legítimos para a intimidade entre indivíduos do mesmo sexo e para uma sociedade exclusivamente masculina”, como define Mary Pratt (1999, p. 205). Definição a qual Serrano acrescenta: “Historicamente, os relatos de viagem escritos por homens tendem a centrar-se na conquista e no domínio do desconhecido, enquanto o das mulheres refletem uma atitude mais contemplativa” (Serrano, 2014, p. 46).

A realização da viagem nunca foi uma atividade promovida e desprovida de incompatibilidades do ponto de vista de gênero. A literatura de viagem evidencia que as mulheres não dispunham das mesmas passagens que os homens para onde quer que fosse, seja no campo das viagens ou da escrita, como citam Vieira e Kaminski em seu artigo:

A demarcação da ‘viagem’ por gênero, classe, raça e cultura é muito clara. A ‘boa viagem’ (heroica, educativa, científica, aventureira, enobrecedora) é algo que homens fazem/devem fazer. Mulheres estão impedidas de viajar de maneira séria (Clifford, 1992 in Vieira & Kaminski, 2018).

Para Gazzola (2008), “o ponto que se deve ressaltar é que há uma marca de gênero na significação tanto das viagens quanto dos relatos escritos por mulheres, e que as pressões decorrentes da oposição feminina definem uma diferença com relação à produção masculina”. A narrativa de viagem, sendo preponderantemente uma publicação do homem, colabora, ainda, para a construção de um imaginário que robustece a disparidade entre gêneros e promove a normatização desta realidade. Serrano acrescenta um ponto crucial da diferença entre as características masculinas e femininas nos relatos de viagem:

Historicamente, os relatos de viagem escritos por homens tendem a centrar-se na conquista e no domínio do desconhecido, enquanto as mulheres refletem uma atitude mais contemplativa, se alguma conquista existe, prende-se sobretudo com a da independência. Esta diferença talvez representasse um incentivo à escrita, pois abriria a possibilidade de novas perspectivas sobre um mesmo lugar (Serrano 2014, p.46)

Ao serem movidos pelo imaginário da conquista, são estimulados pela necessidade de transformar e imprimir desenvolvimento e riquezas nos locais que visitam e se instalam e que consideram, na maioria dos casos, aquém das potencialidades que dispõem. Além de vislumbrarem catequisar e “salvar” o Outro, nativo, da sua ignorância e dos pecados. Com um discurso heróico, de relatos de descoberta, desbravamento e enfrentamento de perigos, os homens desenvolvem suas narrativas também sob o *olhar* do fazer, de levantar todas as informações seguindo objetivos e critérios, conhecimentos que visão

garantir e colaborar com os investimentos expansionistas e o alcance do seu sucesso. Gonçalves contribui para a compreensão deste caráter do autor-viajante:

Os livros de viagem do século XIX recheiam-se de explicações sobre o que é visto no sentido de fornecer garantias de autenticidade ao texto. E é nesse sentido que a escrita desse narrador-viajante se aproxima do jornalístico, nessa compulsão pela informação. Esse escritor-viajante distingue-se do narrador dos livros de viagem do século XVI, como Jean de Lery, que, em perspectiva distinta, recorriam ao fantástico na busca de sentido para o que viam (Gonçalves, 2005)

Acrescenta-se ainda que, para os homens não faltam guias de viagem que promoviam grandes sugestões de temas, até o que eles deveriam abordar em sua viagem, como descrito por Serrano:

Os restantes dos guias escritos para um público masculino focam essencialmente, nos métodos ligados à observação científica, considerando o homem viajante numa perspectiva profissional, a quem é necessário dar informações sobre equipamentos e resenhas práticas. (2014, p. 30).

Isto posto, discute-se como questões finais que, o conteúdo é reflexo de uma viagem real, mas que é descrito sobre a perspectiva do *olhar* do autor-viajante. O desenvolvimento está submetido a interferências de toda ordem e que são reveladas de forma imaginária na obra final, expondo os contrastes do *olhar* do autor e, inferindo a respeito destas influências e o que elas podem causar no imaginário coletivo da sociedade representada.

Por fim a pesquisadora Fátima Outeirinho acrescenta, ainda, outra reflexão que leva em consideração o leitor e a receptividade do texto em relação ao gênero do autor-viajante, ponderando que “a literatura de viagens, domínio de instabilidade genológica

legitimada pela sua poética desencadeia no plano da receção um horizonte de expectativas assente numa conceção predominantemente referencial do género” (Outeirinho, 2020).

2. A mulher – Viajante & escritora

É de facto possível fazer a história das viagens sem mencionar a mulher. E é o que verdadeiramente acontece nos livros dedicados à literatura de viagens ou mesmo nos artigos de jornais que, com alguma frequência, dedicam dossiês ao assunto. É possível, mas não é justo: uma importante fatia da crônica da literatura de viagens é precisamente a das viagens feitas por pessoas a quem se vedava essa oportunidade. Para empreenderem a viagem desejada, as mulheres tinham de lutar contra muitas resistências. Não gostaria de as mitificar, mas apenas prestar-lhes a justa homenagem, através da memória das suas biografias, testemunhando o seu espírito de aventura, a sua coragem e o gosto que as levou a lugares aonde muitos hoje não se arriscariam. (Serrano, 2014, p. 25).

2.1. A viagem para a mulher

As mulheres sempre viajaram, mas a marcação de sua presença na história viática começa em fins do século XVIII, quando se inaugura a viagem de fórum íntimo e pessoal, que se caracteriza pela permanência das mulheres, mesmo em viagem, ligadas às vocações sociais da época e, portanto, assumindo a perspectiva mais observadora das experiências que as circundavam. No século seguinte, a viagem para a mulher evolui para a de motivação burguesa e exploratória das riquezas naturais. Período o qual se tem conhecimento de célebres viajantes que empreenderam verdadeiras viagens especulativas e documentais. Movimento que Constância L. Duarte e Zahidé Muzart (2008) descrevem da seguinte maneira:

E, se consideramos as condições em que os deslocamentos eram realizados, as enormes distâncias, o desconforto de navios, carros de bois e ferrovias, além dos perigos de toda natureza a que estavam sujeitos, causa espanto encontrar tantas mulheres, dentre os viajantes, que ousaram deixar a segurança de seus lares,

suas famílias e enfrentar o preconceito, as novas fronteiras, o desconhecido (Duarte & Zahide, 2008).

A experiência de viagem vivida pela mulher é acompanhada de restrições, constrangimentos, precauções e perigos, coisas que não ocorriam ou tinham outros significados para o homem. Em muitos dos relatos das mulheres-viajantes podemos verificar e confirmar alguns destes atributos e como eles interferem na maneira como a mulher realiza sua viagem.

Serrano (2014) examina bem a dicotomia homem x mulher, em duas passagens que transcreve do livro *"The art of governing a wife"*, de 1747, no qual há a afirmação veemente sobre qual seria o lugar do homem e o lugar da mulher na sociedade até então, colocação esta que está, ainda, no imaginário social em muitos países.

Primeiro sobre o homem: "É suposto os homens irem para fora e arranjar a vida, lidar com outros homens, tratar de todos os assuntos de portas abertas". A qual Serrano acrescenta o seguinte comentário: "O mundo dos homens é o mundo do exterior, do visível" (Serrano, 2014, p. 28).

Das mulheres se espera que "assentem e poupem, tomem conta da casa, falem com poucos, guardem tudo dentro delas". Portanto, "o mundo do interior, do invisível, da ausência de descobertas". E, caso saíssem, isso deveria ser feito acompanhada e levada por um homem, visto que "apenas a mão do marido as poderia guiar", e a autora acrescenta "a mulher não tem nada que ver o mundo antes. Ele leva-a, ele inicia-a", em uma citação de fala de Henrietta Reubel de 1892 (Idem).

A pesquisadora Margareth Gonçalves acrescenta que "a percepção de viajantes, das esferas privada e pública, foi conduzida pelo processo de constituição de uma ordem burguesa na Europa que paulatinamente se diferenciava da matriz social que formou a medievalidade" (Gonçalves, 2005). Burguesia esta que passou a financiar viagens e expedições para diversos países da América do Sul e África, com foco na identificação das riquezas para os seus fins expansionistas, como relatado no capítulo 1.

Mesmo diante deste cenário já delimitado para elas, a mulher viaja e define seu próprio itinerário, inscrevendo-se bravamente na história viática. O abrir das portas a esta nova vocação que tentavam estabelecer começa a escancarar-se a partir do século XIX, quando francesas e inglesas vitorianas, principalmente e já também letradas, partem para a exploração do mundo de forma sistemática.

Neste ensejo, começam a surgir os primeiros guias, sob a forma de manuais práticos e de etiquetas, para as viajantes. Enquanto os guias de viagens tradicionais previam, e eram então escritos para um passageiro masculino, estes livros lembravam às mulheres questões de todo gênero. No *“Dicas para as mulheres viajantes”*, a escritora Lillias Campbell, citada por Serrano (2014, p. 28), define, somente, 59 capítulos com preciosas dicas, que vão desde uso das casas de banho, a se preparem para levar sacos de água quente e chás.

Apesar de direcionados à mulher e à possibilidade da viagem e procurarem proporcionar ajuda na sua preparação com fins à realização, estes livros evocam a permanência da viajante no lugar invisível de antes. Seja pelos perigos a que se expõem, seja pela manutenção da vocação feminina ao interior. Mesmo que ele se expanda, a mulher deve ser capaz de contornar situações adversas e manter-se sob a perspectiva já estabelecida para ela.

No fundo, estes livros procuram assegurar que as mulheres respeitem as regras de decoro, submissão e passividade que devem guiar a sua conduta na casa, precisamente no momento em que estão a violar estas regras ao saírem e viajarem. A violar as regras e a colocarem-se voluntariamente em perigo (Serrano, 2014, p.30).

Apesar desta conotação estes “livros de conduta”, como denomina a autora, evoluíram e servem, mesmo que de maneira grosseira, como um suporte à análise de conteúdo sobre as mulheres na literatura de viagem. Ao comparar os guias publicados entre os séculos XVIII e XIX, Serrano estabelece uma ponte com a visão e a vocação das viajantes

destes dois períodos. No primeiro, a mulher deveria seguir a vocação doméstica, enquanto nos anos de 1800, a feminilidade “construída no âmbito patriarcal” (Serrano, 2014, p. 31) é a imagem que deve prevalecer. As viajantes vitorianas, por exemplo, eram aconselhadas, tendo como exemplo o guia “*A Few Words of Advice on Travelling and Its Requirements Addressed to Ladies*”, de 1875 (Idem), sobre qual aparência deviam transparecer enquanto em viagem.

Porém, vale ressaltar que mesmo com as possibilidades de viagem expandidas gradualmente, casadas ou solteiras, a prerrogativa de dever social da mulher era permanecer em casa, de onde dispunha de todos os instrumentos que precisava e da segurança que necessitava para viver bem. Seu desejo de viagem muitas vezes teve que aguardar para quando não tivessem que cumprir e obedecer às expectativas e ditames da sociedade. Sendo assim, muitas viajantes começaram suas jornadas já com certa idade, o que não apagou o brilho da aventura, como exemplifica Serrano a respeito da viajante austríaca Ida Pfeiffer (1797-1858) que “esperou até os 45 anos, depois de casar e ver crescer os filhos, para dar várias voltas ao mundo completamente só” (2014, p.34).

Questões importantes e que acompanharam o desenvolvimento destes guias de viagem para a mulher, foram os avanços promovidos na Europa, no séc. XIX e que influenciaram e impulsionaram as possibilidades de viagem desta época. Temas estes ratificados por Gazzola (2008) no seu estudo, no qual acrescenta as principais características desse período:

O século XIX, particularmente sua segunda metade – a era vitoriana –, foi o século de ouro da literatura de viagens escrita por mulheres. No decorrer desse século, as mulheres apresentaram uma mobilidade geográfica crescente e graças à melhoria do sistema de transportes e comunicações, bem como à sua entrada em várias áreas profissionais e à crescente movimentação da esfera privada para a pública, entre outros fatores. São mulheres de classe média ou alta: nobres que acompanham os maridos em viagens diplomáticas, esposas de militares, oficiais da Marinha, comerciantes, cientistas, representantes consulares; jovens

viajando com as famílias; viúvas em visita a familiares; senhoras viajando por problemas de saúde; artistas, cientistas ou jornalistas viajando por razões profissionais; algumas mulheres nobres viajando com a família como turismo.

Outro ponto a considerar, é o acesso à educação. As mulheres europeias foram um dos primeiros grupos femininos na história das sociedades as quais foi concedido o direito ao estudo formal para além do bordar, das regras de etiqueta, tocar piano e entreter. Até pouco tempo às mulheres se quer eram vistas como capazes de exercer tais direitos, consideradas mesmo intelectualmente incapazes. Podendo realizar uma viagem, isso correspondia e implicava, também, em uma possibilidade de adquirir conhecimentos, o que deu à viagem uma outra conotação social para as mulheres, uma vez que muitas vezes essa educação “lhes era negada em casa” (Serrano, 2014, p.32). Gazzola acrescenta que:

O grande número de relatos de viagem de autoria feminina e sua crescente popularidade no decorrer do século XIX refletem essa transformação. Viajar, para muitas dessas mulheres, adquire um caráter quase profissional, resultando em livros, convites para palestras etc. Algumas das viajantes traziam outros produtos culturais, como fotografias, quadros, ou recolhiam amostras de plantas, madeiras, artesanato, insetos etc. (Gazzola, 2008)

O Século XX, a viagem para a mulher acompanhou as profundas mudanças sociais, econômicas e políticas que nortearam o desenvolvimento do capitalismo e das grandes cidades pelo mundo, atrelados ao desenvolvimento exponencial do turismo de massas e da exploração desenfreada dos destinos.

Nos dias atuais, a viagem e a motivação transformaram-se. Seja para busca de uma viagem de jornada pessoal e subjetiva, por um lugar ainda não explorado, se é que isso é possível, ou uma viagem por motivos aventureiros, seja de moto ou por barcos, o ato

de viajar, não só para a mulher, ganhou conotações mais específicas e pessoais, o que envolve um *olhar* inicial que possibilite algo mais singular e subjetivo. Outeirinho cita Mia Couto sobre esta perspectiva: “A viagem de hoje obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós. A viagem implica a disponibilidade para nos diluirmos, a vontade de sermos apropriados por outras almas” (Couto 2009, p. 184 In Outeirinho 2020).

2.2. O *olhar* feminino na construção das narrativas

A literatura está para a mulher viajante, assim como a liberdade está para a realização da sua viagem. Escrever seus próprios relatos, fruto das suas próprias experiências, tornou-se para as primeiras viajantes algo tão necessário quanto partir. Significava também a expansão do *olhar* para novos horizontes, estabelecer-se no campo literário e ser reconhecida nele. Universo este que até então ela não tinha acesso.

As primeiras narrativas destas autoras-viajantes despontam a partir do século XVIII ou, em outras palavras, podemos relacioná-las com maior frequência neste período, mesmo que representem uma publicação ainda incipiente. A sua maneira de narrar difere-se da masculina já de saída, quanto às características da escrita e o que é digno e permitido de observação e nota por elas.

Deduz-se que a sua literatura está inserida sob o mesmo contexto social vivenciado por estas mulheres, época a época, o que interfere diretamente no conteúdo, ao reproduzirem as particularidades e determinismos socioculturais a que estavam submetidas.

Características como a atmosfera doméstica e a atenção ao detalhe, ao descreverem o dia a dia da casa e o pormenor dos afazeres. A posição frágil que assumem e o estabelecimento de relações por vezes próximas com a população local, para conhecerem e se tornarem conhecidas, frente aos perigos a que certamente estariam expostas. O *olhar* atua na esfera do privado e do que lhes é permitido e peculiar, tratando da descrição das roupas, do linguajar e dos hábitos, por exemplo. Tudo girando a partir do ponto de vista do local onde se hospedam e de onde partem e retornam.

Esta perspectiva está elucidada no texto de Gazzola (2008), fazendo uma correlação deste ponto de vista centrípeto com as questões de gênero:

A radicalidade dessas mudanças leva, então, paradoxalmente, à reafirmação do sentido do feminino por meio de sua ancoragem no espaço doméstico. Embora em deslocamento permanente no espaço público, tanto pela viagem que opõe fora e dentro, casa e país visitado, como pela escrita que passará a circular fora do espaço privado, as viajantes definem um *locus* de observação sempre associado a casa, com o qual a conexão com o país de origem e suas determinações ideológicas é restabelecida. Mulher e casa se rearticulam nos textos à medida que a viajante simultaneamente desafia e reafirma os ideais domésticos que sustentam a construção vitoriana dos gêneros (Gazzola, 2008).

A autora demonstra essas características ao fazer a leitura da vida e obra da autora-viajante inglesa Marianne North, pintora e escritora, que visitou vários países no mundo para documentá-los através da pintura, trabalho que soma mais de 700 quadros. De sua visita ao Brasil Gazzola extrai a seguinte observação, que contribuiu para ratificarmos a afirmação de Miriam L. Moreira Leite de que a literatura de viagem é “fonte promissora de dados qualitativos (principalmente) para a História Social” (Leite, 1997).

Marianne se preocupa, por exemplo, com a descrição dos ambientes e dos arranjos doméstico, das comidas, dos costumes e da etiqueta na rotina doméstica. Enfoca, com frequência, a relação dos escravos e dos patrões na vida diária e a distribuição do trabalho nas casas, enfatizando as atividades desenvolvidas pelas mulheres que encontra. Tanto nesse aspecto quanto na descrição detalhada de jardins e de casas, inclusive dos quartos em que dorme, a autora contribui para a documentação da vida brasileira no século XIX e possibilita comparações interessantes entre os seus hábitos e os dos grupos com os quais entra em contato (Gazzola, 2008).

Mesmo diante desta realidade, as mulheres desenvolvem narrativas sobre suas viagens de forma expressiva, galgando outros espaços e, assim, “cada uma a seu modo e a seu tempo, impuseram-se no espaço público e apresentaram discursos com sólidos conhecimentos da história do país que visitavam” (Duarte & Muzart, 2008).

A autora-viajante desta época é uma observadora, tem a capacidade de narrar em detalhes o que os olhos masculinos não têm interesse ou seriam capazes, se quer, de observar. Não deseja dominar nem submeter, mas sim “inserir-se na realidade que observa como um fim em si mesmo”, como descrito por Serrano (2014, p.40), que continua e exemplifica este fator, de manutenção e reprodução na escrita das características sociais a que estão submetidas, com o seguinte relato:

A posição secundária ou de inferioridade face aos homens espelha-se igualmente nos livros de viagem que as próprias mulheres escrevem e revela a tensão que existe entre aquilo, que até a segunda metade do século XX, é socialmente expectável da mulher (anjo doméstico, cumpridora do dever conjugal e ser maternal). Tensão porquanto o relato de viagem pressupõe aquilo que não se espera da mulher, que saia do domínio da sua casa e testemunhe o que está para além, em termos geográficos, sociais e até políticos (Idem, p.32).

Outra característica apresentada nos relatos femininos é o olhar sobre si mesmas e o reportar de subjetividades e inquietações pessoais. As mulheres mesclam o relato da viagem com momentos de contemplação e interiorização. Isso pode ser observado neste trecho que Duarte apresenta sobre a obra de Nísia Floresta.

Essas “impressões de viagem”, sob a forma de cartas, pretendiam apenas “dar expansão a suas emoções junto ao coração da família”, o que explicaria a intimidade contida em suas páginas. À medida que a narrativa se desenvolve, percebemos que essa correspondência diária, quase um relatório do dia a dia,

cumpria a função de preencher a solidão da viajante, convertendo-se num quase diário, no qual a autora, além de registrar as impressões do que vê, deixa-se levar pelo devaneio, tornando-se cada vez mais intimista (Duarte, 2008).

Na elaboração de sua obra a autora-viajante adota, por conseguinte, gêneros literários “próximos do confessional e tradicionalmente mais desvalorizados, como cartas ou o diário, estilos suficientemente lassos para permitir uma suposta narrativa desestruturada” (Serrano, 2014, p. 37) e sem grande importância.

Estes primeiros escritos não lhes conferiam o crédito como reais escritoras. Eram vistas de maneira secundária, meras reprodutoras de textos que eram resultado do registro de um dia a dia pessoal, romantizado e documental e, portanto, uma produção literária que não possuía a intenção nem o reconhecimento para a publicação. Estas, quando realizadas, eram muitas vezes após a sua morte.

Contudo, seguindo a linha do desejo e da audácia, as mulheres, principalmente as que já possuíam alguma educação acadêmica, procuraram romper com esta realidade, se negando à escrita nestes modelos, e passaram a desenvolver um texto vinculado ao seu conhecimento intelectual. As naturalistas, etnógrafas e com formação artística, que motivadas por estas ciências empreendiam as suas viagens e visavam o desenvolvimento da escrita justamente para estes fins, foram algumas das que se empenharam nesta ruptura.

Um exemplo foi a Princesa Teresa da Baviera, prima de D. Pedro II, que viajou ao Brasil em finais do século XIX, e escreveu e publicou seu relato desta viagem sob o título “*A Minha Viagem aos Trópicos Brasileiros*”, ainda escrito como diário, mas com conteúdo substancial onde narrou em pormenores suas experiências no país. Após o retorno, empreendeu uma vasta pesquisa, realizando durante 05 anos a comparação “junto aos museus europeus, dos espécimes que tinha recolhido, para proceder à sua minuciosa catalogação” (Serrano, 2014, p. 39) e, assim, para que lhe fosse possível referendar cientificamente as suas observações e a produção literária.

Ressaltamos que essa necessidade, de submeter seu conteúdo a uma avaliação e crivo comparativo junto a instituições e/ou por meio de outras obras já publicadas, obviamente e em sua maioria produzidas por homens, é outra característica assistida em muitas das publicações das autoras-viajantes.

Como referência a este fato, observa-se em vários textos o cuidado em começar ou introduzir a meio em seus relatos, frases e expressões salientando que não tinham o conhecimento necessário ou que sabiam estar aquém do formalismo que a academia exigia e que esta certamente não teria, desta maneira, a consideração em avaliar o seu conteúdo. Uma postura que denotava o sentimento de inferioridade e justificava o possível modesto conhecimento que estaria expresso na sua obra, caracterizando “uma espécie de pedidos de desculpas por se exhibir publicamente (Serrano, 2014, p. 38).

O peculiar é que, justamente por serem mulheres, passaram a ter acesso a pontos cujo acesso não havia estado à disponibilidade masculina, bem como frequentavam sítios, preponderantemente pertencentes aos homens, mas aos quais imprimiam um *olhar* e uma referência distintas dos seus contemporâneos escritores. Este fato de alguma forma coopera para legitimar as mulheres para a escrita de viagem justamente pela observância da vida privada.

Pelo fato de serem estrangeiras, acediam também à esfera do poder masculino, não raro eram recebidas e convidadas pelas autoridades locais. Os seus relatos, nestes casos, oferecem um repertório de vivências habitualmente interdito ao conhecimento ocidental. O caráter descritivo das suas narrativas deve-se a um desejo de objetividade e também de entendimento, tornando-se uma fonte de aprendizagem (Serrano, 2014, p. 38).

É justamente a partir dos séculos XIX e XX que ocorre um impulsionamento e avanço da escrita viática feminina. Acompanhando a proliferação das possibilidades de viagens, para vários locais e por grupos, a melhoria nos transportes, mais seguros e aconchegantes, e do volume das publicações ocorridas neste período e que foram

propiciadas, como já esclarecemos, pela dinamização do mercado editorial e do número de leitores interessados neste gênero literário.

Críticas, obviamente, nunca faltaram a estas obras. As viajantes mais atrevidas e exploradoras eram acusadas de estarem a relatar mentiras e que deviam continuar a ter que comprovar tudo o que descreviam. Mas, uma evolução já podia ser verificada, principalmente em virtude da maior mobilidade, ao “procurarem uma objetividade que contrariasse as expectativas negativas criadas sobre elas” (Idem, p.40). Fato que se estende até os dias de hoje.

2.3. A viagem & a escrita femininas como demandas sociais

O ato de viajar e escrever, enquanto movimentos de emancipação da mulher, para outras vias e destinos, não podem ser totalmente dissociados de outros movimentos que se desenvolveram ao longo dos mesmos anos, e que atuaram em prol das mudanças de paradigmas para as mulheres. Constância L. Duarte cita Zahidé Muzart quanto ao imbricamento entre a escrita e o feminismo:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão (Muzart in Duarte 2003)

Entende-se inclusive que estes fluxos, pelo menos, se retroalimentaram, quando não efetivamente se cruzam. Há linhas de estudo acadêmico sobre a literatura de viagem e sua implicação com as questões identitária e de gênero, por exemplo, que apontam para esta relação intrincada entre estas questões.

Contudo, as mulheres viajaram independente destas outras e necessárias conquistas. As viajantes confrontaram, na sua perspectiva em serem permitidas e admitidas neste campo, nomeadamente e por séculos como sendo masculino, as mesmas circunstâncias

de luta e posicionamento que as mulheres que tinham na institucionalização do sufrágio feminino, iniciado no século XVIII, sua investida primordial, por exemplo. “A verdade é que a mulher viajante atravessa várias categorias sociais, econômicas e de pensamento” (Serrano, 2014, p. 26).

Para as que admitem e estudam a relação entre viagem e sua literatura x a questão de gênero, o desenvolvimento da literatura de viagem, é marcado com a tipologia de “feminino”, 1840 – 1880, ligado ao princípio da escrita observadora, de reprodução das referências da vocação para o interior e da prevalência da tutela do homem. E como “feminista”, 1880 -1920, à época em que a viagem se expandiu para o caráter exploratório e externo. “Por mais simplificadora que seja, esta definição lança alguma luz sobre as mudanças e sobre os processos de autoconsciência das mulheres enquanto atores específicos da literatura de viagem” (Idem, p. 44).

O fato é que as autoras-viajantes, têm, primordialmente, a viagem, e depois a escrita, os seus pontos de partida e de chegada. Havendo aquelas que, obviamente, os vincularam aos movimentos progressistas gerais femininos, em maior ou menor grau, contudo, como Serrano salienta:

O que este fato nos indica é que não existe uma categoria única de mulheres viajantes. O ímpeto de partir, a viagem realizada, une-se, à reflexão que sobre elas fazem e o testemunho que deixam também, mas a partir daí cada uma constrói sua própria identidade (ibidem, p.26).

Não podemos deixar de considerar que aquelas que expandiram suas questões da viagem a outros campos de luta e aos feministas, contribuíram com sua escrita e participação e, também, se beneficiaram deles. Como destaca Constância L. Duarte (2008), pesquisadora que no desenvolvimento do seu estudo sobre literatura brasileira buscou sempre verificar a relação com os movimentos sociopolíticos e os feministas no país.

Duarte estuda e menciona Nísia Floresta, autora-viajante nascida no Rio Grande do Norte em 1810 que se tornou célebre e reconhecida viajante brasileira no século XIX, vivendo metade de sua vida a empreender viagens por toda a Europa, até falecer na França em 1885. A pesquisadora não deixa de pontuar a contribuição de Nísia, que relacionava os aspectos das suas viagens e da escrita posterior, com as questões de lutas sociais e as envolvendo as mulheres. Questões as quais considerava intrinsecamente relacionadas.

Nísia construiu importantes relatos sobre suas longas viagens, a Alemanha e Itália, especialmente. Neles a autora-viajante, por escolha e discernimento próprios, sempre os mesclou com pensamentos e elaborações sobre as questões sociais e políticas destes locais e que afetavam a vida da mulher, relacionando-os com suas observações e experiências das viagens que empreendeu. Como destaca Duarte neste trecho do seu artigo:

A autora está em Messine, na Sicília, quando surgem nos jornais as notícias da deflagração do movimento revolucionário pela unificação italiana. Seu texto, a partir de então, reforça uma feição de crônica histórica. (...) Em maio de 1860, por exemplo, *La Nazione* publicou um apelo às mulheres italianas para que elas demonstrassem seu “amor à causa” doando seus adereços, supérfluos em tempo de guerra, para a compra de armas, assinado por Garibaldi, que Nísia Floresta fez questão de incluir em suas anotações. O tom panfletário da matéria jornalística parece contaminar o texto nisiano, que, mais do que nunca, mostra-se partidário defendendo suas idéias com entusiasmo (Duarte, 2008).

3. Desenvolvimento da análise

A partir da contextualização bibliográfica exposta nos capítulos anteriores a propósito da viagem, da literatura e o contributo da mulher e da escritora portuguesa nestas atividades, apresentaremos a seguir a perspectiva metodológica com que este estudo em comunicação sobre conteúdo será desenvolvido.

Isto será possível mediante a descrição e estabelecimento do método e dos critérios escolhidos, bem como da execução propriamente dita das etapas descritas nesta metodologia, que contribuirão para desenvolvimento das inferências e o alcance dos resultados pretendidos nesta análise sob a perspectiva do olhar das autoras-viajantes.

3.1. Bardin e a análise de conteúdo

Conforme apontado na abertura deste trabalho, sua elaboração será voltada para a apreensão crítica a respeito do *olhar* no conteúdo com o objetivo de compreender, através da inferência por cada literatura, suas características e aplicações nos textos apresentados e que fazem referência ao contexto, as intenções e as posições adotadas pelas interlocutoras e que influenciaram no desenvolvimento de sua obra, tendo como *corpus* a literatura de viagem escrita por autoras-viajantes portuguesas contemporâneas.

Para isto, foi eleito o método de análise descrito pela pesquisadora Laurence Bardin, professora de Psicologia na Universidade de Paris V, que publicou em 1977 a primeira edição do livro intitulado, “*Análise de Conteúdo*”, no qual define e exemplifica cada etapa do processo, com a pretensão de sistematizar regras e atribuir a objetividade, a validação e a perspectiva metodológica que, como modelo, o método necessitava.

Para Bardin, o tratamento da informação contida nas mensagens deveria ser realizado de forma analítica, ou seja, “segundo procedimentos sistemáticos e objetivos” (Bardin, 2016, p.42), o que contribuiria para o caracterizar com a devida validade científica. A designação da análise de conteúdo segundo a autora é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 2016)

Processo este que Bardin procura traduzir na figura a seguir:



Figura 1 - Exemplo de como se processa a análise de conteúdo. (Bardin, 2016)

O método baseia-se em etapas sistematizadas e estruturadas de forma a conduzir o pesquisador na construção de uma análise lógica e justificada. O processo se inicia com a *pré-seleção*, que considera o levantamento do material a ser estudado, a eleição do corpus que será avaliado e a formulação de hipóteses e objetivos.

A fase seguinte consiste na exploração dos dados definidos para o estudo, com sua *codificação*, a separação em unidades de registo comparáveis e de acordo com as mesmas significações, e o agrupamento deste levantamento em categorias.

Por fim, realiza-se a análise propriamente dita ou *tratamento dos resultados*, por meio da *inferência*, tendo como base a bibliografia de apoio teórico, e ambicionando uma interpretação final fundamentada.

Sublinha-se que por *inferir* entende-se o ato de “deduzir ou depreender; entender através de pensamento lógico; alcançar ou concluir”⁴. Por conseguinte, *inferência*

⁴ Recuperado em 14 de setembro de 2021 de: <https://www.lexico.pt/inferir/>

significa “ação ou resultado de inferir; conclusão ou dedução; efeito, resultado ou consequência”.⁵

Graficamente a análise de conteúdo proposta pela pesquisadora pode ser compreendida da seguinte forma:

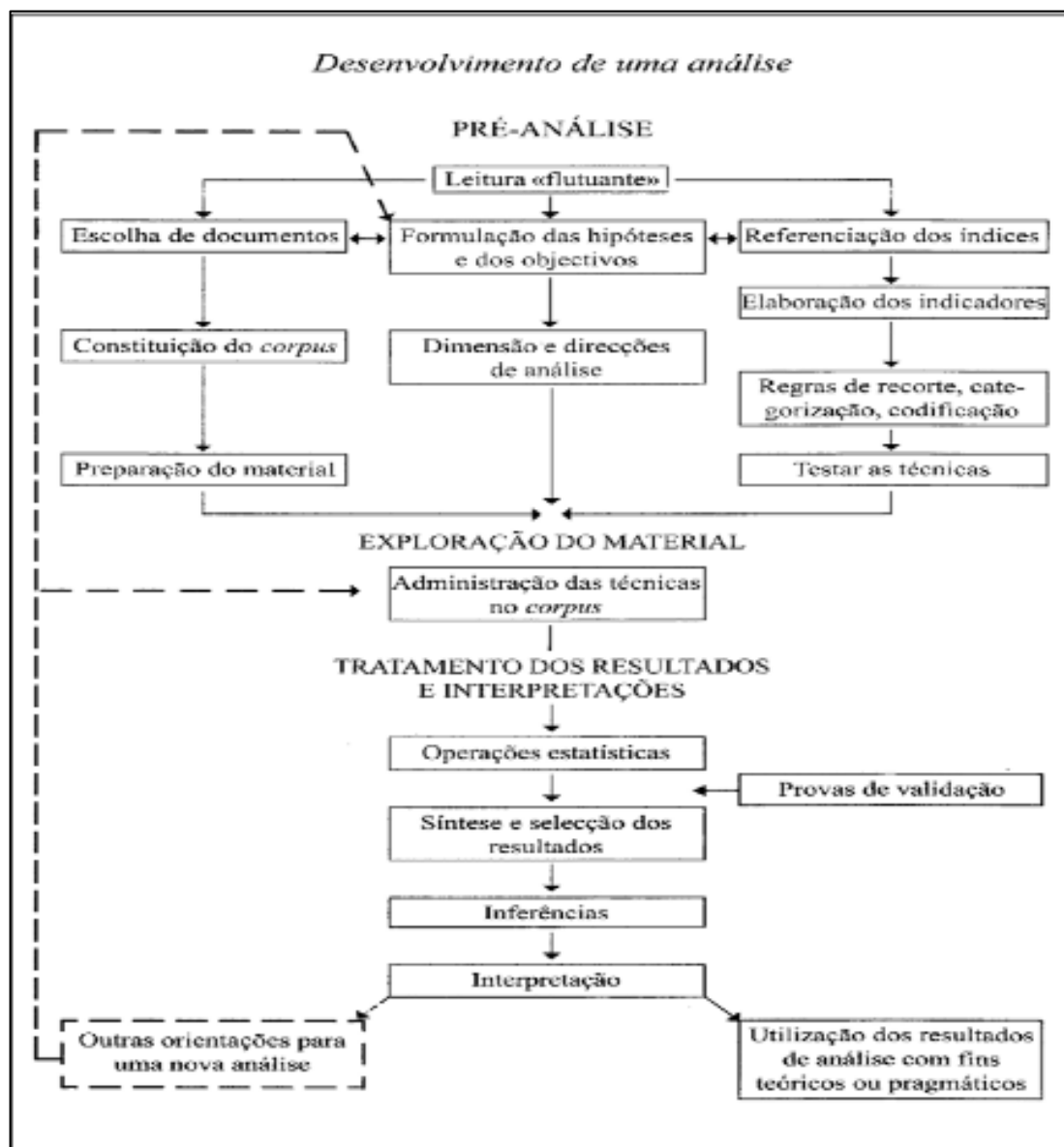


Figura 2.2 – Exemplificação da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016)

⁵ Recuperado em 14 de setembro de 2021 de <https://www.lexico.pt/inferencia/>

A autora aplicou as técnicas da análise de conteúdo em suas investigações nas áreas de psicossociológica e no estudo das comunicações de massas. Todo este aperfeiçoamento técnico alçou o método a outras ciências e pesquisas, em áreas como a de comunicação, cultura, linguística, história e filosofia, por exemplo.

O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (Bardin, 2016).

Além do estabelecimento e esclarecimentos sobre no que consiste e as medidas de verificação para o desenvolvimento da análise de conteúdo, outra consideração abordada por Bardin em seu livro foi o da separação do procedimento em *quantitativo e qualitativo*.

É importante para este estudo esclarecer a respeito destas duas definições em virtude da influência que a sua escolha terá no desenvolvimento da análise do *corpus* literário escolhido dentre os livros de viagem femininos e portugueses catalogados.

Bardin cita o estudioso A. L. George⁶ que no congresso de analistas, ocorrido nos anos de 1950, incitou a discussão e procurou estabelecer a denominação sobre os métodos quantitativos e qualitativos a partir de suas características intrínsecas.

Primeiramente ele esclareceu que “a análise de conteúdo é utilizada como instrumento de diagnóstico, de modo que se possam levar a cabo *inferências* específicas ou interpretações causais sobre um dado aspeto da *orientação comportamental* do

⁶ A. L. George, “Quantitative and qualitative approaches to content analysis”, em I.S. Pood, *Trends in Content Analysis*, 1939.

locutor” (George, 1939 in Bardin, 2016, p. 145), sendo assim, trata-se de uma análise que não pode ser considerada “obrigatoriamente quantitativa, como até então se admitia” (Idem).

A abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências: por exemplo, a presença (ou ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição (Ibidem).

A análise qualitativa, por outro aspecto, caracteriza-se, por exemplo, pelo tratamento de um grupo de dados que pode ser limitado, no estabelecimento de maneira mais distinta de *unidades de registo* e de categorias de investigação, onde não ocorre a preocupação com a constância com que despontam na mensagem, e sim com a sua pertinência diante do contexto e do entendimento que se procura obter com a análise do conteúdo.

Desta maneira, a análise qualitativa se caracteriza pelo fato da “*inferência*, sempre que realizada, ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual.” (Bardin, 2016, p.147)

Vale aqui também tratar do significado de *unidades de registo* dentro da metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin.

Reconhecidas como unidades de significação, as unidades de registo “correspondem ao segmento de conteúdo considerado unidade de base” (Idem, p. 135), que são definidos por critérios de recorte em nível semântico e cujas unidades mais exploradas tratam da: palavra, do tema, do objeto ou referente, do personagem, do acontecimento e do documento.

Estes fragmentos de texto devem procurar ser compreendidos de acordo com o contexto a que pertencem e que corresponde a parte da mensagem da qual se pode inferir, com maior precisão, o significado desta unidade recortada.

Assente nestes conceitos até aqui explorados, a análise a que este estudo se propõe será, portanto, uma análise de conteúdo qualitativa cuja unidade de registo primordial será a do tema, visto que, “o tema é geralmente utilizado como unidade de registo de codificação para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências e etc.” (Bardin, 2016, p. 136).

A seguir apresentaremos a aplicação do método de análise sobre o objeto deste trabalho, cuja proposta é analisar o *olhar* no conteúdo, por meio dos livros de viagem de autoria feminina em Portugal, para que possam ser inferidas as principais características e a forma como vem sendo constituída esta literatura na conjuntura contemporânea, através do contributo destas autoras.

3.2. Aplicação do método

Com propósito tanto de construção do embasamento teórico, fundamental para o desenvolvimento e compreensão do objeto proposto, como do corpus que seria essencialmente analisado, o trabalho iniciou-se com a constituição do referencial bibliográfico.

Este foi concebido, primeiramente, por textos na área da comunicação e outras pertinentes, que tratavam da viagem, as motivações e particularidades percebidas entre os viajantes, com referência à sua documentação literária e sua evolução, bem como da participação da mulher neste campo de produção de conteúdo, para a pesquisa de enquadramento histórico. Numa segunda etapa, este levantamento de documentos significou a investigação das possíveis fontes que constituiriam o conjunto da literatura de autoria feminina portuguesa, produzida nos séculos XX e XXI, que foi o período delimitado em torno do qual o estudo seria desenvolvido.

Sendo assim, buscou-se quais seriam estas referências com uso das seguintes palavras-chave: “livro – literatura – relato - narrativa(s) de viagem(s)” e, em seguida, foram adicionadas as palavras “mulher”, “portuguesa” e “Portugal”.

As bases, nomeadamente online, consultadas de forma a encontrar e estabelecer esta bibliografia foram os seguintes repositórios e bancos de dados de fontes científicas e académicas: Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)⁷, Biblioteca do Conhecimento Online (B-On)⁸ e Scopus Preview⁹, além das plataformas abertas para pesquisa: Web of Science¹⁰, Ademia.edu¹¹, ResearchGate¹², Scientific Eletronic Library Online (SciELO)¹³ e a biblioteca digital JSTOR¹⁴.

De maneira a aferir um número representativo e refinar os resultados da procura das obras literárias e de autoras portuguesas, realizou-se a investigação na Biblioteca Nacional de Portugal¹⁵, na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), junto a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros¹⁶ e, em seguida, nas plataformas Archive¹⁷ e WorldCat¹⁸.

Esta seleção procurou obedecer às regras estabelecidos por Bardin (2016, p. 127) para a escolha dos documentos. Primeiro a da *exaustividade*, pela qual nenhum documento pode ficar de fora por razão que não seja expressamente justificável.

Como resultado da pesquisa obtivemos uma lista de 12 autoras portuguesas, nascidas a partir do ano de 1900 e que publicaram ao todo 28 livros de viagem nos séculos. XX e XXI, que acreditamos constituir, não a totalidade, obviamente, mas uma amostra significativa deste todo. Determinadas autoras são reconhecidas como romancistas e

⁷ Recuperado em 04 de junho de 2021 de <https://www.rcaap.pt/>

⁸ Recuperado em 04 de junho de 2021 de <https://www.b-on.pt/>

⁹ Recuperado em 05 de junho de 2021 de <https://www.scopus.com/home.uri?zone=header&origin=>

¹⁰ Recuperado em 05 de junho de 2021 de <https://www.webofknowledge.com>

¹¹ Recuperado em 05 de junho de 2021 de <https://www.academia.edu/>

¹² Recuperado em 06 de junho de 2021 de <https://www.researchgate.net/>

¹³ Recuperado em 06 de junho de 2021 de <https://www.scielo.org/>

¹⁴ Recuperado em 06 de junho de 2021 de <https://www.jstor.org/>

¹⁵ Recuperado em 10 de junho de 2021 de <http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>

¹⁶ Recuperado em 10 de junho de 2021 de <http://www.apel.pt/>

¹⁷ Recuperado em 12 de junho de 2021 de <https://archive.org/>

¹⁸ Recuperado em 12 de junho de 2021 de <https://www.worldcat.org/>

entre os seus trabalhos escreveram livros sobre suas viagens. Outras são especialmente escritoras de viagem, algumas das quais também ingressaram pelo gênero do romance, mas que têm na viagem a predominância temática em sua produção literária. (ver **Anexo 1: Tabela: Livros de Viagem - Autoras Portuguesas – Séculos. XX e XXI**).

Foi necessário estabelecer uma delimitação, que mantivesse a *representatividade* da amostra, segunda regra de Bardin (2016), mas que teve como desígnio considerar quais seriam as autoras cujas publicações serviriam como *corpus* fundamental do estudo.

Foi definido como critério, primeiramente, o ano da publicação do livro de viagem, sendo que isto deveria ter ocorrido após o acontecimento do 25 de abril de 1975, data que marca o fim da ditadura em Portugal por meio da revolução política iniciada no ano anterior. Época esta que assinalou um período de supressão das liberdades fundamentais e escassez econômica, mas cujo encerramento significou a mudança destas condições no país, como esclarece o pesquisador António Barreto (2020) em seu artigo:

Foi nesta segunda fase, de 1976 ao fim do século, que se fundou e consolidou o sistema político democrático e parlamentar, baseado nos direitos cívicos e políticos fundamentais, assim como no sufrágio universal e na liberdade de ação política, o que aconteceu pela primeira vez na história do país (Barreto, 2020, p. 223).

Entende-se que este fator contribuiu para a maior autonomia e o incremento das possibilidades de viagem das mulheres. Seja pela questão político-social, que permitiu a elas alçarem outros destinos que não fossem o das vocações atribuídas à mulher, como a família e a casa, que as encerrava num universo mais limitado, mas também pela esfera económico-financeira, uma vez que elas puderam trabalhar mais e ocupar um lugar evidenciado na economia do país. À vista disso, as mulheres portuguesas passaram a poder pagar para realizarem suas viagens e, inclusive, o fazerem sozinhas se assim desejassem.

As mulheres são hoje majoritárias na população ativa dos setores primário e terciário, sendo ainda minoritárias no secundário. No geral, as mulheres representam praticamente metade da população ativa empregada. Os indicadores publicados não permitem observar uma série homogênea de 1970 a 1974. As estimativas existentes, porém, permitem verificar que foi neste período em que as mulheres foram, em definitivo, integradas na população ativa empregada. Em 1960, as mulheres não deviam representar mais de 20% a 25% do total (Barreto, 2020, p. 232).

Com maior liberdade social e mais renda após o 25 de abril, este critério concebeu uma amostra de obras publicadas nos últimos 50 anos e que significou, da lista inicial, um total de 22 narrativas de viagem de autoria de 11 mulheres.

Notou-se de início a representatividade das autoras, em seus livros e nas viagens, visto que os locais de destino, em número e em diversidade, correspondiam a diferentes perspectivas e narrativas. Estas condições anunciaram um conteúdo a respeito de sítios cuja urdidura social era marcada por circunstâncias por vezes distantes da origem europeia das escritoras e que se confrontavam, portanto, com as suas referências socioculturais e que se expressam no seu *olhar* e, conseqüentemente, em seu conteúdo.

Questões como as religiosas e de costumes, as político-sociais de paz ou conflito, do nível de desenvolvimento econômico, por exemplo, além do clima e das condições da própria viagem. Fatos estes que possivelmente contribuiriam para alcançar uma variedade de inferências, em impressões e percepções, sobre o *olhar* no conteúdo destas obras.

A seguir, procurou-se obter mais informações sobre as autoras e suas trajetórias profissionais com o propósito de estimar, do ponto de vista literário, a abrangência total da sua obra e a consistência em publicações sobre viagens. Dois critérios foram importantes nesta coleta, o número de obras publicadas, totais e as viáticas, estas não podendo ser únicas, e se já haviam obtido o reconhecimento por meio de prêmios literários como escritoras. Esta observação, com base na terceira regra da *pertinência*

de Bardin (2016, p.129) resultou em um grupo de 5 autoras e 17 obras de viagem, como apresentado a seguir:

Tabela 1
Autoras portuguesas e seus livros de viagem

Autora	Obras totais e de viagem	Descrição
• Maria Filomena Mónica • Socióloga • Lisboa, 1943	39 - 3	• Passaporte - Viagens 1994-2008, 2009 • A Minha Europa, 2015 • O Olhar do Outro - Estrangeiros em Portugal: Do Século XVIII ao Século XX, 2020
• Leonor Xavier • Jornalista • Lisboa, 1943	19 - 3	• Uma Viagem das arábias, 2011 • Casas Contadas, 2018 • Há Laranjeiras em Atenas, 2019
• Clara Pinto Correia • Bióloga • Lisboa, 1960	Mais de 40 - 2	• Mapa Mundi - As viagens imaginárias na história da Europa, 2006 • Os Outros Caminhos do Mundo - As viagens originais da bióloga escritora, 2008
• Alexandra Lucas Coelho • Jornalista • Lisboa, 1967	12 - 7	• Oriente próximo, 2007 • Caderno afegão, 2009 • Viva México, 2010 • Tahrir, os dias da revolução, 2011 • Vai, Brasil, 2013 • Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso, 2019 • Líbano, Labirinto, 2021
• Raquel Ochoa • Advogada • Lisboa, 1980	9 - 2	• O vento dos outros, 2008 • Pés na terra, 2020

Todas elas são reconhecidas em Portugal, como o caso de Alexandra Lucas Coelho que recebeu em 2012 o “Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores”, e possuem considerável volume de obras totais e sobre viagem. Além disso, sobre esta lista, se pode aferir a respeito de uma razoável heterogeneidade no que tange

às autoras, uma vez que se observaram as suas formações e passou-se a conhecer as razões que as levaram a viajar.

Coube uma última aferição, que persistiu sob as regras determinadas por Bardin, sendo a *homogeneidade* (2016, p. 129) a última a prevalecer. Fixamo-nos em critérios essenciais, nos quais a obra deveria ser fundamentalmente uma literatura de viagem, que tivesse sido resultado de uma experiência vivida e narrada pela própria autora, e estar disponível para leitura, fosse para compra ou em uma biblioteca.

Concebendo que a escolha de uma tipologia variada nos textos de viagem contribuirá para se revelar as diferenças no *olhar* de cada autora-viajante e os tipos de inferências que podem ser suscitadas, optou-se pela análise do *olhar* no conteúdo das seguintes obras e, obviamente, por considerar que estas narrativas conceberiam respostas às hipóteses e aos objetivos deste estudo.

O resultado do esforço da seleção do *corpus* para estudo representou a consagração de 03 autoras e de 11 obras, onde 7 destas foram escritas pela jornalista supracitada, e nascidas em épocas diferentes e, conseqüentemente, com heranças socioculturais e referências pessoais distintas, cada uma, portanto, com um *olhar* peculiar que foi transcritos em seu conteúdo de viagem, sendo estas as escritoras-viajantes destacadas: *Maria Filomena Mónica, Alexandra Lucas Coelho e Raquel Ochoa*.

Lançados com certa proximidade, os livros tratam de longos períodos de viagem e visita a diversos locais, mesmo no caso da segunda escolha no qual a autora percorreu diferentes regiões do mesmo país de apresentação no título durante os 04 anos que lá residiu. A literatura viagem de análise será a seguinte:

- **Maria Filomena Mónica – *Passaporte, Viagens 1994-2008, 2009***
- **Alexandra Lucas Coelho – *Vai, Brasil, 2013***
- **Raquel Ochoa - *O Vento dos Outros, 2012***

3.3. Questionamentos e Intenções

Com a recolha do material bibliográfico que seria utilizado como embasamento teórico, o reconhecimento do *corpus* da literatura de viagem feminina portuguesa dos últimos 50 anos e a escolha dos livros que teriam efetivamente seu conteúdo analisado, nos debruçamos na leitura deste material para a realização da coleta, categorização e inferências na análise dos dados, que esclarecessem sobre o objeto proposto, sua relevância e as questões que norteariam o desenvolvimento deste estudo no campo da comunicação.

A começar pelas inquietações iniciais. as quais conduziram para o desenvolvimento deste estudo sobre o *olhar* no conteúdo, definido este como o de *viagem* e produzido por *autoras-viajantes portuguesas*, sendo estes os norteadores principais que formavam triângulo que orientava a motivação para a pesquisa.

Procurou-se em seguida compreender e levantar algumas hipóteses, que levaram em consideração as leituras nestas três áreas e, principalmente, no seu cruzamento que esclarecessem:

Qual a contribuição que poderia ser dada com este trabalho? Há relevância para a realização de um estudo sobre o *olhar* no conteúdo na área da comunicação? Qual é a abrangência da literatura produzida por mulheres, em Portugal e no período estabelecido como recorte? E entre os livros de viagem? Quem são estas escritoras? o que condiciona o seu *olhar*? Em que contexto viviam e produziam suas narrativas? Há um conjunto de referências comuns que lavam na bagagem em suas viagens? Quais as motivações tanto para as viagens quanto para a escrita? E, acerca do conteúdo produzido, quais as principais características deste *olhar*? Como as escritoras descreviam o ambiente que visitavam? O que lhes chamava a atenção? A partir de que ponto de vista narravam suas experiências, como observadoras ou exploradoras? Inferiam e davam sugestões sobre os sítios visitados? Como descreviam a si? Traziam questões pessoais para a narrativa? Ou eram descrições em terceira pessoa? Como viam os outros? E

principalmente as mulheres? Havia distanciamento ou empatia? Como era afinal o conteúdo resultante desta experiência? Dentre inúmeras outras questões possíveis.

Desta maneira a principal questão deste trabalho consolidou-se em:

Como se caracteriza o conteúdo, sob a perspectiva do olhar, na literatura de viagem de autoria feminina contemporânea em Portugal?

A fim de estabelecer parâmetros para esta análise, que colaborassem com a construção do raciocínio e o desenvolvimento do estudo em comunicação proposto, foram definidos os seguintes objetivos que irão nortear o trabalho:

Objetivo Geral

Analisar a literatura de viagem de autoria feminina contemporânea em Portugal, a fim de compreender as características do seu conteúdo, a partir da perspectiva do *olhar* destas autoras como resultado de suas viagens, referências e experiências.

Objetivos Específicos:

- Compreender a evolução da viagem e da construção da sua literatura ao longo da história;
- Contextualizar sobre a presença feminina na viagem e as características do seu conteúdo na produção literária sobre o tema;
- Exemplificar, perante um *corpus* definido, por meio da análise de conteúdo qualitativa e sob a perspectiva do *olhar*, quais as principais características atribuídas ao conteúdo da literatura de viagem, produzida por autora-viajantes portuguesas contemporâneas;
- Contribuir para esta temática de estudo na área de comunicação e a documentação da participação das mulheres e portuguesas no desenvolvimento literatura de viagem.

3.4. Categorias de investigação

Com toda a informação previamente sistematizada, os dados coletados e devidamente estruturados, foi possível a categorização segundo as prerrogativas de Bardin (2016, p. 148), o que significou o desmembramento do texto em unidades de registo semanticamente reunidas.

As categorias foram definidas de acordo com perspectivas elegíveis do *olhar*, que unem cada recorte das obras em significado, e que contribuiriam para a compreensão sobre as características do conteúdo representado através das autoras-viajantes.

Estas categorias tiveram como base o levantamento elucidado no capítulo 2, onde descrevemos alguns dos atributos da escrita feminina na literatura até então estudada e que foram fundamento da contextualização bibliográfica, e sob o critério de ser possível, a partir delas, realizar as inferências desejadas no tocante ao *olhar* no conteúdo de cada escritora portuguesa contemporânea.

A categorização também foi possível devido à leitura de todas as narrativas de viagem escolhidas como *corpus* para análise, bem como de outros livros das mesmas autoras e de algumas obras das demais escritoras encontradas com a pesquisa e catalogação metodológica.

Foi realizada, desta maneira, a investigação de várias possíveis perspectivas do *olhar* nestes conteúdos e das informações neles contidas, com o intuito específico de definir sob que unidades de registo e, consequentemente, categorias de análise, o trabalho seria efetivamente fundamentado.

Desta forma, frente a todo este desenvolvimento, a questão delineada, as hipóteses, os objetivos definidos e as escolhas metodológicas previamente elucidadas, definimos as 07 categorias que deveriam evidenciar a forma sistemática como que se procurou construir a metodologia desta análise e que tornaria possível a realização das devidas inferências necessárias.

As inferências a serem realizadas serão de ordem *avaliativa*, através da qual os textos analisados devem possibilitar “a construção das inferências por meio de um

posicionamento, comentário, apreciação, reflexão crítica, crenças e juízo de valor sobre um tópico. São informações existentes no texto base, porém realizadas independentemente dele” (Santos, 2008, p. 85), pelas autoras-viajantes com base no seu próprio repertório e experiências. Ao realizar a inferência avaliativa “considera-se a informação dada no texto” (Idem) e infere-se uma conclusão como resultado.

Ao definir a realização de um estudo sobre conteúdo, tivemos que definir qual ele seria, determinando que seria o de viagem. E quem seria o autor responsável pela sua escrita: a mulher e portuguesa, que viaja e escreve nos últimos 50 anos. Para, assim, conseguirmos estabelecer parâmetros e compreender as características pertinentes a este dado universo e expandi-lo para a caracterização do conteúdo contemporâneo, que é o nosso enfoque.

A perspectiva da autora-viajante tornou-se, então, o pronto nevrálgico e o *olhar* a denominação categórica para a inferência do seu ponto de vista e em diversas sentidos na experiência da viagem.

Este é influenciada por quem são estas autoras-viajantes e todo seu repertório constitutivo. Por este caminho demarcamos a autoria portuguesa e contemporânea como delimitadores finais, e 07 categorias de *olhar*, que se apresentaram pertinentes com a leitura de estudos anteriores sobre o assunto

As categorias do olhar estabelecidas foram:

- **O *olhar* e a motivação – as motivações que as levam a viajar**
- **O *olhar* sob que perspectiva – observadoras ou exploradoras;**
- **O *olhar* sobre o ambiente – o que lhes chamou a atenção e como o descreve;**
- **O *olhar* sobre si – questões pessoais e expectativas;**
- **O *olhar* sobre o Outro – costumes, cultura local, modos de viver e ver;**
- **O *olhar* sobre a mulher – empatia ou distanciamento;**
- **O *olhar* sobre as peculiaridades da viagem para uma mulher – segurança e logística;**

Com as categorias esquematizadas partiremos para a análise de conteúdo das três obras literárias de viagem escolhidas como *corpus* central. Sob a perspectiva do *olhar* das

autoras-viajantes, examinaremos o que motiva a sua viagem e, conseqüentemente, define o seu propósito; qual o comportamento que esta autora-viajante adota quando está viajando; chegando no destino o que vê do ambiente que a cerca e como o descreve; apresenta questões pessoais durante o texto relacionando as experiências de viagem às suas singularidades e circunstâncias da sua vida; como descreve o morador local e seu modo de viver, comportar e etc. se relaciona, exprime opiniões e o adjetiva; sobre a mulher a vê com empatia ou mantém-se distante em sinal de alteridade; e na sua viagem, quais os sabores e dessabores por ser mulher.

As categorias, expostas sistematicamente, irão auxiliar na leitura crítica de cada livro de maneira a capturar, nos trechos recolhidos, estes *olhares* das escritoras e como elas o expressam ao voltá-lo para determinado aspecto que chamou sua atenção em sua viagem vivida e transcrita.

Esperamos inferir os atributos peculiares presentes em cada *olhar*, expressos de forma implícita e explícita, que são resultado das diversas referências e experiências de cada escritora, e que constituem o conteúdo que elas produzem, contribuindo assim para a delimitação e compreensão das possíveis características deste conteúdo no seguinte recorte: o da escrita feminina portuguesa contemporânea sobre viagem.

4. Análise às narrativas de viagem em livros de autoras portuguesas contemporâneas

Neste capítulo iniciaremos a análise do conteúdo das obras literárias definidas na metodologia por meio das quais procuraremos inferir as suas características que compõem o conteúdo do objeto de estudo, perfilhando cada uma das categorias deste *olhar* observadas a partir dos excertos recolhidos destas obras.

Almejamos ao final da inferência por cada *olhar* ter as características fundamentais delineadas e, assim, um retrato do conteúdo contemporâneo, estabelecido no exemplo da literatura de viagem de autoria feminina, notadamente, a portuguesa.

Para nos ajudar a compreender como o conteúdo foi constituído e se apresenta, levaremos em consideração a herança sociocultural, as referências e as inúmeras questões que permearam as viagens destas autoras e que interferem nas especificidades constitutivas das suas narrativas.

Iniciaremos com uma pequena biografia que visa elucidar sobre quem são as autoras-viajantes, formação, característicos pessoais, principais viagens e livros e suas experiências nestes dois campos, entre outros aspetos, e a descrição das suas obras fontes para a análise. Salientamos que o resultado desta pesquisa esta relacionada ao acesso online e em seus livros destas informações.

4.1. As autoras-viajantes portuguesas contemporâneas

4.1.1. Maria Filomena Mónica

Quando nasci, a Europa estava em guerra, mas Portugal não. Quando atingi a idade da razão, a Europa desenvolvia-se, mas nós não. Quando percebi o que era politica, a Europa votava, mas nós não. Não me foi difícil concluir que “lá fora” era melhor do que “cá dentro”(Mónica, 2015, p. 13).

Filósofa de formação, pela Universidade de Lisboa, 1969, Doutora em Sociologia pela Universidade de Oxford, 1978, escritora por vocação e leitora voraz, Maria Filomena Mónica nasceu em Lisboa, 1943, e construiu uma robusta vida literaria entre a colaboração regular em periódicos jornalísticos e a publicação de mais de 35 livros, compreendidos entre a escrita de bibliografias de cunho histórico e sociológico, biografias como as de *Eça de Queiroz* e *D. Pedro V*, e, também, livros relativos a suas experiências em viagens.

Narra sua infância como sendo tranquila e sem os percalços que muitas das famílias portuguesas assistiam à época, como a fome e a pobreza. Sua família pareceu-lhe viver alheia ao fim da 2ª Grande Guerra na Europa e à emigração que afetou a muitos de seus contemporâneos, assim como às notícias do que se sucedia no mundo lá fora.

Suponho que por ter lido num jornal qualquer coisa sobre a guerra na Coreia ou de, à mesa, o meu pai se ter referido a este conflito, o único desenho bélico que recordo da infancia é um quadro com aviões, de onde caiam, sem para-quedas, uma dezena de homenzinhos (Mónica, 2015, p.18).

Estudou em colégios de freiras onde recebeu educação “para fazer labores e a ler, escrever e contar: por esta ordem” (Idem, p. 15). Mas, nos princípios da adolescência a leitura e as primeiras viagens ao estrangeiro contribuíram para ampliar seu mundo que até então significava o sitio onde havia nascido, Lisboa, as praias de Cascais, local de preferência de sua mãe, e a aldeia onde seu pai nascera e viviam seus avós, próxima a Tomar, e onde costumava passar as grandes férias.

A primeira viagem veio com a turma da escola quando, aos 13 anos, foi a Madrid. O que lhe marcou nesta visita à Espanha foi para além dos cartões postais, lá se deparou com a pobreza e a miséria de maneira contundente e, ignorando o fato da Espanha estar em guerra civil, o questionamento que lhe vinha era o não entendimento do motivo pelo qual aquele país possuir mais pobres que Portugal. Fato este que lhe deixou impressão tal a ponto de ficar “constrangida”.

A ampliação de seus horizontes confundiu-se com a sua identificação com nacionalidade portuguesa x a europeia, e a sua vontade de pertencer ao mundo foi se fundamentando, sobretudo o que fosse fora da Península Ibérica e, ainda menos, nos Estados Unidos, país lhe parecia distante e irreal. Desejava a Europa, em particular e em princípio, a França, de onde passou a consumir a moda e os maneirismos, fato que elucida ao dizer: “(..) queria pentear-me, mover-me e vestir-me como Brigitte Bardot. O fato de em Portugal ser proibido usar biquínis semelhantes aos da atriz francesa serviu para confirmar que o meu país não me convinha” (Mónica, 2015, p. 19).

Vale notar que em seus textos e entrevistas nos quais se refere a Portugal, infere-se um caso oscilante de amor e desamor por sua pátria, muito devido a sua firme visão crítica sobre o social, a economia e a política, constituída ao longo da vida por meio dos seus estudos e observações que a levaram a escrever livros como, “*Os Pobres*”, 2016, no qual expõe já de início: “Nunca passei fome. Os meus filhos nunca passaram fome. Os meus netos nunca passaram fome. Mas, em Portugal, ainda há gente que sofre por não ter de comer”. Na recente obra “O Meu País. Notas sobre Nacionalismo”, de 2020, relata:

O facto de a minha pátria ser Portugal não me leva a pensar que seja a melhor do mundo: reconheço tão-só que foi aqui que nasci, foi aqui que cresci, foi aqui que tive filhos e netos. E agora, que me foge a curta vida, gosto mais dela porque finalmente me deu a oportunidade de pensar, falar e escrever livremente.¹⁹

Ingressou na Faculdade de Letras onde fez a formação em Filosofia quase ao mesmo tempo em que se casou, em 1963, com o primeiro marido, Carlos, com quem teve dois filhos. O casamento aliás, em detrimento ao estudo que tanto ambicionava, era a perspectiva alimentada por seus pais, “interessados em que eu fizesse um “bom” casamento em vez de andar com o cérebro metido em calhamaços” (Mónica, 2015, p.

¹⁹ Recuperado em 5 de agosto de 2021 de: https://ionline.sapo.pt/artigo/724618/maria-filomena-monica-e-o-seu-pais?seccao=Mais_i

19). Com Carlos, que era comissário de bordo, teve a oportunidade de realizar várias viagens por cidades da Europa, feito este que lhe trouxe grandes alegrias.

Contudo, o retorno a Lisboa, após uma destas incursões em 1967, e à rotina no trabalho profissional e no dia a dia da casa, contribuiu para lhe dar a certeza de que “não pertencia àquela Lisboa, policiada e plácida, mas ao mundo que entrevira nas fugazes visitas que empreendera” (Mónica, 2015, p. 19).

O divórcio veio em 1969 fato este que lhe foi doloroso e sobre o qual sua família, especialmente sua mãe, se pronunciou desejando que recorresse a uma anulação junto à Igreja para, por certo, lhe assegurar um segundo matrimônio. Recusando-se, tratou de esclarecer:

Disse-lhe: “Não tem pés nem cabeça”. Eu não troquei o Carlos por outro homem. Isso facilitou o divórcio. Mas eu tinha-me casado em 1963 pela Igreja. E disse à minha mãe: “Pode fazer o que quiser. Não assino um papel a pedir a anulação do casamento. Não vou casar com ninguém. Não estou interessada num homem. Estou interessada em saber mais e não ser uma estúpida loura”. A minha ideia era sair daquele casulo social e estudar.²⁰

A vontade de estudar e de viajar tornou-se possível por meio de uma bolsa de estudo, esta a conduziu ao doutoramento em Oxford, e a levou a “obter o que queria” e a “salvar-lhe a vida” (Mónica, 2015, p. 19). A partir daí, não mais parou.

Desde então, o desejo em ampliar seu *Bilhete de Identidade* arrebatou-a a navegar por Portugal, Europa e o estrangeiro, muitas destes locais percorridos em companhia de seu segundo marido, o cientista social e político Antonio Barreto, fotógrafo oficial dos périplos e companheiro a quase 40 anos.

²⁰ Recuperado em 06 de agosto de 2021 de <https://observador.pt/especiais/maria-filomena-monica-o-cancro-provoca-muita-chatice/>

Suas experiências de viagem foram transcritas em seus livros, os quais possuem traços de sua subjetividade e visão de mundo impregnada de sua perspectiva portuguesa e europeia o que, e entretanto, não a isentou e mesmo reforçou, a inclinação em exercer um *olhar* crítico e atento à realidade que a cercava.

Em muitas ocasiões, a escritora manifesta uma personalidade segura e um senso de humor peculiar, expressos de forma incisiva em entrevistas, aparições públicas, bem como, em seus livros de viagem, ao tratar deste *olhar* sobre si e sobre os outros. Características essas demonstradas em momentos como, “continuo a gostar mais de me dar com pessoas inteligentes do que com burros, isso é verdade, portanto sou um bocadinho snob intelectual. Mas, como eu não me dou com ninguém... Já não sei o que sou”.²¹

Ou quando do relançamento de sua autobiografia, “*Bilhete de Identidade - Memórias de 1943 - 1976*”, 2005/2017, a qual causou alvoroço entre os portugueses, alguns dos quais próximos a si, atitude sobre a qual respondeu:

Para começar, quando escrevi isso estava em Oxford, não estava em Portugal. Portugal era um país onde nascera, mas já mudara muito. E, depois, quero lá saber. Pode parecer arrogante mas não é. Mas quero lá saber o que as outras pessoas pensam. Não me interessa. Apeteceu-me. Isto é uma sociedade livre, sinto-me uma europeia do estilo anglo-saxónico — e escrevi.²²

Esta perspectiva do *olhar* pode também ser observada em seu livro, “*O Olhar do Outro - Estrangeiros em Portugal: Do Século XVIII ao Século XX*”, 2020, no qual Mónica apresenta uma narrativa onde lhe interessou o *olhar* do outro, com testemunhos e observações de ilustres viajantes que estiveram no seu país e a sua contribuição para a

²¹ Recuperado em 06 de agosto de 2021 de: <https://observador.pt/especiais/maria-filomena-monica-o-cancro-provoca-muita-chatice/>

²² Idem

formação dos estereótipos sobre Portugal. Um livro dividido em períodos temporais que vão dos anos de 1800 aos atuais e em “datas em que Portugal tivesse adquirido notoriedade entre as nações” (Mónica, 2020, p.11) o que teria provocado a viagem e chamado a atenção do *olhar* dos visitantes.. Sobre o qual explica:

O *olhar* dos que nos visitaram muda não só devido às circunstâncias com que se depararam mas devido às ideias que traziam na cabeça e que se vão alterando com a passagem dos anos. Também aqui muito é provocado pelas ideias que já traziam.²³

Aos 78 anos, Maria Filomena Mónica está como Investigadora emérita do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa²⁴ e já não viaja tanto como gostaria, não somente devido à idade mas, sobretudo, ao que lhe assombra: o número de turistas que se acentuou nas últimas décadas.

Passaporte - Viagens 1994 – 2008

Este fato a autora descreve no prefácio do seu livro “*Passaporte, Viagens 1994 – 2008*”, 2009, o qual será a fonte de análise de conteúdo para este estudo e que foi escolhido uma vez que nele a autora relata viagens realizadas a locais dentro e fora da Europa. Segue:

Aos poucos chegou-se ao turismo de massas. Poderão dizer-me que nada se perdeu, mas não é verdade. Hoje, não há floresta, praia, ilha onde não se vislumbre um ser humano de máquina fotográfica a tirá-lo. A globalização vai forçando os turistas a escolherem países cada vez mais exóticos, o que

²³ Recuperado em 07 de agosto de 2021 de: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/21-mar-2020/maria-filomena-monica-portugal-nunca-foi-uma-pais-de-brandos-costumes-11957924.html>

²⁴ Recuperado em 05 de agosto de 2021 de: <https://www.ics.ulisboa.pt/pessoa/maria-filomena-monica>

paradoxalmente faz com que, em todos os lados, encontremos os mesmos hotéis, as mesmas lojas, os mesmos restaurantes. As diferenças regionais, até as nacionais, são uma espécie em vias de extinção (Mónica, 2009, p. 6).

O livro é composto por 13 *relatos* de viagens empreendidas por Portugal, principalmente, à Andaluzia em Espanha e Inglaterra, na Europa, e ao Egito, Turquia e Macau e Hong Kong. A análise do *olhar* em seu conteúdo privilegiará as categorias definidas na metodologia de trabalho e, portanto, não dividiremos as observações entre as viagens dentro da Europa e as realizadas fora dela.

Através do itinerário percorrido por seu livro de viagem, *Passaporte Viagens 1994 – 2008*, foi possível reconhecer algumas das características e realizar inferências sobre a constituição do *olhar* de Maria Filomena Mónica em seu conteúdo.

Este está impregnado pela mulher que é, de convicções, fundamentadas em seus conhecimentos mas, também, em sua personalidade. Não dispensa em apresentar suas opiniões, respaldadas muitas vezes com fatos e argumentos históricos, mas temperadas por seu modo decisivo de pensar e agir.

Sendo uma mulher com o histórico familiar e a formação que possui, podemos ponderar que teve uma vida privilegiada. Contudo, entre os altos e baixos que possa e com certeza viveu, prevaleceram a vontade em estudar e em viver experiências fora do seu país, o que buscou e alcançou. Oportunidades que significaram conhecer o mundo e sair do casulo a que estava predestinada e ao qual desde cedo soube que não era para si. Carimba seu passaporte como a grande escritora-viajante que é.

4.1.2. Alexandra Lucas Coelho

Viajar tornou-se, mesmo de férias, tornou-se diferente para mim a partir do momento que eu comecei a ser jornalista. Tornou-se um pouco difícil. Eu acho que se torna muito viciante. Porque a forma como nós viajamos quando estamos trabalhando é muito diferente de quando estamos em férias. Porque aí (no

trabalho) nós estamos muito mais voltados para os outros, estamos muito mais atentos. Eu acho que nós conhecemos de fato muito melhor um lugar se nós estivermos trabalhando, do que se estivermos de férias. Então fica até complicado viajar... eu não sei bem mais o que é viajar de férias.²⁵

Das três autoras eleitas para este estudo, Alexandra Lucas Coelho, nascida em Lisboa em 1967, é a mais viajeira, pelas terras menos turísticas, e a que mais narrativas de viagem escreveu. Estudou Teatro no IFICT, formou-se em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e foi também mestranda no Centro Arqueológico de Mértola (Portugal Islâmico e o Mediterrâneo). A jornalista e escritora, iniciou sua carreira como reporter de rádio e trabalhou como correspondente do jornal Público em mais de 20 anos, até decidir dedicar-se totalmente à literatura.

Sua trajetória profissional começou em 2001 quando Alexandra passou a cobrir como jornalista, e a viajar de forma sistemática, para os países do Médio Oriente e Ásia Central. Entre 2005 e 2006, permaneceu por seis meses residindo em Jerusalém como correspondente, retornando em 2007 para uma série de entrevistas. Continuou cobrindo estes países até mudar em 2010 para o Brasil e lá residir por 3 anos e meio na cidade do Rio de Janeiro, voltando a Lisboa em finais de 2013.

Este contexto a levou a duas realidades: a primeira a conhecer sitios os quais, mesmo para os jornalistas masculinos, eram de difícil acesso, uma vez que exigiam permissões e vistos que eram concedidos com muito pouca frequência, como é o caso de Israel e Gaza, especificamente. Territórios estes que cobriu em mais de uma ocasião para as inúmeras matérias para o periódico, mas, também, para a composição de seu primeiro livro.

A segunda está no fato de ter a entrada permitida em determinadas zonas destes países, somente por ser mulher, mesmo sendo jornalista, mas, que exatamente por esta condição feminina, lhe era permitida a participação. Como na visita à uma maternidade

²⁵ Recuperado em 10 de agosto de 2021 de: <https://globoplay.globo.com/v/1666203/>

no Afeganistão, que lhe levou a reconhecer uma realidade materna e infantil para poucos experimentada. Sobre estas experiências em situações de conflito a autora relata:

Cobrir a guerra é na verdade cobrir a vida. Cobrir a vida que está no meio da guerra. E cobrir a guerra é cobrir esta intimidade que é a vida rolando, a vida que está acontecendo pois, as pessoas continuam a estudar, continuam a criar, continuam a pintar... (...) a ultima vez que estive em Gaza, em 2009, escrevi uma crônica a partir de uma história contada por meu amigo de lá pois, com a escrita é fácil as pessoas poderem identificar-se, no fundo pensar que as coisas não são assim tão diferentes. O que estava acontecendo ali, naquela casa, no meio da Faixa de Gaza, durante a guerra com bombardeios contínuos, era um casal tentando ter um neném.²⁶

A este percurso profissional relaciona-se a sua vontade de viajar. Muito dele foi possível e promovido pelo seu trabalho como jornalista, mas, e quase principalmente, impulsionado pela sua inclinação pessoal pela viagem.

O início da sua trajetória como autora-viajante começou em 2007, com a obra *“Oriente Próximo”*, que trata do conflito entre Israel e os Palestinos. Logo depois publicou, *“Caderno Afegão”*, que apresenta a realidade do Afeganistão, incluindo as mulheres e as questões com os talibans. *“Viva México”*, 2010, foi resultado de uma viagem pelo país, em que Alexandra registrou os migrantes clandestinos, a devoção à Virgem e os cartéis que comandam a violência.

Um livro de viagens é sempre um relato de vida, um percurso. Um bom livro de viagens faz do trajeto o reflexo subjetivo de um todo. Atira-nos para a viagem e

²⁶ Recuperado em 10 de agosto de 2021 de: <https://globoplay.globo.com/v/1666203/>

faz-nos parte do caminho. Este é um bom livro de viagens. Deixa o México na nossa cabeça e no nosso coração. ²⁷

A conexão México – Brasil cruzou-se com os acontecimentos políticos do Egito em torno da Praça Tahrir. Alexandra partiu em férias para lá, acompanhando por quase 10 dias o epicentro da revolução até a queda do ditador, Hosni Mubarak. Uma manifestação feita por toda a gente e com difusão pelas redes sociais.

Logo após vieram seus livros de viagem pelo Brasil: *“Vai, Brasil”*, 2012, que será foco desta pesquisa, e o *“Cinco Voltas à Bahia e Um Beijo a Caetano Veloso”*, 2019. Depois de um encontro com o músico em Lisboa, ele lhe recomendou, ao responder sobre a leitura de seus livros: *“Só faltou a. Bahia”*, e assim partiu a viajante. Em 2020, esta obra venceu o *“Grande Prémio De Literatura de Viagens Maria Ondina Braga”*.

Ao todo são 14 livros publicados, sete dos quais compostos exatamente por crônicas-reportagens sobre suas viagens, aos que se somam romances e livros para crianças. Com quase 15 anos como escritora, em meio a sua carreira jornalística e viagens pelo mundo, Alexandra tem o reconhecimento por meio de dois Prêmios Literários: em 2012 recebeu o *“Grande Prémio de Romance e Novela”* concedido pela Associação de Escritores/Direcção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas, por seu primeiro romance *“E a noite Roda”*, 2012 e o prêmio já realcionado acima.

Este primeiro romance significou a abertura para Alexandra de uma possibilidade ao escrever que há muito almejava: o da liberdade, a qual este gênero literário lhe concede. Nesta obra, a autora descreve a história sobre um desejo de romance, uma paixão, entre uma casal, narrado pela perspectiva da mulher.

Ele se passa inicialmente em Jerusalém e depois percorre outros sitios pelos quais a autora viajou, reconhece pessoas que ela encontrou, e acontecimentos que viveu. O que acontece entre as personagens é muito definido pelos locais e o que lá está a acontecer.

²⁷ Recuperado e, 10 de agosto de 2021 de <https://www.intro.pt/viva-mexico-alexandra-lucas-coelho-c-das-letras-2018/>

“Cenários caóticos, convulsos e claustrofóbicos”, segundo ela, dos quais os sentimentos da relação entre eles deriva e se embaralha. Sobre a construção deste conteúdo a autora se refere na seguinte entrevista:

Os meus primeiros livros são livros que têm jornalismo e são livros de viagem. Este romance, que é o primeiro romance que eu faço, eu digo primeiro porque tenho outros na cabeça. Para mim representa, é uma mudança naturalmente, mas é mais uma espécie de ampliação, uma espécie de paisagem que se abre, não uma propriamente uma rutura, é uma mudança mas não é uma rutura. Eu tenho dito que pra mim a diferença entre jornalismo e literatura é uma diferença de liberdade. Portanto, não é a diferença entre a liberdade e a ficção. O que me interessa, a fronteira que me interessa, é a fronteira da liberdade. É a ideia de liberdade total que me interessa. (..) O criador é inteiramente dono daquilo que quer fazer. O território a que este livro se inscreve é o da liberdade.²⁸

Seu mais recente livro, “Libano, Labirinto”, lançado em 2021, convoca a história milenar do Líbano, "sem a qual é impossível pensar a tragédia atual", que é "também a tragédia da Síria, da Palestina, de um Médio Oriente acompanhado pela autora há quase 20 anos".²⁹

Alexandra Lucas Coelho tem hoje uma obra literária robusta e reconhecida. Seus livros trazem um repertório rico em viagens mas também de observações importantes sobre o mundo. Uma verdadeira fonte para o conhecimento da história social contemporânea. O mundo para ela é vasto, curioso e merecedor de notas!

²⁸ Recuperado em 10 de agosto de 2021 de: <https://www.youtube.com/watch?v=qNG-fQ451Jw>

²⁹ Recuperado em 10 de agosto de 2021 de https://www.rtp.pt/noticias/cultura/novo-livro-de-alexandra-lucas-coelho-mergulha-na-historia-e-nas-tragedias-do-libano_n1333167

Vai, Brasil

Em seu livro, “*Vai, Brasil*”, 2015, Alexandra Lucas Coelho nos apresenta uma série de quase 100 crônicas, escritas no período entre 2010 e 2013 quando era correspondente no Rio de Janeiro, Brasil, para o jornal Público de Portugal. Parte desta cidade para vários outros sítios do país, percorrendo da Amazônia, onde esteve por mais de um mês navegando por seus rios até a cidade mais indígena da região e que resultou em mais de 70 páginas no livro, o Nordeste, o Sul e Sudeste brasileiros. Regiões de conformação populacionais distintas, em raça, costumes, arquitetura e culinária, para citar alguns exemplos. Nuances que distinguem o Brasil, além de sotaques e as maneiras de o enxergar pelos seus próprios habitantes.

Neste conjunto a autora-viajante nos apresenta o seu *olhar* no percurso por todo o país, suas diferenças e idiosincrasias, relatando em pormenores, em frases curtas e períodos longos bem detalhados, tudo que seu *olhar* atento de jornalista conseguiu captar. Ressaltamos que por se tratarem de crônicas escritas a trabalho os temas são variados mas, prevalece a prerrogativa jornalística que atrai as questões culturais, sociais, políticas e econômicas e a correlação com Portugal, seja pelo aspecto positivo ou negativo, principalmente no que tange questões ligadas à constituição do Brasil pela escravatura e exploração, postos em prática pela coroa portuguesa em mais de 400 anos de sua presença nestas terras até a Independência em 7 de setembro de 1822 e posterior proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Nesta obra da análise de conteúdo, iremos buscar em suas crônicas cada um dos seus olhares, compilados nas categorias metodológicas, para que possamos inferir mediante todas as características que pudermos observar, como se constitui o *olhar* da escritora sob cada uma destas perspectivas.

Nota a ressaltar é a presença constante no livro de referências a escritores e à história local. Alexandra permeia o texto com apontamentos e citações que remetem ao contexto local como também ao imaginário constituído na literatura brasileira.

4.1.3. Raquel Ochoa

"Temos a liberdade de ir. Temos a liberdade de não ir. Eu escolhi ir. Nunca me arrependi"³⁰

Raquel Ochoa é considerada uma das viajantes portuguesas mais conhecidas no país, por suas viagens e no campo literário pelos leitores das suas narrativas de viagem, graças ao livro de estreia "*O Vento dos Outros*" e aos demais que compõem sua literatura.

Nascida em Lisboa em 1980, licenciou-se em Direito pela Universidade daquela cidade. Vinda de uma família trabalhadora fixada em Sintra, sua mãe educadora e seu pai advogado, sempre teve por este uma grande admiração e dele recebia os incentivos para desenvolver suas paixões: a viagens, a literatura e o ato de escrever.

A primeira paixão começou desde cedo a explorar quando, aos 16 anos, percorreu muitos dos países europeus pelo eurotrail. Aos 21, foi à Índia pela primeira vez e desde então soma mais de 20 viagens a este país. Cabo Verde é o segundo caso de amor, Ochoa viajou sistematicamente ao país para inúmeros trilhos que lá fez, subindo e percorrendo sua história e montanhas. Sobre a Índia recortamos o seguinte depoimento:

A Índia cilindra as pessoas, ninguém lá vai e consegue voltar à sua cultura com os mesmos olhos. Eu sou muito diferente da menina de 21 anos que lá aterrou à espera de encontrar os exóticos e as iluminações místicas. Hoje vejo a Índia com um enorme respeito à terra, um mundo complexo, impossível de compreender na plenitude. Por isso, cada vez que lá vou, deixo-me afundar naquele enigma – e às vezes as respostas vêm à tona.³¹

³⁰ Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <http://www.aemiraflores.edu.pt/joomla2/index.php/es-de-miraflores/788-raquel-ochoa-na-es-de-miraflores>

³¹ Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/raquel-ochoa/historias/123134/>

Em 2004, cruzou o oceano até a América do sul permanecendo lá por seis meses e em 2013, os 33 anos, realizou uma meia-volta ao mundo em outro grande período, cruzando os países Asiáticos e a Oceania, num caleidoscópio de viagem por: Singapura, Malásia, Indonésia, Austrália, Nova Zelândia, Hong Kong e Macau, Índia, Sri Lanka, Marrocos. Nas suas viagens já visitou mais de 50 países e cumpre uma jornada anual de sempre viajar nos últimos meses do ano, como um ritual a completar para oxigenar a vida.

De Blogger a escritora reconhecida de romances, crônicas de viagem e biografias, Raquel iniciou sua escrita com a publicação do seu primeiro livro em 2008, *“O Vento dos Outros”*, dedicado ao seu pai e resultado da primeira grande viagem pela América do Sul. Obra sobre a qual realizaremos este estudo e que mereceu descrição específica a seguir. Dela extraímos o seguinte excerto que exemplifica a paixão de Ochoa pelas viagens:

Prepara-te. Só uma descida muito grande pode impulsionar-te para a maior das subidas. Se dois ou três seres respirantes entenderem a melodia que é sonhar, talvez se consiga construir uma civilização. Talvez as nossas preces desesperadas, ou os nossos pensamentos de desalento, influenciem de tal modo o mundo que mais vale ser um indivíduo típico portador de cerebropatia crónica do que um atleta demasiado visível na sua corrida pela estratosfera.

Por algum canal contigo falo.

Virias comigo?

É que pode bem acontecer que passe por aí uma galera e te leve a voar.

Virias comigo?

Vem... E a tristeza faça um duo ao tropico oposto ao que vivemos e cante por lá fados que já não serão os nossos. (Ochoa, 2012, p.13)

Publica novamente em 2008, lançando *“Bana – Uma vida a cantar Cabo Verde”* consagrando seu ingresso pelas biografias. 2010 vem o romance *“A Casa-Comboio”*, que descreve a jornada de uma família indo-portuguesa, percorrendo 04 gerações no decorrer de 100 anos desta história. Este livro mereceu o reconhecimento do *“Prémio Agustina Bessa-Luís 2009”*, como romance histórico.

A partir daí vieram as publicações, *“A Infanta Rebelde”*, 2011, tratando da biografia da Infanta D. Maria Adelaide de Bragança e outro romance em seguida denominado, *“Sem Fim a Vista”* de 2012, no qual descreve a aventura de um homem, com questões graves de saúde, mas que está determinado a realizar uma viagem como, possivelmente, a última grande investida em sua vida. Este personagem percorre os países em que Raquel esteve quando de sua meia-volta ao mundo.

Em 2014 publica *“Mar Humano”*, romance histórico que faz reflexão sobre o jornalismo, seus bastidores e suas práticas em Portugal. *“As Noivas do Sultão”* é publicado em 2015 e constitui um relato, a partir de fatos verídicos, da chegada de imensos barcos em Lisboa após uma grande tempestade no mar. Estes eram provenientes do Marrocos e traziam a família e o harém do sultão a bordo. Seu último livro data de 2017 e trata-se de um ensaio biográfico sobre o arquiteto *“Manuel Vicente, a Desmontagem do Desconhecido”*, que faleceu antes do livro ser publicado.

A respeito do reconhecimento literário, Raquel Ochoa não é capaz de estabelecer consideração final sobre qual dos seus livros seria o mais reconhecido.

Ainda não passei por essa experiência! Mas é possível que certas obras sejam mais totais. *“A Casa-Comboio”* por reanimar uma história adormecida, *“O Vento dos Outros”* pela ousadia, *“Mar Humano”* pela profunda crítica, e *“As Noivas do Sultão”* pela revelação de uma história que é um tesouro, são as minhas preferidas.³²

³² Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <https://cm-sintra.pt/sintra-em-agenda-arquivo/entrevista-a-raquel-ochoa>

A condição de mulher e viajante leva a escritora a redobrar os cuidados ao viajar sozinha. Mas, apesar de haver um grande risco nesta viagem solo, a autora-viajante admite que “a satisfação final é francamente superior quando comparada com a que retira das viagens efetuadas com companhia. Outros escritores-viajantes não poderiam estar mais de acordo”³³.

Ochoa acrescenta que por viajar há mais de 20 anos, mais da metade de sua vida, acredita que o importante seja o olhar atento e a disposição para ser surpreendido. Para a autora-viajante:

“Uma viagem é boa quando destruímos o mínimo possível, não alterámos a silêncio natural de um lugar e começámos uma amizade, às vezes um amor», diz a escritora Raquel Ochoa, 41 anos, que fez do nomadismo inspiração para a literatura – e de certo modo filosofia de vida. Se há ensinamentos a retirar de tantas léguas, é este: «É preciso ter paciência. Há viagens que demoram anos a dizerem-nos o que nos queriam dizer.»³⁴

Raquel é uma das novas letras que Portugal produziu nos últimos 50 anos. Atenta e desprovida de roteiros pré-definidos, a autora abre-se ao novo e ao *Outro*, impregnando suas obras com relatos de grande aventura e desprendimento. Uma obra literária que vale a leitura e a viagem.

O Vento dos Outros

Cumpro (ou tento cumprir...) três géneros distintos: literatura de viagens, romance, biografia. Mas há uma contaminação visível da literatura de viagens nos outros géneros, por ser aquilo a que chamo a minha “língua-mãe”. Penso

³³ Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/livro-pes-na-terra-644945>

³⁴ Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <https://cm-sintra.pt/sintra-em-agenda-arquivo/entrevista-a-raquel-ochoa>

que é um género com capacidade de surpreender toda a gente porque reflete o mundo, e o mundo nunca é estanque, nunca está todo descoberto.³⁵

Nesta sua primeira obra literária a autora-viajante Raquel Ochoa nos apresenta sua viagem de grande temporada, realizada na altura dos seus 24 anos para 25, portanto, entre fins de 2004 e o início do ano seguinte. “*O Vento dos Outros*” foi publicado pela primeira vez em 2008, com reedição em 2012, e constitui-se em um roteiro de quase 200 páginas e fotografias, em que a autora partiu da Costa Rica, na América Central, e entrou pela América do Sul onde percorreu o Peru e suas montanhas históricas de Machu Picchu, entrou pelo filete de fronteiras demarcadas pela Cordilheira dos Andes que é o Chile e chegou ao extremo do continente até a Patagónia Argentina, em plena passagem de ano. A viagem ainda continuou por outros sítios na Argentina e depois pelo Brasil, relatos os quais não estão presentes na narrativa.

Trata-se de um “caderno de viagem”, de anotações resultantes de 6 meses de jornada descendo o continente, primeiro em companhia de amigos conhecidos e, durante, de amigos reconhecidos no percurso. Cada parte que compõe o caderno é subdividida em outras, mesmo como a escrita de um diário, em que página a página corresponde à experiência vivida, sem necessidade de impor temporalidade, somente a observação do que chamou atenção do seu *olhar* naquela ocasião.

Em uma trajetória assinalada por vivências em zonas de diferentes paisagens, desde cidades urbanas, povoados montanhosos, selvas, trilhos e praias paradisíacas. Entre autocarros que à primeira vista não conseguiriam mover-se a uma pequena distância, a homens carregadores de um acampamento inteiro somente utilizando seu corpo como ferramenta de transporte, Ochoa caminhou por estes países com seu *olhar* atento ao *Vento dos Outros* e as paisagens, costumes e heranças que constituem os países e povos que teve a oportunidade de conhecer.

³⁵ Recuperado em 04 de setembro de 2021 de <https://cm-sintra.pt/sintra-em-agenda-arquivo/entrevista-a-raquel-ochoa>

A narrativa apresenta o descerramento do *olhar* de uma jovem viajante, incorporando uma terceira geração de autoras portuguesas neste estudo, disposta a se entregar ao que cruzasse seu caminho e disponível a interpretar estes acontecimentos com uma sensibilidade que, quem sabe, poderiam levar-lhe a voar.

Como terceira obra de análise para este trabalho empírico persistiremos no mesmo rigor metodológico sistematizando o *olhar* da escritora com base nas categorias pré-definidas. E, através do recorte de trechos de sua obra, seguiremos com a pretensão de inferir, do seu percurso e tradução do seu *olhar* em seu conteúdo de viagem, quais as características da escrita feminina portuguesa contemporânea neste campo literário.

4.2. Categorias do olhar – análise qualitativa

4.2.1. O *olhar* e a motivação

As disparidades que se pode inferir do *olhar* inicial entre as motivações para a realização das viagens pelas autoras-viajantes são evidentes. Por meio da leitura, pudemos averiguar que são dois os fatores que mais influem na diferenciação deste *olhar* entre elas.

Primeiro, está o caráter que as mobiliza nos dias atuais, que se fixa entre o pessoal, exemplificando os casos de Maria Filomena e Raquel Ochoa, e o profissional, que é o fato de Alexandra Lucas. A transformação na mentalidade e na vida social e econômica nos dias de hoje ressalta a possibilidade estabelecida, em Portugal e em boa parte do mundo, de uma mulher viajar, a trabalho e ser remunerada por isso.

E que é ampliada em Alexandra, pois ela se predispõe e escolhe desempenhar sua profissão, deixando sua pátria e demais referências e conforto, para atuar fora e, particularmente em países onde a presença feminina está, por exemplo, sob o paradigma acentuado da religião que as oprime e cerceia sua liberdade, mesmo entre as estrangeiras e viajantes, e sob as ameaças contra sua vida, em locais de guerra ou de violência social, como infelizmente ocorre no Brasil.

Este seu *olhar* inicial está reproduzido em “*Vai, Brasil*” cuja motivação primordial para a realização das inúmeras viagens feitas pelo país, durante os 04 anos que por lá esteve, está explícita no exercício de seu trabalho. Isto, por sinal, é motivo constante em sua literatura de viagem: quase todos os seus livros foram fruto de suas crônicas para o jornal Público, permeadas com períodos de nova mobilidade para os locais visitados, em que procurou aprofundar a pesquisa e as entrevistas que compuseram suas obras. Isso ocorre na escrita dos livros “*Oriente próximo*”, 2007, sobre Israel e Palestina, em “*Caderno Afegão*”, 2009, pelo qual percorreu todo o Afeganistão, e no novo “*Líbano, Labirinto*”, 2021, onde narra as viagens ao país e o recente desastre da explosão no porto de Beirute em 2020.

Da observação da motivação pessoal, mesmo se tratando de viagens em férias, como as de Maria Filomena e Raquel Ochoa, as autoras apresentam expectativas bem distintas em seus olhares.

Exemplificando esta colocação, Maria Filomena, a propósito da sua visita a Macau, estendida a Hong Kong, relato 7 do seu livro, realiza uma viagem longa em horas de vôo até a aterrissagem mas, que durou menos de uma semana até a decolagem de volta.

Este roteiro foi motivado, primeiramente, pela vontade imediata de ir ao jogo nos Cassinos da primeira cidade, onde este é legalizado e constitui parte significativa do PIB local: “Era a época que se tiram férias. Mas nada disso me interessava. O meu objetivo era o jogo” (Mónica, 2009, p. 119). Mas a motivação se desdobra, e acredita-se que igualmente, para reconhecer um sitio onde a presença dos navegadores portugueses tinha sucedido.

Os portugueses escolherem bem o momento par navegar até a China. (...) Em 1508, o rei D. Manuel II despachara uma frota, com o objetivo de recolher informações sobre os chineses: “Perguntareis pelos chins, e de que parte vêm, e de quão longe.” O resultado foi a chegada, em 1513, de Jorge Alvares ao delta do rio das Pérolas. Após conversações com as autoridades chinesas, os

portugueses conseguiram estabelecer uma feitoria em Macau, a qual prosperou com base no comércio entre o Japão e a China (Idem, p. 121).

Raquel tem como motivação primordial expressa em sua narrativa o ato de viajar em si, que se entrelaça ao de escrever; o *olhar* inicial é uma manifestação do desejo, da disponibilidade e da abertura, desvencilhados de maiores anseios pela autora-viajante. Como manifesta na abertura de sua obra, correlacionando este relato com a escolha do título:

Este é um caderno de viagem, única e irrepetível como qualquer ser. Como qualquer sede. Porque viajar, à semelhança de escrever ou guerrear, é um frívolo segundo de desabafo; é uma meditação e um descanso. É viver de ideais novas, porque nunca estancam. Uma viagem é uma obra por fazer. É como uma vida inteira, em ponto pequeno.

Viajar é ser um pouco vento, participar da sua magia de forma microscópica. Por isso, chegar à casa do vento e assistir à sua partida apressada em todas as direções é um encantamento de momentos que pode decifrar o porquê de os elementos serem deuses, e o homem, o agente eletrificado com suficiente voltagem para o compreender (Ochoa, 2012, p.11).

Motivação esta traduzida também por este outro trecho que é marcado pela observação de seu amigo português que a acompanhou no períplo da Costa Rica:

Passaram mais sete dias. Entregámo-nos ao *dolce fare niente* sem reservas e expectativas. O sol queimava a pele, erradicava a vontade de pensar, os dias eram a premonição da noite, vividos pausadamente, com abandono consciente da sanidade. O estado de espírito coletivo era bem traduzido numa frase que o

Bruno soltava de vez em quando: “eu continuo a exercer o meu direito à abstração! (Ochoa, 2012, p. 38).

Consideramos que os olhares iniciais são influenciados por outro fator que é a idade das viajantes e o fato de pertencerem a gerações diferentes. Há uma arco de quase 40 anos, por exemplo, em idade entre Mónica e Raquel, o que influi particularmente sob este primeiro *olhar*.

O perfil da viagem altera-se com respeito a consideração. As possibilidades podem se tornar mais limitadas, as disposições mais restritas e a preocupação com fatores mais técnicos, como saúde, passaram a ser levadas mais em consideração para a realização de uma viagem. E que, logicamente, influe no seu desenrolar e na escrita do seu conteúdo. Isto pode ser verificado em relatos de Mónica que se preocupa com colchões, serviço médico e acesso a tratamentos em caso necessário.

Vale ressaltar que em sua viagem a Turquia, Maria Filomena esclarece uma particularidade indispensável e, por vezes, determinante, nas suas escolhas de viagem, realçada pela idade e pelas convicções.

Tendo perdido o apetite por viajar, fui adiando a visita, mas minha hesitação não era apenas atribuível à preguiça. Em 2000, decidira jamais ir a países onde os tribunais não respeitassem os direitos fundamentais, cuja a língua eu desconhecesse e cujos hospitais não possuíssem o nível de eficácia por mim tido como desejável (Mónica, 2009, p, 106)

A escolha por autoras-viajantes de gerações distintas não foi à toa. Gostávamos, propositadamente, de observar se as motivações continuavam as mesmas, principalmente no que se refere a nova escritora. Ressalta-se que é impressionante observar como a motivação feminina sofreu mudança real de perspectiva no definir da viagem, em tão pouco tempo e para outras dimensões mais subjetivas, como a busca

pelo refúgio, um período de introspecção ou pela liberdade que viraram objetivo de viagem para muitas pessoas. Assim foi a viagem de Raquel descrita em seu conteúdo, sem um roteiro ou hospedagem fechadas, somente com pontos de interesse, indo para onde lhe apetecesse e permanecendo o quanto desejasse.

Aqui, vale uma observação interessante: Maria Filomena tinha a mesma motivação para a liberdade na idade de Raquel, sob uma ótica de expandir horizontes culturais e visando o estudo e a instrução. O que não é, a princípio, o tipo de liberdade almejada por Ochoa. Perante esta constatação, verificada ao inferimos mais profundamente a respeito do *olhar* inicial, nos debruçamos com curiosidade sobre este aspecto geracional, para tentarmos elucidar alguns fatores que podem ter contribuído para esta evolução nas motivações e, consequentemente, na viagem destas gerações.

Elencando temas de conhecimento comum e tratados constantemente pelos média estão, por exemplo, o desenvolvimento tecnológico e o acesso à informação que permitiu o livre-arbítrio no que tange a escolha e logística da viagem; neste período as mulheres passaram a trabalhar com direitos trabalhistas e serem remuneradas, tendo seu próprio dinheiro e podendo viajar por conta própria; fato que se soma às mudanças nas expectativas em relação do casamento que, mesmo em uma sociedade católica como a de Portugal, se constitui hoje com mais idade ou até não.

Nem Alexandra, com 53 anos, e Raquel com 41 são casadas ou mesmo têm filhos. Enquanto Mónica aos 20 e poucos já tinha passado pelo primeiro matrimônio e era mãe de duas crianças. Nestas circunstâncias, planejar uma viagem de 6 meses pela América do Sul ou mudar de país a trabalho, certamente não seria tão provável ou facilitado. Mesmo assim, a destemida Mónica, foi ao seu Doutorado em Oxford, com 30 anos. No final, todas elas fazem o que lhe apetece dentro das suas próprias circunstâncias.

Retomando Mónica, um ponto notável no *olhar* das suas motivações para suas viagens está no fato dela ter passado a regorgizar-se com o levantamento bibliográfico anterior, o qual significava a preparação e a compreensão do local em que iria aportar. Em cada sítio relatado em *Passaporte* há, ao final, uma lista de referências que constituíram a pesquisa realizada pela autora e que incrementam suas narrativas com dados históricos

e curiosidades sobre escritores e viajantes ilustres que pelo local já haviam passado e sob os mesmos tinham deixado valiosas observações. Esta questão enfatiza como sua formação e estudos influenciam neste *olhar* em seu conteúdo. Na sua visita a Andaluzia que se iniciou pela Alhambra, relato 1, “*O Islão Ibérico*”, na bagagem trazia:

As expectativas eram altas. O meu espírito ia cheio de imagens retiradas da *Salammbô* de Flaubert, de *O Rapto do Serralho* de Mozart e dos árabes de Delacroix. Além dos guias de viagem, de que o mais sectário é o editado pela Cadogan, lera *The Tales of Alhambra*, escrito por um diplomata americano, W. Irving, que habitara o local no século XIX (Mónica, 2009, p. 11).

A mesma referência em relação a informação e estudos, pode ser observada no segundo aspecto a enfatizar sobre Alexandra e que conduz a motivação central para as viagens que resultaram no seu livro “*Vai, Brasi*” e que está implícita no título.

Nele a autora faz referência a uma frase célebre que circula no imaginário brasileiro desde sua primeira pronuncia, “*Brasil, país do futuro*”, título do livro do austriaco Stefan Zweig, de 1941, radicado no Brasil na altura da 2ª Grande Guerra após fugir do nazismo alemão.

Futuro este que nunca chegou mas que, no período em que Alexandra esteve no país, parecia que estava a chegar e, quem dera, permanecer. Era época do 1º Governo da Presidenta Dilma Roussef, que daria continuidade aos oito anos de Luis Inácio Lula da Silva como Presidente, tempo marcado por colocar o país como 8ª economia mundial, alcançar projeção internacional e verificar-se internamente uma melhoria na qualidade de vida das classes historicamente menos favorecidas. Todos estavam contentes, de empresários a trabalhadores, com as devidas considerações e medidas. A autora faz uma reflexão em seu título entre passado, presente e futuro, diante deste contexto recente e da herança histórica de constituição do país que o atravessa.

(...) Stefan Zweig, esse judeu que em plena ascensão do nazismo teve a epifania ao viajar para o Brasil. Foi ele aquela maldita benção: país do futuro. Sempre que o futuro parecia vir, não vinha. Os brasileiros pagaram caro tornarem-se um povo num imenso território com fronteiras estáveis. Pagaram com a vida, descendo da morte nos sertões para a morte nas favelas. Qualquer desejo era contra as evidências em contrário, comida, terra, liberdade ou música, e desse desejo se alimentou o Brasil (Coelho, 2015, p.47).

Com esta bagagem e o percurso do Brasil pela frente, Alexandra apontou seu *olhar* pelo país com a motivação em o desbravar e tentar compreender sua história e seu povo, fato que deixa transparecer em seus relatos e que a levou a uma imersão em estudos profundos sobre o Brasil e a relação histórica com Portugal, para escrever “*Deus-dará*”, 2016, um “romance passado no presente, que atravessa quinhentos anos de história entre Portugal e Brasil”³⁶. Vamos finalmente? “Essa é a pergunta presente que o Brasil se faz” (Coelho, 2015, p.7).

4.2.2. O *olhar* sob que perspectiva

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, *o caminho se faz ao andar* (Ianni, 2000. P.30 in Duarte & Muzart, 2008)

³⁶ Recuperado em 12 de setembro de 2021 de <https://observador.pt/2016/11/30/deus-dara-dancar-sobre-ruinas-no-rio-de-janeiro/>

Em uma abordagem as escritoras oitocentistas e sua perspectiva quando em viagem esta categoria do *olhar* foi estabelecida. Estas sem seus relatos majoritariamente o estabelecem a partir de uma visão centrípeta, perante o qual a casa em que permaneciam se tornava o ponto de observação e de perspectiva do local visitado, do qual partiam, observavam e para a qual voltavam, iniciando o período de escrita e elucubrações do que tinham visto. Característica esta verificada no seu conteúdo e descrita no segundo capítulo deste trabalho,.

Maria Filomena, bem como Alexandra e Raquel, têm na exploração e no vagar pelos sítios, de forma ordenada ou displicente, o ponto de partida da sua observação. Inferese por meio dos relatos que o ir, o permanecer, o contato, a troca, o interagir e o vivenciar, são características marcantes nas viagens das três escritoras-viajantes, que assumem papéis principais como exploradoras, como Mónica o fez ao decidir percorrer de barco o Rio Nilo valhendo-lhe o *olhar* sobre algumas descobertas:

Continuei a navegar pelo Nilo abaixo, como eu dizia, antes de me terem explicado a incorrecção da frase, dado que, nascido na região dos Grandes Lagos (a nascente fica perto de Ruanda), o rio tem a foz no Mediterrâneo. Entre outros locais, visitei o Vale do Reis, os Colossos de Mémnom e o templo de Karnak (Idem, p. 83).

No relato 12, *“Viagem ao Fim da Pátria”*, Mónica resolve aventurar-se e explorar o país até a Galiza. Esta viagem está descrita tanto em *“Passaporte”* quanto no livro, *“A Minha Europa”*, 2015, no qual o primeiro capítulo dedica ao *“O Meu País, Portugal”*. Ela foi motivada pela entrada na Comunidade Económica Europeia, CEE, em 1986, adesão que a contagiou visto que sentiu “que só me traria vantagens. Poderia visitar as universidades estrangeiras sem medo de que me julgassem uma bárbara, entrar em aeroportos pela fila dos privilegiados e, se me apetecesse, residir na Europa” (Mónica, 2015, p. 21).

O périplo à Galiza veio em seguida. Aventura descrita como sendo de grande prazer, visto compreender “atravessar as fronteiras terrestres sem me sentir uma intrusa. Em 1994, decidi ultrapassar, sem passaporte, a linha geográfica (..). Escolhi um dos mais bonitos locais no Barroso, a fronteira da Portela do Homem (Idem, p. 23). E relata a passagem em ambos os livros, rementendo-nos aqui à descrição contida em *Passaporte*:

Tão embevecida ia eu a pensar nas águias-reais e nos narcisos amarelos, que nem dei pela linha divisória seprando os dois países ibéricos. Mas ela ali estava, a famosa fronteira, entre escritórios alfandegários, guaritas pobres e marcações rodoviárias. Passei e voltei a passar pelo STOP anacrônico. O gesto sabia a transgressão (Ibidem, p. 225).

A perspectiva de Alexandra como viajante exploradora apresenta-se já no prefácio de “*Vai, Brasil*”, escrito pelo autor Francisco Bosco, que a descreve da seguinte maneira:

Mas nada há de habitual na profundidade com que Alexandra desbrava o território continental do Brasil, do Oiapoque ao Chuí (os dois pontos extremos do país), como se diz por aqui, ou ao menos de Porto Alegre a Manaus, nem a disposição intelectual com que encara os grandes teóricos, escritores e poetas; nem tampouco na sua entrega de corpo e alma aos ritos, práticas e festas brasileiros, de que nos dá, invariavelmente, um relato impessoal e pessoal, informativo, interpretativo, jornalístico e literário, já que a autora mobiliza os dois registros sem dificuldade. (...) Alexandra aborda tudo com espírito e sentidos abertos, sem preconceitos de qualquer natureza. A esse método de conhecimento, podemos chamar de *amoroso*, como o fez Nietzsche: “Quem realmente quiser conhecer algo novo fará bem em receber essa novidade com todo amor possível, e rapidamente desviar os olhos e esquecer tudo que nele pareça hostil, desagradável, falso (...) pois assim penetramos até o coração, até

o centro motor da coisa nova: o que significa justamente conhecê-la” (Coelho, 2015, p. 8).

Em tantos trechos da obra podemos vislumbrar este *olhar* amoroso e de total entrega de Alexandra seja, por exemplo, nas passagens pelos festejos de samba de rua ou em pleno Carnaval, nomeadamente, no seu primeiro desfile numa Escola de Samba, que se entrega à exploração da experiência sem nó na garganta:

O desfile curva para a esquerda, é o momento: entramos na Marques de Sapucaí, ou seja, na rua que é uma passadeira entre as bancadas de pedra. A partir daí são 45 minutos a cantar em *loop* o samba-enredo para Vinícius de Moraes, rodando ora para a esquerda ou para a direita, de cada lado vendo fãs da Império Serrano na bancada, berrando o samba-enredo de volta: *Cantar! É preciso cantar!!* Não há um camarote de jurados, há vários, de ambos os lados e ao longo de toda a avenida, com as plaquinhas com os vários quesitos: Harmonia, Bateria, Evolução, Fantasia e etc. Cem mil pessoas nos olham, do alto e do chão, mais de milhões na televisão, mais a avaliação. Portanto não há cansaço nem garganta seca, é preciso cantar e rodar, e já batem as cinco da manhã. Na reta final, o céu volta a fechar, cai a chuva, mas o Império está de pedra. Para a Serrinha isso é tudo, razão e mistério de vida. (...) Vinícius diria que é o ciclo: morrer após o êxtase para voltar à vida (Idem, p. 62).

Raquel Ochoa também abre espaço em suas experiências ao *olhar* sob o ponto de vista da exploração, relatando passagens em seu livro que se põe a perder, quase literalmente, pelo prazer em ir por um caminho diferente da maioria dos viajantes com os quais divide um trilho na Costa Rica:

Existiam dois trilhos à escolha, um de duas horas, outro de três. Os trilhos contornavam as montanhas quase sempre à mesma altura, sem grandes subidas nem descidas; no fundo rodeávamos a selva sem nunca penetrar realmente. Os outros visitantes seguiram pelo trilho de duas horas. Eu percorreria o outro – Encantado Trail, chamavam-lhe, numa tosca versão bilingue.

Só uns passos foram necessários – estava rodeada pela floresta húmida, cheia de colibris a esvoaçar a centímetros, frenéticos, de bico longo para o meterem onde não é chamado. E os sons. Todas as selvas têm um canto. Um ruído harmonioso de milhares de chilreios, de grilos, de cigarras borguistas, de sapos gordos, de rãs cantadeiras e uma atmosfera sem a mais leve brisa (Ochoa, 2012, p. 19)

É na subida para a povoação de Ayacucho no Peru, percurso feito em autocarros antiquados e por estradas a circundar montanhas onde mal se cabia uma pessoa a caminhar, quanto mais a permitir a passagem deste meio de transporte, que a leva ao seguinte pensamento no diário sobre “*Montanhas Mareadas*”: “Na primeira descida encomendei a minha alma a todos os santos.(...) um “coletivo” prestes a resvalar montanha abaixo” (Idem, p. 64). A autora porém continua, certa de um final surpreende para sua agonia:

De qualquer maneira não me sentia mal, nada disso. Olhava para o mapa e as cordilheira passava Ayacucho a ferro, rodeada por terras com nomes como Acobamba, Apacheta ou Vilscashuanán. Agarra o trilho que queria vaguear, uma linha de montanhas que me chamavam a muito tempo, numa viagem idealizada pelo instinto, sem ambições de nada, prostrando-me à gratidão que sentia pela vida, apenas querendo mover-me nela com coragem. (Ochoa, 2012,, p. 69).

Ressaltamos a importância deste *olhar* explorador das três autoras-viajantes que literalmente *fazem seu caminho ao andar*. Por meio dele podemos defini-las como reais

viajantes, abertas as possibilidades de aprendizado, em maior ou menor grau, mais evidentemente, viajantes e exploradoras. E não apenas a visitar e sacar fotografias de forma intermitente como turistas. Elas contemplam, sempre com seu *olhar* permeado pelas suas heranças.

Voltamos aqui à descrição de John Urry, citado em Graça Joaquim (2012), que abordamos no capítulo 1 sobre a literatura de viagem. Eis um trecho da referência anterior: “A experiência do viajante aparenta ser caracterizada pelo esforço, pela ausência do conforto ocidental e pelo encontro com o Outro no contexto dos seus modos de vida. O viajante tem tempo. Aprende” (Urry,1990;1992a;1992b;1995 In Joaquim, 2012, p.2).

4.2.3. O *olhar* sobre o ambiente

Observa-se toda a região; olha-se para a esquerda e para a direita; examina-se o que apraz e a gente se detém quando se agrada do lugar. (...) Não basta para se instruir percorrer os países; é preciso saber viajar. Para observar é preciso ter olhos e voltá-los para o objeto que se quer conhecer. (...) Há muita diferença entre viajar para ver terras e viajar para ver povos. O primeiro objeto é o dos curiosos, o outro é apenas acessório. (Rousseau, 1968 in Duarte 1999)³⁷.

Quando em um novo ou mesmo conhecido destino, são tantas as novas paisagens que se pode observar que por vezes o *olhar* se perde na profusão de informações. Em vários trechos podemos comparar a abundância do *olhar* de cada viajante. Eles se assemelham nas descrições detalhadas e adjetivadas. Nas três, percebe-se um olhar incomodado, por razões diferentes, mas que se deixa transparecer na narrativa.

³⁷ Rousseau. Jean-J. *Emílio ou Da educação*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

Resta-nos conhecer quais os ambientes que chamam a atenção das autoras-viajantes e porque, bem como a tipologia de suas descrições a partir do seu *olhar*. Nesta categoria pretendemos inferir destes olhares a capacidade e a disponibilidade de apreensão e a maneira descritiva, e detalhada, como já referenciado no repertório das escritoras.

Estas observações sobre o ambiente estão presentes em boa parte dos relatos, baseados, não somente na natureza, mas nas peculiaridades arquitetônicas de cada local e na “utilização” destes espaços pela população local, para citar alguns exemplos.

Ochoa viaja, particularmente, por trilhos. A autora tem nas caminhadas e escaladas de montanhas, além da prática do surf, três práticas que a levam a sítios por vezes paradisíacos. Nenhum deles passa despercebido de seu olhar sensível e que aparenta escolher as palavras ao descrevê-los. Como nesta oportunidade de subir até a cidade histórica de Machu Picchu, Peru, em uma excursão pelo trilho em torno das suas montanhas constituintes, realizado em 5/6 dias pelo Caminho Inca. Acompanhada por um pequeno grupo de completos desconhecidos e movida pelo conhecimento de guias-mulas-carregadores de toda tralha do acampamento para a jornada. Foi esta escolha ao invés do jeep rápido que em poucas horas a levaria ao mesmo destino. O ambiente é retratado da seguinte maneira por seu olhar aguçado, misturado a uma pluralidade de sentidos pessoais:

O coração pulava desobediente. Não entendia bem o porque de tanta entronização do sentir. Agitada, o que se costuma definir como “não sabia o que fazia”. Olhei em volta para a paisagem eloquente, não só se transformava radicalmente ao longe dos 360º de consecução, como suscitava um abandono, de quase suicídio. Por um lado, tinha montanhas enigmáticas acabando em multidões de nuvens que inspiravam futuro, esperança, fé. Por outro, um vale imenso onde ainda pareciam reluzir várias horas de dia, totalmente liberto de nebulosidades, como se de um lado o dia estivesse a nascer e do outro a findar. (Ochoa, 2012, p. 90)

Seguindo pelas cidades, Na cidade de capital do Peru, Lima, Ochoa deixa ressaltar um *olhar* incomodado e perplexo com a gigantesca e ploriferação de cenários da cidade Latino Americana e em que nada deixa a ganhar, em relação a grandeza e a massa de pessoas das suas referências europeias. Deste olhar surge a seguinte paisagem:

O meu quarto ficava no 11º andar do hotel. Da janela viam-se quilómetros e quilómetros compartimentados, por cimento, buracos como janelas, apenas grades de proteção, milhares de terraços sem roupas penduradas, respiradores e betoneiras. Um nevoeiro planava sobre todas aquelas construções irregulares., fixava-se aí sem penetrar, ocultando ligeiramente as torres das catedrais. As igrejas e as catedrais são os únicos edifícios com solenidade, mas até aquela beleza colonial, torna implícito um toque de opressão, atribuem uma prestação ao peso do lugar (Ochoa,2012, p.48).

Mónica, aparenta nada afeita a viagens pela natureza, como também às paisagens urbanas recheadas de desconforto populacional, que cortam o imaginário que é desconstruído por um real desfigurado. Em sua jornada a *Istambul*, por exemplo, narrada no episódio 6 de seu livro, as características da cidade se misturam no seu olhar. Entende-se que por toda a herança sociocultural e formação, a autora ora apresenta certo desdém pelo local, resultado da expectativa criada x a realidade vislumbrada, e pela atmosfera da vida urbana ao redor dos monumentos, o que para a autora é pouco agradável. Como descrito na passagem pela Haghia Sophia:

Olhei-a com estranheza. Aquelas cúpulas faziam-me lembrar outra igreja, à beira do Adriático. Mas não, não podia ser. Mas era: Haghia Sophia tem, de facto, traços que – por razões que a História é capaz de explicar – remetem para a Igreja de São Marcos em Veneza. Entrei espantada com a semelhança que detectara (Mónica, 2009, p. 109).

E segue:

Cá fora, um enxame de vendedores de tapetes interpelava-me com a mesma frase: “*Where do you come from? Come to my shop, please*”. Sacudia-os com ar maldisposto. Continuaram a sorrir. Por detrás da insistência, erguia-se uma cultura que remonta há séculos (Idem).

Contudo, em outras passagens do seu conteúdo a autora aparece surpreendida. Pelo *olhar* que se desvia na mesma paisagem, só que para outros pontos da urbe, prováveis de não serem esperados como merecedores de apreciação, tanto por ela quanto nos guias de viagem que previamente consultou. A autora deixa-se maravilhar.

Mas não foram os monumentos que me seduziram, e sim a geografia. Só quando fui passear de ferry pelo Bósforo, partindo de Eminönü, na parte baixa da cidade, até ao porto de Anadolu Kavagi, já na Ásia, à entrada do mar Negro, Istambul me conquistou. A saída, com a linha do horizonte recortada por milhares de cúpulas, é espectacular, como espectacular é o tráfego no qual somos mergulhados. (...) Mais: é como se estivéssemos a assistir a uma encenação da vida urbana (Ibidem, p.111).

Pela leitura de *Vai, Brasil* percebe-se uma peculiaridade no *olhar* de Alexandra, no que diz respeito a sua descrição do ambiente de cada localidade para onde viaja, está na condição dele ser permeado por uma visão social, que faz alusão à serventia do lugar e ao povo que ali transita e que dele faz usos. Ela se deixa surpreender pela arquitetura e natureza, por exemplo, mas não somente pelo fato estático da presença, e sim pelo constitutivo. Como nesta descrição de uma freguesia da cidade de São Paulo, localizada nas proximidades da Avenida Paulista, espinha dorsal da capital paulista, e chamada Higienópolis:

A primeira vez que dormi em Higienópolis ainda não tinha acontecido a revolta do metro. (...) Desde então já dormi outras vezes, noutras casas amigas, mas nunca consegui me habituar ao nome Higienópolis. No século XIX seria uma altivez perante as partes baixas de São Paulo: bairro com água e esgotos, próprio para a aristocracia do café. Mas depois do século XX um nome destes tem algo de ficção científica, um admirável mundo novo estanque, enquanto lá fora a cidade brama, ressecada, violenta, suja. (...) Os nomes perdem sentido: o bairro fez-se verdejante, com cães charmosos, passeios largos, boa arquitetura, restaurantes, aquele desfile de gorros siberianos no *shabbat* que comprova a forte presença de judeus. (...) Os nomes reganham sentido: no ano passado uma associação de moradores de Higienópolis combateu o plano de uma estação do metro por recriar a enxurrada de gente, sabe-se lá de onde, talvez mesmo ressecada, violenta, suja, esse inconveniente dos transportes públicos. Não era higienismo, insistiam, mas preferiam que não (Idem, p. 257).

Ou com esse *olhar* atento à história e à força de que ela foi constituída na crônica “*Sacrifício e Esplendor*”, a respeito do Teatro Amazonas em Manaus. Durante a visita guiada são apresentadas todas as maravilhas arquitetônicas do edifício inaugurado em 1896 e “projetado em Portugal, por arquitetos portugueses”, como esclarece a arquivista responsável:

As cadeiras de veludo é que já não são originais. “Em vez de veludo havia palhinha entrelaçada, o que ajudava na circulação do ar, e por baixo do assento tinha um tubo que trazia ar aqui para dentro”. Agora é ar condicionado. “O candelabro do centro é de bronze francês com tulipas de vidro. Já foi inaugurado com luz elétrica.” O guia baixa a cabeça para rematar: “A borracha é que pagou tudo isto. E a borracha teria durado ainda mais tempo, mas os ingleses levaram a sementinha e plantaram na Malásia. As árvores adaptaram-se, produziram em larga escala e veio a decadência aqui”. Depois de milhares de homens terem

morrido ou ficado doentes para sempre, a brutalidade que eram os seringais. (...) Sete da tarde. Corrupio de saltos altos, echarpes, perfume. Manaus veste-se para o festival como se fosse a um casamento. Até o intervalo, sala cheia, plateia, camarotes, galeria. (...) Os camarotes parecem flutuar num rastro de ouro, beleza toda extraída da violência, como quem sabe quem leia *A Selva*, esse nosso coração das trevas. (Coelho, 2015, p. 141).

4.2.4. O olhar sobre si

No começo da história das narrativas de viagem femininas, séculos XVIII e XIX, as escritoras-viajantes tinham no falar de si mesmas uma característica constante nas suas obras. Como já exemplificamos no capítulo 2 deste estudo, numerosos são os exemplos desta prática na literatura. Os relatos eram em primeira pessoa como exemplifica Pratt (1999) nesta apresentação a respeito de Mary Kingsley, inglesa que viajou à África no final dos anos de 1890 e publicou seu livro *“Travels in West Africa”* em 1897. A escritora retrata a si mesma num relato em que expõe sua personalidade, como explica introdutoriamente Pratt neste recorte:

Sua persona cômica e auto-irônica exerce impressão indelével sobre qualquer leitor de seu livro. Aqui está ela numa famosa passagem, recém saída do interior e viajando para a costa num pequeno barco em que se usava um cobertor como vela; como sempre, era a única européia e a única mulher no grupo (Pratt, 1999, p.355).

Segue a transcrição do trecho:

Oh! Que me seja dado um rio na África Ocidental e uma canoa por puro e bom prazer. Dificuldades, diria você? Bem, sim, mas onde não há dificuldades? As únicas dificuldades naquelas noites no Rembwe foram a série de horríveis sustos

que tive ao manobrar em direção a sombras de árvore que tomava por bancos de lama ou por árvores propriamente, tão negras e sólidas pareciam. Afortunadamente, nunca soei o alarme por causa disto, e todas as vezes pilotei solitária e galantemente desviando-me da sombra, chamando a mim mesma, mas não sendo chamada, de tola... (Kingsley, 1897, in Pratt, 1999, p.356).³⁸

Por meio desta categoria do *olhar* procuramos verificar se esta característica em tratar de si em sua narrativa se mantém nos relatos das escritoras-viajantes contemporâneas. O depreender a partir dos excertos dos livros destas autoras procurará descortinar a existência e o *olhar* de cada uma sobre si em seu conteúdo.

Examinamos nas obras definidas para este estudo que cada autora apresenta uma personalidade bem marcada e uma forma de falar de si que corrobora sua singularidade.

Alexandra é ateia. Confirma isto em algumas passagens em seus livros. Mas, em circunstâncias nas viagens pelo Brasil faz correlação, de forma aberta e sincera, com esta sua condição pessoal e religiosa versus a religiosidade brasileira que lhe é posta à frente em diversas situações. No trecho que apresentamos, a autora está novamente diante deste impasse religioso. Cujas situações específicas leva-lhe a perguntas e uma constatação sobre si mesma.

A forma como se define ao final permite que transpareça, explicitamente, sua constituição portuguesa europeia. A impressão que esta afirmação provoca não é de uma demonstração de pedantismo ou alteridade. Prevalece um significado de honestidade, suscitando um não entendimento imediato daquela situação ou mesmo uma total ignorância. Assim, Alexandra se apresenta inábil diante do real catastrófico.

³⁸ Kingsley, Mary. (1897). *Travels in West Africa*, London, Virago Press, 1982, pp.338-9. Primeira edição: London, Macmillan & Co., 1897. In Pratt, Mary (1999, p.356)

Na cobertura de uma enchente ocorrida na região serrana do Rio de Janeiro, onde as fortes chuvas de verão avançaram sobre as cidades e os moradores, Alexandra apresenta o seguinte *olhar* sobre si:

Sidney falou-me do Apocalipse. Voltávamos a São José do Vale do Rio Preto e era de noite. Já tínhamos deixado Vinícius de Moraes em casa. A realidade está sempre a um passo a nossa frente. Nos últimos anos em que Tom Jobim foi para São José do Vale do Rio Preto, o gerente do banco local falou-lhe de um menino chamado Vinícius de Moraes que morava ali perto. Jobim quis conhecê-lo, mas nunca aconteceu. Agora o menino tem 32 anos. Apareceu-me com o Sidney ao volante para subirmos o Rio Preto, mas não chegamos ao fundo do poço nem ao fim do caminho. “Ainda não tem passagem para o sítio do Tom Jobim”, diz a mãe daquele rapaz que salvou uma mulher puxando-a por uma corda: ela estava num telhado, cercada a toda volta pela torrente fortíssima, ainda tentou salvar o cão, abraçando-se a ele. As imagens correram o Brasil. Como não acreditar em Deus? E como acreditar em Deus? Um pouco antes dessa mãe, um pouco antes de São José, havia um fusca ao lado de um sofá, os dois na lama, diante de um templo da Assembleia de Deus. Deus não coube no enquadramento ou eu não soube enquadrar. *Sou apenas europeia* (Coelho, 2015, p. 44).

A este *olhar* sobre si refere-se novamente na crônica “*O Paraíso não é aqui*” na qual narra um evento ocorrido na cidade do Porto, em 2010, no Teatro Nacional São João, onde falou de sua visão sobre o Brasil. A sensação causada ao fim da sua fala foi de certa estranheza perante o público, predominantemente, estrangeiro. Uma palestrante alemã nomeou sua fala da seguinte maneira: “*Você tem uma visão muito idílica do Brasil*”.

Ser lisboeta-portuguesa-europeia será uma carga fixa, que cada um funde com outros como pode ou como quer. O medo do outro é sempre uma perda de

soberania. Mais que o sentido político passado – gerador de uma bibliografia colonialista, pós-colonialista e pós-pós-colonialista – interessa-me o sentido político futuro, a forma como o brasileiro absorve o outro. À atenção da Europa (Coelho, 2015, p. 48).

Da plateia erguem-se contra-argumentos que a autora rebate ratificando e repensando com seu *olhar* sobre si, ressaltando suas convicções sociopolíticas. A sinceridade novamente prevalece em seu *olhar*, apoiada pela busca por compreensão:

Eu não chamara velha à Europa, mas só por acaso. O problema da Europa não é ser velha, é estar velha, e não é um problema alheio, é meu. Por ser europeia é que quero falar para a Europa, se fosse brasileira falava para o Brasil. (...). Como fazer com que a Europa veja essa pujança para além do lugar-comum? É de noite e caminho pelo Porto ao lado da Ana Moraes, que tem tantos anos de Portugal como tem de Brasil. Ana diz duas coisas: lugar-comum é o Brasil da miséria violenta, não é preciso vir à Europa para dizer-lhe o que ela já sabe, e nem que seja por causa dos cinco brasileiros que naquela sala portuguesa ouviram outra visão do seu país, já valeu (Coelho, 2015, p. 49).

Somando-se a essa exposição de Alexandra, bucamos em Mónica o seu *olhar*. Em seus relatos pessoais a autora deixa transparecer sua subjetividade e singularidade em cada uma das descrições. Sua personalidade aparenta altivez e franqueza áspera.

Dos prazeres mais exigentes aos infortúnios mais amaldiçoados, todos estão presentes nas experiências em hotéis por onde se hospedou. Ao tratar em seu livro destas ocorrências, o *olhar* que a autora evoca dá a sensação da presença do orgulho em sua perspectiva. Nos seguintes exemplos, Mónica deixa se revelar, e o segundo fator a se notar refere-se às suas inegáveis expectativas em suas experiências de hospedagem e como elas devem ser para estarem ao seu contentamento.

Não se exime de tratar deste ponto na viagem com atenção, mesmo pagando uma fatura elevada ao final da jornada, por isso cada estadia significa, muitas vezes, um deleite de sua preferência em detrimento da própria viagem. Como foi o caso do *The Peninsula* em Hong Kong, no qual “perdeu” literalmente um dia aproveitando suas instalações e dedicando-se aos seus passatempos favoritos, como ler os periódicos e aproveitar o minibar. Seu olhar sobre si mesma infere-se do seguinte extrato, “Instalada num hotel destes, decidi sair o menos possível. Aliás dispunha ali de tudo que um ser humano precisa” (Mónica, 2009, p. 127).

O mesmo não ocorrendo em sua experiência no albergue de luxo, *Corral del Rey*, em Sevilha, quando lá esteve em outubro de 2008, a qual narra da seguinte maneira no episódio 1 de seu livro, e manifesta as peculiaridades em seu *olhar* ao relatar suas emoções e inquietações pessoais:

Antes de partir, marcara um hotel no centro historico de Sevilha, com apenas seis quartos. Uma vez lá foi a desilusão. Nem o pátio andaluz, nem as colunas romanas, nem os tectos de madeira seiscentista compensavam a reduzida dimensão do quarto. Durante uma hora, fiquei na cama, furiosa, imaginando a melhor forma de fugir dali. (...) Ainda pus a hipótese de me mudar para a *fincas*, mas a idéia era tão desparatada que acabei por me resignar a ficar encafuada (Idem, p. 19).

Ochoa, por outro lado, tem um olhar leve e generoso sobre si. A amável aceitação de tudo que ocorrer nas suas viagens como experiências a serem vividas deixa-se revelar em pormenores sobre as suas sensações diante de montanhas suntuosas, mares bravios ou pequenos diários amorosos dos encontros a que se permite viver.

Como o ocorrido em Torres del Paine (última entrada do Chile), lá em seu extremo sul. Nesta ocasião, próxima a passagem de ano, hospeda-se em um acampamento em uma reserva natural. Ali encontra Loris e seu *olhar* sobre si, despido de maiores pudores, está presente neste trecho:

Despertei-me coberta por mantas, ancorada em seu peito. Não me lembrava bem de quem era. Ele dormia com um resto de sorriso no canto dos lábios. Dei-lhe um beijo. Levantei-me decidida a procurar minhas roupas, mas surgiu tanto frio em contato com a pele nua que rápido cedi insidiosamente à cama. Loris acordara com um olhar de criança, olhando-me para compreender se era real. Aquecemo-nos de novo, desta vez demorando nos beijos, interpretando expressões com a claridade do dia (Ochoa, 2012, p. 185).

Nestes recortes procuramos caracterizar pelo *olhar* descrito, a presença do relato sobre si nas narrativas das autoras-viajantes portuguesas. Vê-se que esta particularidade se mantém, com as devidas manifestações de personalidade e singularidade, como é de esperar de cada uma delas.

4.2.5. O *olhar* sobre o Outro

A produção de textos de viagem é, portanto, uma prática cultural de todos os tempos que estabelece ou pode estabelecer diálogos interculturais. Supõe um deslocamento do espaço de si para o espaço do outro, o surgimento de representações sobre o Outro e sobre si, envolvendo autor e leitor, por meio da convocação do social, mais especificamente, pela convocação de uma memória histórica, de um imaginário coletivo, nacional e/ou transnacional (Outeirinho, 2020).

Durante a leitura para reconhecimento da literatura e determinação das categorias de análise, nos deparamos com trechos por onde cada autora demonstra a ótica pela qual observa o Outro e seus modos de viver durante as suas viagens. As três o fazem. Contudo, com aproximações e apropriações desiguais que interferem na qualidade deste *olhar* e na diferenciação entre o conteúdo relatado. Entretanto, que não significam desatenção diante do Outro, como veremos a seguir.

Alexandra teve a oportunidade de percorrer várias cidades brasileiras. Destas andanças, levantamos suas impressões sobre o Outro, um Outro diverso, em língua, apesar de ser a mesma, em costumes, modos e representações, apesar de todos estarem debaixo do mesmo território. Importante realçar que a jornalista-viajante concede voz ao Outro a cada encontro e o narra dando-nos a impressão da conversa estar a acontecer naquele momento. Cada pessoa ganha presença na narrativa como se ela mesma estivesse a falar.

Cada *olhar* rendeu um retrato do diferente Brasil a começar pelo Rio de Janeiro, sua cidade “natal” no país. Sobre o carioca fala-se muito, mesmo entre os brasileiros, principalmente, entre os paulistas, que são diametralmente o oposto, assim reza a lenda. Carioca é o malandro, o que frequenta a praia em plena segunda-feira ou o samba do Trabalhador que ocorre, religiosamente, aos fins deste dia no centro da cidade.

O *olhar* da autora captou os seguintes retratos deste Outro que ela expõe no conteúdo de *Vai, Brasil*, como na crônica “*Apocalipse Nunca*” em que narra sua mudança em plena chuva na cidade:

No dia em que mudei para o meu primeiro subaluguer no Rio de Janeiro já era noite. Quando pus a bagagem no passeio as plantas começaram a agitar-se, anunciando a tempestade. Eu estava a sair da casa onde dormira uma noite para a casa onde permaneceria um mês. Uma lisboeta no Rio é um inquilino de baixa renda, e, portanto, isto tem que ser por etapas. A chuva chegou antes do táxi, mas o taxista saiu e ajudou. Depois, com a camisa pingada, sentou-se ao volante, olhou para trás a sorrir, e quando ouviu o endereço, a uns míseros dez reais de distância, continuou a sorrir. É por isso que o apocalipse nunca vai acontecer no Rio de Janeiro. Os cariocas têm que ganhar a vida como toda gente, mas nunca a perdem por causa disso (Coelho, 2015, p. 16).

Em “*A Escalada em Barcelos*”, sobre a viagem de barco pelo Rio Negro, no Estado do Amazonas, com parada na cidade de Barcelos para seguir viagem até São Gabriel da

Cachoeira, local mais indígena da Amazônia, Alexandra narra a seguinte aventura em companhia do fotógrafo Jordi e seu encontro com a Outra, neste caso, e o modo amazonense de ser. O barco tem dias e horários específicos para iniciar o percurso e a façanha já se inicia na compra dos bilhetes. A existência de qualquer não dificuldade impressiona o *olhar* da autora:

Eis-nos, portanto no cais de Barcelos, recolhendo a bagagem, Igrejinha, casario, casebres voltados para o rio, como todas as povoações da Amazônia. Formigueiro de pacotes, malas, motos. E bilhetes para São Gabriel, onde?

- Ali – apontou um autóctone.

Duas mesinhas ao ar livre, uma com um homem, outra com uma mulher, lado-a-lado, impávidos, debaixo da lua. Eram os vendedores rivais dos dois barcos. Mas chegando perto não restavam dúvidas sobre quem comandava: a mulher, amazonas a caminho de avó. Logo nos esclareceu sobre as alternativas: ou pagávamos 300 euros por uma cabine ou íamos de rede, duas noites pendurados no convés. Nós não tínhamos rede, mas isso não era um problema para a nossa amazonas. Primeiro parou um mototáxi, encaixou o Jordi na garupa e mandou-o para a derradeira loja de redes ainda aberta. Depois ela mesma foi comprar as cordas para as redes, enquanto eu ficava de guarda à bagagem e à bilheteira. Nem dez minutos depois, éramos possuidores de duas redes tão coloridas que nenhum de nós ousaria levá-las para casa. Só faltava jantar. Foi então que o rival da nossa avó se virou para o Jordi:

- Negão, tu sabe dirigir?

Negão sabia.

- Pega aqui a chave do meu carro. É aquele ali na subida (Coelho, 2015, p. 142).

Ochoa comenta sobre o Outro em modo descritivo acentuado pelas suas inferências pessoais. Neste ponto desistingui-se de Alexandra, cuja a pessoa é posta ligeiramente de

lado. Raquel concede atributos em cada um dos seus exemplos de *olhar* sobre o Outro e seu modo de representar-se, que cruza o seu caminho. Como abaixo:

Estava outra vez na civilização. “Ticos” da cidade. – Como estás, Juanito?

“Pura vida!” é a frase mais repetida por aquele povo. Serve para dizer bom dia, boa tarde, boa noite, estou bem, cá se anda, estou ótimo, não estou a fazer nada, já fiz de tudo o que tinha a fazer, sou um tipo feliz, não tenho razões de queixa...

Também acontece de ser usada como questão:

“Pura vida?”

“Pura vida!”

Risonhos os “ticos”. A vida e o seu estado puro podem interpretar-se como filosofia, como apatia, como sintonia como a natureza que claramente os reduz à sua/nossa insignificância, ou como violenta letargia a que culturalmente se habituaram a ceder (Ochoa, 2012, p. 21).

Na passagem pela Costa Rica apareceu-lhe Orlando.”*Um indio instruído de mundo*”, em suas próprias palavras e no título deste capítulo do diário de viagem. Outra ocasião em que a viajante permite o encontro e a troca, com este Outro novo, para o qual já estabelce a alcunha. Ochoa refere-se a este rapaz da seguinte maneira:

Apareceu-nos à mesa do único bar aberto de Dominical. Orlando não disfarçava o aspecto de ave de rapina que tem conhecimento das regras de boa convivência e as usa por conveniência, não por convicção. O olhar rasgado impedia-o de dissimular a perspicácia. Começou por nos perguntar de onde éramos e, ao escutara resposta, já estava sentado com uma cerveja na mão quase no fim. Mandámos vir mais. (Ochoa, 2012, p. 23).

Mónica, também apresenta em sua narrativa de viagem seu *olhar* sobre o Outro. Este mais distante e observador. A autora perambula pelas cidades observando sua constituição social, fazendo as devidas deduções.

Em suas viagens, por sitios tão distintos, uns a seu gosto, como a Inglaterra, outros nem tanto, como o “*Egipto*”, relato 4 onde estive em novembro de 2006, estão carregadas de observações nas quais a autora imprime suas visões pessoais. Infere-se destas passagens a alteridade em relação ao Outro e a necessidade em emitir suas opiniões e convicções, como neste relato sobre o Cairo:

Era a primeira vez, e provavelmente a última, que visitava um país do Terceiro Mundo. Não me dei entre a pobreza, o caos e a porcaria. Haverá seguramente quem diga que se o Terceiro Mundo está assim é porque nós, ocidentais, o exploramos ao longo dos séculos. Há nisto uma parcela de verdade, especialmente quando pensamos em países sem recursos naturais, mas o mesmo não sucede noutros, ricos em matérias-primas, onde a miséria continua a ser o destino de muitos. (...) Apenas sei que a culpa não é minha. (Mónica, 2009, p. 85).

As impressões sobre os Outros na observância dos costumes e cultura locais não passam despercebidos para Maria Filomena. Em seus relatos deixa transparecer estas anotações dos locais visitados, com atenção aos adjetivos e observações, muitas vezes carregadas de descontentamento. Como vê-se por sua passagem por Hong Kong:

A poluição, visual e sonora, baralha os espíritos. O número de pessoas nas ruas, o trânsito desvairado, a profusão de cartazes cansam. Quase automaticamente continuei a andar, olhando os empregados a comer à pressa em bancos de jardins, as vendedoras ambulantes a falar para telemóveis, os operários da construção civil a dançarem em cima dos andaimes de bambu. Ainda grite “m goi

maandi” (“por favor, parem um bocado”), mas ninguém me ligou (Mónica, 2009, p. 130).

Ou pelo vislumbre da vida cotidiana de sua cidade natal, que também não escapa ao seu *Olhar* atento:

Obcecados pelo trânsito, pelos buracos da rua, pela sujidade dos passeios, os lisboetas não têm tempo para *olhar* a sua cidade, muito menos para a melancolia de seus moradores. Nos jardins, há velhos sentados a séculos, às janelas, viúvas que nunca dali saíram, nas esquinas dos bairros, miúdos com saudade de uma infância que não tiveram (Mónica, 2009, p. 43).

4.2.6. O *olhar* sobre as mulheres

Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é desagradável ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sobre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrenhado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papelotes, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho.³⁹

Maria Graham, pintora e desenhista britânica, nascida em 1785, viajante, naturalista, que esteve no Brasil em três ocasiões no princípio dos anos de 1800, escreveu um livro

³⁹ Graham, Maria. (1990) *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Companhia Editora Nacional In Gonçalves, 2005.

de viagem relatando esta experiência. Nele faz menção a um período de visita à Bahia e estabelece uma descrição sobre as mulheres, retratada no trecho acima.

A pesquisadora Margareth Gonçalves, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em seu artigo sobre as narrativas de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil (2005), relaciona a viagem realizada por Maria Graham ao Brasil no começo dos anos de 1820.

Com seu *olhar*, permeado pelos repertórios e costumes europeus e de seus locais frios, ao representar as mulheres brasileira, Graham o fazia estabelecendo a distinção e uma adjetivação calcada na inferiorização. Como reitera Gonçalves, nesta segunda transcrição para a qual assinala: “A narrativa de Graham registra a sua “repugnância” com o jeito desleixado das brasileiras” (Idem).

Com corpos indecentemente desalinhados, cujas vestimentas, na ausência da exibição do imaculado branco nas roupas íntimas, apresentam um aspecto sujo. O costume de mulheres em suas casas vestirem-se displicentemente, com as formas visíveis do corpo, sem o suporte de um espartilho, e a ausência de qualquer formalidade constituíam indicadores de contaminação e sujeira (Graham in Gonçalves, 2005).

Ao longo da leitura das obras que compuseram o *corpus* deste estudo, pudemos verificar como os olhares das escritoras contemporâneas evoluíram ao retratarem outras mulheres. Isso é emblemático e significativo, visto denotar a ausência de um *olhar* mascarado por suas heranças europeias e por conferir à literatura uma nova característica em seu conteúdo.

Mónica, mesmo a distância, as observa com cuidado e traz às narrativas suas perspectivas das situações com as quais se depara, por vezes recheada de boas constatações, como por exemplo, em sua passagem pela Andaluzia, 2008, no relato “O *Islão Ibérico*”, na qual visita Córdoba e encontra:

Por mim passavam raparigas, bonitas e feias, gordas e magras, altas e baixas, com mini-saias e botas. Pareciam saídas de um filme de Almodóvar. Era agradável vê-as, sem medo de enfrentar o macho, o ridículo, as convencões. A 17 de outubro, era a Espanha moderna que vinha ter comigo (Mónica, 2009, p. 16).

Em outras circunstâncias, a autora se assombra com a maneira com que ainda vivem e são tratadas as mulheres em algumas sociedades. Experiência que viveu no Cairo e à qual denota seu ponto de vista contra o machismo ali vigorante.

Decidi passar ao mercado a céu aberto, onde, entre um formigueiro de gente miserável, pensei que me perderia. Foi então que reparei quão desprezadas são as mulheres. Enquanto nos cafés – só no Cairo existem 30 000 – os homens se divertem, as mulheres são tratadas como escravas. A avaliar pelo presente uso do véu, a sua situação pareceu-me estar a piorar. (...) Sobre a forma de *burka*, *hijab*, *niqab*, *chador* ou *shayla*, o véu é uma imposição machista que obteve cobertura divina (Idem, p. 80).

Raquel Ochoa compartilha desta mesma ótica em seu *olhar* sobre as mulheres. Em sua estadia em Lima no Peru, percorreu toda a cidade em seus autocarros rápidos e cheios, visualizando uma cidade que arfa em um trânsito caótico, por entre freguesias ricas e pobres, e suas contradições, à semelhança das grandes cidades em boa parte das Américas. Aqui sentou e observou a vida à sua frente e sua constituição, com um olhar sensível e lúdico, neste trecho que exemplifica seu *olhar* sob as mulheres locais:

Mulheres surgiam de vestidos ligeiros e esvoaçantes, não desviando o olhar da sua rota pré-definida. Meninas quase mulheres usavam seus cabelos soltos,

intensamente negros e independentes, trazendo repetidamente a reminiscência da Pocahontas (Ochoa, 2012, p. 51)

Alexandra na crônica “*A Vida Verdadeira*”, deixa transparecer seu *olhar* sobre a mulher carioca e que tem no samba sua profissão e sua religião. Nesta, como em outras crônicas do livro, a autora relata estas mulheres com atenção e despojada de julgamentos ou críticas. Elas passam a frente de sua lente e ela as decompõe com sensibilidade e de acordo com a realidade das mesmas.

O que vi no Carnaval do Rio foi o contrário da ficção, a miséria recuando perante a vida verdadeira. Todos queremos estar vivos: no escuro, na fresta, na dobra, quando fechamos os olhos ou voltamos a cabeça, alguém que nos faça rodopiar. (...) Queremos ser o que ainda não somos e isso não tem prazo. Depois da bateria de uma escola de samba a coisa mais emocionante do mundo é ver as velhas mulatas vestindo as saias de baianas no asfalto da avenida, e depois vê-las rodar com seus óculos de dez dioptrias, os seus calos, as suas carnes secas. São totens. São deusas. São a vida verdadeira durante uma hora e vinte. E as alas da velha guarda e mais que velha guarda, os baluartes, pioneiros de terno e chapéu que um dia sonharam um som, uma comunidade, um Carnaval, e a cada Carnaval estão vivos (Coelho, 2015, p. 63).

No mesmo Rio de Janeiro a escritora se depara e focaliza o *olhar* em outras tipologias mulheres que constituem a gênese da mulher brasileira. Para descrever o que chamou a atenção do seu *olhar*, a autora segue a mesma escrita detalhada e corrente, cuja impressão que nos dá é de estar a contar a história ao vivo. Como em “*Meninas do Rio*”, e as facetas da mulher carioca:

Ou o escândalo do calçadão, neste escândalo de cidade, porque tanta beleza é escândalo. Garota de Ipanema já era. Por cada uma que Vinícius viu, hoje tem mil, tanto bumbum durinho, tanta virilha cavada, e ninguém para as imortalizar. Olha aí os Vinícius da vida, ocupados com os próprios bíceps enquanto elas vêm e passam a caminho do mar. (...)

Que, porém, não haja engano: elas leem bem mais do que revista.

Alias, não sei como os dias tem 24 horas, porque todas que conheço trabalham, e além da virilha, sobancelha e etc. fazem ginástica, corrida na praia, bicicleta na Lagoa, unha do pé, unha da mão e análise; estão com a família, com os amigos e no facebook; vão a Londres, a Paris e Nova Iorque; leem jornais em papel, leram Lispector e ainda discutem Deleuze (Coelho, 2015, p. 79).

Em o *“Presente que Vhils deu a Irmã Fátima”*, Alexandra nos apresenta esta outra mulher, que como tantas, assumem inúmeros papéis, cujo com o *olhar* as vezes é difícil captar com a amplitude que merecem. Mas, aqui não parece ser o caso.

- Sou a Irmã Fátima, líder comunitária da Ladeira dos Tabajaras – diz ela, quando começamos a conversar, ainda dentro da galeria.

- Católica?

- Não, evangélica da Assembleia de Deus.

Mesma igreja de Marina Silva, a ambientalista que em 2010 teve 20 milhões de votos nas presidenciais, possível candidata em 2014. Aliás, Fátima tem outras coisas em comum com Marina: sangue negro, mesma geração, vários filhos, origem no Norte do Brasil. (...) Pelo caminho tornou-se vice-presidente da Associação de Moradores da Ladeira Tabajaras, favela bem próxima daqui, e foi por isso que conheceu o mais internacional artista-grafiter português. (...)

- O Alexandre mostrou o trabalho dele e eu comecei a chorar direto. Ele me perguntou porque e eu disse: se você vai fazer esse trabalho na minha

comunidade vai ser o melhor presente que você pode me dar, por os meus amigos na parede. Assim ele fez, só que para minha surpresa a minha cara também está na parede aqui (Coelho, 2015, p. 301).

Reafirmamos que, em todos estes exemplos dos olhares das três autoras estudadas, sobre diferentes mulheres, de diferentes países do mundo, vê-se que elas são e mereceram serem retratadas como se apresentaram. Sem que as autoras fizessem o emprego de adjetivos negativos ou expressões estereotipadas, construindo desta maneira um conteúdo assinalado por novas particularidades: a empatia e a sororidade.

4.2.7. O olhar sobre as peculiaridades da viagem para uma mulher

Não se pode falar em viagem sem mencionar os perigos que ela envolve. Viajar implica em tensão. A deslocação compreende o risco, a chegada a um local estranho pode representar perigo, porque desconhecemos o que nos rodeia. É certo que na atualidade os riscos foram substancialmente reduzidos, a produtiva indústria do turismo disso se tem encarregado com eficiência exemplar. Desde os transportes até aos locais de hospedagem, tudo mudou e se tornou mais seguro e confortável. Mas, nem sempre foi assim (Serrano, 2014, p.47).

A escritora Sónia Serrano, em seu livro, *“Mulheres Viajantes”*, 2014, desenvolve um capítulo somente para elucidar cada uma das áreas onde a mulher, especificamente, teve, e tem, que estar atenta ao empreender uma viagem, seja sozinha ou acompanhada. Ressaltando que essas dificuldades apresentam-se em menor ou maior grau nos diferentes países, épocas, calendários festivos e outras muitas ressalvas. Segurança, saúde, higiene, roupa, comida, logística, entre o transporte e a hospedagem, são 7 os perigos capitais para as mulheres no universo viajante e sob os quais a autora esmiuça pormenores, etiquetas e modos de fazer e agir.

Equivoca-se quem infere que as autoras-viajantes deste estudo não se depararam com situações onde a sua condição feminina se sobrepôs e elas tiveram que reavaliar a situação e mudar de direção o seu *olhar*.

Mónica cita em “*Passaporte*” um circunstância em que seu *olhar* se fixou e que foi passada na cidade do Cairo quando de sua viagem. Neste país foi demovida, pelo guia que contratara, da ideia de passear sozinha pelas ruas da capital. O pensamento inicial era percorrer as linhas e refazer os episódios descritos pelos autores que tinha lido e trazido em sua pesquisa sobre o Egito. Cenas estas que o rapaz afirmou veementemente que ali já não haviam. O velho “Cairo deixara de existir” (Mónica, 2009, p. 77) conforme pode constatar.

As facilidades do transporte público também tiveram que ser deixadas em lado. Mais esta tentativa de andar pela cidade demonstrou ser uma tarefa pouco exequível, visto as carruagens do metro, e mesmo dos guichês para os tickets do transporte, serem segregados pelo sexo. E pontua: “Aliás, ao ver a plataforma, desconjuntada, da entrada do metro em frente a Igreja Copta, confirmei que seria um disparate” (Idem, p. 78).

Nos seus percursos pelas diversas localidades brasileiras, Alexandra, usou todos os meios de transporte possíveis: de mototáxi a autocarros, táxi, barco, canoa. Acompanhada, como na Amazônia, ou pelas zonas urbanas do Rio de Janeiro ou São Paulo, não deixou seu *olhar* intimidar-se, contudo, nunca se eximiu em adotar a cautela necessária e estar atenta as possibilidades de violência, que infelizmente convive-se no Brasil.

Em seu “*Diário de bordo*”, crônica que abre a viagem pela Amazônia, narra o confronto que lhe chamou à atenção o *olhar*, entre o sentir-se segura e as condições da viagem, que ocorreria a bordo de uma grande embarcação, dentro da qual passaria dias a subir os rios da Amazônia, de Belém, no Pará, até Manaus, no centro da floresta.

Quando chegamos, às 17h, o embarque ainda não começou. Depois forma-se uma fila em frente a uma mulher que anota laboriosamente o nome dos passageiros. Vão arrastando as bagagens até chegar a vez de cada um. A maioria

vai de rede, uma rede de dormir que o passageiro traz consigo e pendura no convés, para as várias noites que a viagem demora. É a forma mais barata: 120 reais por pessoa (52 euros). Uma das desvantagens da rede é que não há forma de guardar a bagagem e acontecem roubos. Nós estamos no começo da navegação, temos computadores e câmaras, optamos por partilhar uma cabine, a mais barata, sem casa de banho: 500 reais (218 euros) (Coelho, 2015, p. 119).

Nesta mesma viagem, ela se confronta ainda com o *olhar* do Outro sobre ela, e se vê numa situação em se transformou na fonte do perigo para uma mãe pelo fato de ser a estrangeira a bordo. Contudo, como constata a autora, eram duas perspectivas sob a mesma ótica do *olhar*, carregada com os saberes e as experiências pessoais, que se misturaram. Realidades distintas, olhares atentos e posições seguras diante do perigo. Vê-se o relato nesta transcrição:

Somos os únicos gringos a bordo e por vezes lembramo-nos disso. Perguntam se estamos a falar inglês porque estamos a falar um português diferente, mas em geral não nos fazem perguntas. (...) Tal como aconteceu a Eduardo, menino de 11 anos, muito sério, ficar hipnotizado pelos livros que liamos, e depois ler numa só tarde aquele que lhe emprestamos. Tal como aconteceu ao Arilson-das-covinhas ser arrastado pelo cabelo quando a mãe o descobriu a brincar conosco. “Não posso falar mais contigo, a minha mãe proibiu”, sussurram-me ele, de testa franzida, quando nos voltamos a cruzar na cabine de comando. O medo de traficantes não é só nosso (Idem, p. 129).

Raquel, por sua vez, reitera seu *olhar* descortinado e aberto às experiências, mas em algumas situações pouco aguçado e preventivo. Apesar disso, constata a autora, “é preciso cautela”.

Novamente em Lima no Peru, ao desejar comprar um livro em castelhano num quiosque de rua e nenhum lhe apetecer, o vendedor lhe convida a segui-lo a outro sítio e, mesmo que de início hesitante, a viajante o faz para, em seguida, compreender que havia entrado “na Lima profunda” (Ochoa, 2012, p. 51).

Seguimos por um beco aparentemente sem saída, embora movimentado, com negócios de um lado e do outro, tão apertado que duas pessoas passariam tocando-se, podíamos sair de uma loja e entrar diretamente na da frente. (...) O senhor livreiro caminhava desenhado por aquele túnel de lojinhas que em ponto pequeno me fez lembrar o vertiginoso mundo de negócios do Grande Bazar em Istambul (...) deixei-me levar pelo mesmo espírito, panos passavam-me pela cara retirando-me a visão por segundos. Cheirava mal e no chão húmido aparecia um líquido que as vezes chagava a ser verde. Os lojistas olhavam para fora com uma ligeira desconfiança, sem dúvida não me sentia convidada a visitar os pequenos estabelecimentos. (...) Chagamos à sapataria. A esta hora já estava bem ciente de que os livros seriam tudo menos provindos de um negócio legal. Mas que me interessava? Conhecimento devia ser distribuído gratuitamente como caipirinhas todas as manhãs. Contudo, mantinha algumas dúvidas se tentariam traficar droga ou traficar-me (Ochoa, 2012, p.52).

Por estes relatos, entendemos que os olhares das três autoras estão atentos, novamente, em maior e menor grau entre elas, e não se furtam em relatar estas experiências, boas ou más, em seu conteúdo. Entretanto, elas não se afugentam diante das situações que se impõem à sua frente. Com imprudência ou de forma destemida, enfrentam e analisam o que lhes acontece. Infere-se uma prerrogativa em estimular o *olhar*, ao vivenciar estas questões, e torná-lo mais vigilante.

Conclusão

Por ser alguém que é “de fora” e está ali “de passagem”, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado (Leite, 1997).

Começaremos as notas conclusivas nos voltando para as questões que mobilizaram, estruturaram e conduziram a realização desta pesquisa de conteúdo, que se debruçou sobre a observação de uma literatura de viagem constituída pela autoria feminina e portuguesa contemporânea. Seguiremos com a descrição de cada uma das categorias do *olhar* propostas na metodologia para a realização desta análise qualitativa do conteúdo, até as considerações finais.

Partindo do título que nomeia o trabalho, **Conteúdo sob a perspectiva do olhar feminino: análise às narrativas de viagem em livros de autoras portuguesas contemporâneas** este estudo de mestrado em Ciências da Comunicação teve como objetivo principal a análise da literatura de viagem de autoria feminina contemporânea em Portugal, com finalidade em compreender as características do seu conteúdo e tendo como ponto de partida a perspectiva do *olhar* destas autoras como resultado de suas viagens, referências e experiências

Perante o interesse, as hipóteses levantadas e os objetivos iniciais definidos, a realização deste trabalho iniciou-se pelo levantamento das autoras-viajantes em Portugal contemporâneo e das obras que iriam compor o *corpus* de análise. Por mais que o Estado democrático tenha aberto fronteiras, investido na modernidade do país e significado maiores possibilidades sociais e político-econômicas para as mulheres, e isso pudesse conceber mais estudo, mais viagens e maior produção literária, era imperativo visualizar a realidade feminina do país.

Mesmo diante de uma vasta literatura de preponderância masculina nos séculos XX e XXI, característica que segue a tendência histórica, encontramos um considerável grupo

de escritoras portuguesas com uma produção robusta e de reconhecimento acadêmico e social. Mulheres que além de viajarem e escreverem sobre suas experiências, ampliam sua escrita para outros gêneros literários com maestria exuberante, desde Augustina Bessa Luís, Maria Ondina Braga, Natália Correia, Leonor Xavier a Clara Pinto Correia e tantas outras. Muitas delas têm no romance seu maior interesse, assim como na escrita de biografias e obras de cunho científico.

As mulheres portuguesas deste período estudaram e escreveram, mesmo diante de uma realidade social autoritária, que ainda as subjulgava ao lar e a família e uma situação econômica e educacional que favorecia a poucos. Certo que elas estavam inseridas numa conjuntura que as possibilitou romper com tais situações, isso não as eximiu de empreender um esforço pessoal considerável no intuito de desempenhar o papel que desejavam e poderem desenvolver seu trabalho na construção da literatura do país. Fato é que elas o fizeram e se increveram na biografia portuguesa, rompendo com as características históricas, salientadas por Michelle Perrot neste trecho

“Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária” (Perrot, 2005)

Com o corpus delimitado e a metodologia estruturada e descrita, partiu-se para a leitura e categorização das obras para, em seguida, empreendermos a análise de conteúdo qualitativa que foi dividida em sete categorias do *olhar*, sendo estas a base para a realização do estudo empírico necessário para o desenvolvimento da dissertação.

Estudada como fonte de história social por diversas áreas e disciplinas, a literatura de viagem traz em seu conteúdo a oportunidade de conhecermos diferentes regiões do mundo pela lente das autoras-viajantes. Em suas obras observamos diferentes elementos sociais descritos que se misturam à geográfica como à política e economia, ao Outro, habitante local, à mulher e a subjetividade e singularidade das autoras. Além

disso, o caráter inicial de cada viagem define o percurso, bem como, o que será observado.

Levando ainda em consideração que o *olhar* da viajante está impregnado de referências intertextuais de todo gênero e da sua bagagem pessoal, o texto final não consegue ser desprovido de equívocos decorrentes destas singularidades, que muitas vezes são adensadas pela personalidade e adjetivação do objeto observado de forma parcial. O resultado é uma representação do real misturada ao imaginário de cada autora.

Ao avaliar o grupo visitado e seus valores estranhos, dos quais o observador tem apenas amostras concretas fragmentárias, o visitantes e o habitante acabam vítimas de inúmeros mal-entendidos. Muitas das dificuldades desse relacionamento provêm da incapacidade distinta dos viajantes de se desprenderem de sua cultura de origem para observar e repensar a população visitada (Leite, 1997).

Passaporte, Viagens 1994 – 2008, de Maria Filomena Mónica, *Vai, Brasil*, de Alexandra Lucas Coelho, e *O Vento dos Outros*, de Raquel Ochoa, são três obras de motivações muito particulares e resultantes de perspectivas bem distintas entre as viagens ao partir, seja por questões pessoais ou profissionais, e referenciadas pela subjetividade de cada autora, suas visões de mundo, formação e expectativas.

O grande trunfo de todas as viajantes é a personalidade exploratória que todas apresentam, seja na vida ou na viagem. O ímpeto de ir, mover-se, conhecer, observar, viajar, viver de malas prontas... seja lá a denominação que quisermos atribuir, é forte e presente em cada uma delas. E isso se reflete seguramente no resultado de cada viagem e no conteúdo que produzem, cada uma com a sua natureza pessoal.

Nesta perspectiva, as autoras referendam a evolução que a viagem teve para a mulher a partir do século XIX e que formalizadas no séculos XX e XXI. Se no começo das viagens as mulheres tinham que se submeter a costumes e valores sociais que a fixavam à casa

e à vida interior, a evolução das sociedades e as mudanças sociais alcançadas pelas mulheres devido ao feminismo, possibilitaram uma abertura do *olhar* e a partir do exterior, que somadas a vontade e possibilidades pessoais das autoras, as fizeram ganhar o mundo.

Mónica parte essencialmente em viagem pessoal mas com um objetivo bem definido. Seja para conhecer e frequentar um cassino na China ou percorrer os caminhos dos escritores favoritos pelo Egito, a autora parte. Sua personalidade forte e convicções, somadas a alguns poréns devido a idade ou questões de saúde, denotam uma certa falta de paciência com os acontecimentos cotidianos. A autora admite ser snob intelectual e não desejar perder tempo com gente “burra”, e isso se reflete em não perder tempo também com aspectos da viagem que lhe desagradem, como uma cama de hotel ou abordagens de vendedores de rua, mas, também, em não visitar países cujas leis e religiões restringem arbitrariamente a vida social da população. Ela tem uma visão política bem estabelecida, sendo crítica com as questões de outros países e veemente contra intransigências de qualquer ordem.

Raquel parte também em viagens de férias de caráter pessoal. Seu livro é resultado de uma viagem de seis meses empreendida quando tinha 24 anos pela América do Sul. A autora é da geração millennial ou geração Y, e isso interfere desde a escolha dos destinos ao motivo e modos na viagem. Raquel viaja essencialmente para fazer trilhos, descobrindo paisagens e a si durante o percurso. Não manifesta grandes questões em dormir numa tenda em plena selva peruana como a andar em autocarros velhos e espremida entre os locais. Claro que há o desconforto e ele é devidamente relatado no seu texto, mas isso não a desmobiliza. Ela passa. E segue. Nota e questiona questões sociais e políticas de cada local, mas não emite necessariamente uma opinião a respeito. Faz descrições, por vezes, com textos referenciais que relatam a história local.

Alexandra Lucas é o meio termo geracional das três autoras. Nascida em 1967, quase ao fim do Estado Novo em Portugal, na década de 1990 já era jornalista e viajava para explorar o mundo a trabalho. Seus relatos de viagem sob a forma de crônicas jornalísticas caracterizam-se por uma linguagem coloquial de frases curtas em períodos gramaticalmente longos, o que possibilita uma leitura de natureza fluída e rápida. O

conteúdo é permeado com contextualizações sociopolíticas e econômicas de cada local, características do jornalismo, mas a autora nunca se exime de exprimir suas visões pessoais. O espírito disponível demonstrado por Alexandra se mistura ao olhar atento de jornalista dando ao texto um resultado dos mais interessantes.

Os textos de viagem são naturalmente de caráter descritivo e informativo e, geralmente, apresentam a visão pessoal do autor sobre o local visitado. O que interessa é descrever o que se vê. Em volume maior ou menor, a inserção de traços e inquietações internas podem ser deixados de lado, para se evitar a exposição e crítica alheia, ou relatados sendo isso, inclusive, fator de empatia com os leitores, que gostam de se identificar com cada autor. Em cada um dos conteúdos que foram a base deste estudo, se percebe a viagem interna das autoras que, a seus modos, deixam transparecer o seu *olhar* sobre si em depoimentos pessoais permeados pelas circunstâncias da viagem e da sua personalidade.

Mónica trata dos seus momentos felizes e dos contrarredores, da mesma maneira que exprime traços de sua individualidade. Nascida em pleno regime autoritário em Portugal, relata a sua felicidade ao poder locomover-se livremente pela Europa e frequentar universidades de outros países sem ser vista como uma bárbara. Alexandra faz referência à sua religiosidade e às diferentes situações que se viveu no Brasil, enquanto Ochoa deixa-se levar por momentos pessoais movidos pela pura contemplação do que vê. Para as três, o fato de serem europeias aparece em vários trechos de suas narrativas, remetendo em alguns casos, particularmente à Portugal e sua situação diante do todo continental. Mónica tem uma visão mais crítica a respeito do país e sua vontade de deixá-lo foi uma prerrogativa para empreender suas viagens, considerando o país aquém das possibilidades que desejava. Raquel tem uma referência mais abrangente do todo, que podemos inferir por se eximir de fazer comparações, mas entendendo o fato de poder locomover-se, com certa liberdade, pela condição de ser europeia. Alexandra admite uma visão mais politizada e demonstra certo constrangimento com a visão eurocentrista que remete a um ponto de vista de Europa x o mundo. Todas, em dado momento, trazem na volta de cada viagem à pátria um

regozijo de retorno à casa, circunstância que se compara aos relatos das escritoras de outrora.

O *olhar* sobre o ambiente acompanha esta comparação com os textos anteriores de viagem. A caracterização de uma capacidade de observação detalhada pela mulher era peculiar entre as viajantes percursoras do movimento da viagem e da escrita e tida como de natureza quase nata das viajantes. As três autoras-viajantes exemplificadas nesta pesquisa também fazem descrições pormenorizadas dos locais por onde viajam, empregando o uso de adjetivos nas suas descrições e permeando todo o relato com particularidades pessoais. Raquel viajou por países onde a situação social é por vezes constrangedora assim como a natureza é descrita minuciosamente e vista como espetacular. Alexandra percorreu um país de paisagens incrivelmente distintas, passando por bairros paulistas que se incomodam com a instalação de um metro, que traria os de fora para dentro, ou por entre os rios amazônicos e suas comunidades ribeirinhas de pobreza extrema. Mônica analisa o ambiente e se espanta, seja com o desenho urbano ou com a pobreza ao redor dos monumentos, fato este onde faz críticas à incapacidade local de governar e alterar este desenho social. Para as três, a pobreza ao redor do mundo é difícil de ver e de conviver, bem como de se eximir.

Outro aspecto importante nas três obras analisadas é o *olhar* perante o *Outro* que apresentam. Em contraponto às viajantes dos séculos passados que viam o *Outro* e estabeleciam de partida uma comparação com os seus costumes e modos de viver, distinguindo-se dele e o pondo em situação de subalternidade, nenhuma das três autoras põe o habitante local debaixo de uma visão de inferioridade ou de prevalescência de alteridade europeia. O *Outro* é o outro, visto dentro do seu real. Com suas necessidades e particularidades, mas diante de uma realidade que por vezes o submete a uma vida de limitações. Não há adjetivações ou transcrição de opiniões pessoais e de como as pessoas devem ou não ser e, sim, de uma visão social de entendimento da realidade daquele *Outro*.

Comum também entre as autoras-viajantes é a visão sensível e empática em relação ao seu *olhar* sobre as mulheres com que se cruzam em cada local visitado. Elas as observam e convivem, com um olhar de admiração, seja pela natureza de seus costumes e

maneiras de vestir, seja pela força que demonstram no seu trabalho comunitário ou na beleza de sua trajetória. A mulher é vista numa perspectiva de igualdade e de arrebatamento pelo tanto que produzem mesmo diante de uma realidade social e religiosa que as oprimem.

Realidade esta que também lhe é imposta nas viagens que empreendem e que nos apresentam em seus relatos. O *olhar* sobre as circunstâncias a que as mulheres são submetidas nas viagens é observado, descrito e criticado, contudo diante desta realidade a escolha das autoras é de enfrentamento, as vezes destemido ou ingênuo, mas nunca de paralização. Elas analisam o risco, tomam das suas precauções e fazem escolhas que garantam o cuidado pessoal, mas isso não significa necessariamente dar a volta mas, sim fazer um contorno e seguir.

A partir de todas estas inferências, possíveis mediante o recorte semântico de trechos de cada obra, e que foram distribuídos entre as sete categorias da investigação para a realização do trabalho empírico, temos um retrato crível a respeito das autoras-viajantes contemporâneas portuguesas.

Percursos movidos pela vontade pessoal de cada uma em viajar e conhecer outras culturas e que elas nos apresentaram na descrição de caráter exploratório em suas obras. Tivemos a oportunidade de conhecê-las um pouco e compreender em seus olhares o que levaram consigo, como mulheres europeias, nas viagens empreendidas e que colaboraram para direcionar e envolver estes olhares.

As três possuem formação acadêmica que se soma à curiosidade e disposição com que se movem, seja para a aquisição de mais conhecimento ou por entre os locais visitados. Não romantizam estes lugares ao documentá-los e em muitas passagens fazem observações críticas contundentes sobre eles, sem contudo subjulgá-los ou descrever como deveriam ser ou fazer mediante o seu ponto de vista, mas se posicionando a respeito, fato que se reflete e repete em relação ao Outro, à mulher e as condições femininas.

As autoras-viajantes portuguesas estudadas refletem uma época de grande emancipação feminina, seja em seu país, como no mundo, com a abertura de

possibilidades de educação e trabalho, bem com as relacionadas à mobilidade e segurança, estas ainda como questão de alerta e que restringe e orienta a viagem feminina, mas não as impede de ir.

Por fim, voltamos aos objetivos os quais acreditamos termos alcançado ao longo do desenvolvimento do estudo. Compreendemos a evolução da viagem e da construção da sua literatura ao longo da história através do estudo bibliográfico empreendido no capítulo 1 deste trabalho. Este exame seguiu na contextualização sobre a presença feminina na viagem e as características do seu conteúdo na produção literária sobre o tema que foi elaborada e descrita no segundo capítulo.

Pela sequência metodológica definida de análise de conteúdo qualitativa, nos foi possível exemplificar, com base no *corpus* literário estabelecido e sob a perspectiva do *olhar*, quais as principais características atribuídas ao conteúdo da literatura de viagem, produzida por autoras-viajantes portuguesas contemporâneas.

Acreditamos com isto termos sido capazes de contribuir para a compreensão desta temática de estudo na área de comunicação e para a documentação da participação das mulheres e portuguesas no desenvolvimento literatura de viagem.

Nossa viagem termina por aqui!

FIM

Referências Bibliográficas

- Bardin, Laurence. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Braga, Maria. Ondina. (1980). *Mulheres Escritoras*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Barreto, Antonio. (2020). Democratização e Mudança Social (1960-2000). In *Historia Social Contemporânea, Portugal 1808-2000*, Pinto, Antonio Costa & Monteiro, Nuno G. (Org.). Fundação Maphre. Lisboa: Objetiva
- Cabete, S. M. C. (2010). *A Narrativa de Viagem em Portugal no Século XIX: Alteridade e Identidade Nacional*. Tese de Doutoramento em Literatura Comparada. Lisboa: Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Chaves, C. B. (1987). Os livros de viagens em Portugal no Século XVIII e sua projecção europeia (2a ed.). Lisboa: Biblioteca Breve.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2007). *Oriente próximo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2009). *Caderno afegão*. Lisboa: Tinta da China.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2010). *Viva México*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2011). *Tahrir, Dias de Revolução*. Lisboa: Tinta da China.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2013). *Vai, Brasil*. Lisboa: Tinta da China.
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2019). *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo
- Coelho, Alexandra. Lucas. (2021). *Líbano, Labirinto*. Lisboa: Caminho.
- Correia, Natália. (2018). *Descobri que Era Europeia, Impressões duma viagem à América*. Lisboa: Ponto de Fuga.
- Coutinho, R. S. (2009). *Mulheres Aventureiras. Portuguesas nos quatro cantos do Mundo*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cristóvão, Fernando. (2002). *A Literatura de Viagens e a História Natural*. In V. Rosa (Ed.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- Cristóvão, Fernando. (2002). *Para uma teoria da Literatura de Viagens*. In V. Rosa (Ed.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.

- Cristóvão, Fernando. (2009). *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima*. Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima, Marcas e Temas. Coimbra: Almedina.
- Cristóvão, Fernando. (2009). *Marcas da Literatura de Viagens nos Textos Ufanistas Brasileiros*. Literatura de Viagens: Da Tradicional à nova e à Novíssima (Marcas e Temas). F. Cristóvão. Coimbra: Almedina.
- De Oliveira, A., & Staut, L. (1999). *Apresentação: A literatura de viagem/A viagem na literatura*. Revista De Letras, 39, 9-12. Recuperado em 22 de julho de 2021 de <http://www.jstor.org/stable/27666707>
- Duarte, Constância Lima. (1999). *Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft - Diálogo e apropriação*. In Ramalho, Christina (org.). Literatura e feminismo, propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo.
- Duarte, Constância Lima. (1995). *Nísia Floresta, vida e obra*. Universidade Federal de Natal. Natal.
- Duarte, Constância Lima. (org.). (1995). *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Universidade Federal de Natal. Natal.
- Duarte, Constância Lima. (1999). *Narrativas de viagem de Nísia Floresta*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: Revista Via Atalantica, V.2.
- Duarte, Constância Lima. (2008). *As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história*. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3), p. 1047-1060.
- Duarte, Constância Lima & Muzart, Zahidé Lupinacci (2008). *Pensar o outro ou quando as mulheres viajam*. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3), p. 424.
- Duarte, Constância. Lima, Flores, C. & Moreira, Z. C. (2009). *Dicionário de Escritoras Portuguesas. Das origens à atualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Fernandes, A. T. (2005). *Trajectos de aquisição do poder no feminino*. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 55-77.
- Floresta, Nísia. (1989). *Os direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez.
- Gazzola, Ana Lúcia Almeida (Org.). (2001). *Marianne North: lembranças de uma vida feliz*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Gonçalves, Margareth de Almeida. (1990). *Expostos à misericórdia*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

- Gonçalves, Margareth de Almeida. (2002) *Império da fé: misticismo e narrativas do feminino em Goa e no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)*. Tese de Doutorado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- Gonçalves, Margareth de Almeida. (2003). *Civilização e artifício: as viajantes e o Brasil oitocentista*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 13, n. especial, p. 279-297.
- Gonçalves, Margareth de Almeida. (2005). *Artifício e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil*. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 613-627.
- Gonçalves, Margareth de Almeida. (2008). *O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa*. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 1031-1045.
- Graham, Maria. (1990) *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Ianni, Octavio. (2000). *A metáfora da viagem*. In Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 11-31.
- Joaquim, Graça (2012), *Os Viajantes e o Turismo: Narrativas, Modos de Vida e Representações Sociais*. Tese de Doutorado. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, Iscte-IUL.
- Kaminski, Leon. (2019). Mundo afora, Brasil adentro: a circulação cultural da contracultura e suas apropriações. In: KAMINSKI, Leon (org.). Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV.
- Kaminski, Leon & Vieira, Danusa. (2020). *Rosa dos ventos no peito: mulheres, viagens e contracultura*. Natal: Dossiê Equatorial, V.7, n. 12.
- Käppeli, A. M. (1993). *Cenas Feministas*. In Georges Duby, Michelle Perrot [org.], História das Mulheres no Ocidente. Porto: Edições Afrontamento, pp. 541-580.
- Leite, Miriam Lifchitz Moreira. (1979). *A mulher. Rio de Janeiro (1800–1850)*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Mimeo.
- Leite, Miriam Lifchitz Moreira. (1997). *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Machado, Maria Helena Pereira Toledo. (1999). A literatura de viagem como fonte da história social. Estudos Feministas, 7(1/2), 238-240. Recuperado em 22 de julho de 2021 de <http://www.jstor.org/stable/43904100>
- Machado, Maria Helena Pereira Toledo. (1999). A literatura de viagem como fonte da história social. Estudos Feministas, 7(1/2), 238-240. Recuperado em 28 de julho de 2021 de <http://www.jstor.org/stable/43904100>

- Marques, Maria Lúcia Garcia. (2009). *A Natureza Adversa: Tormentas e Tormentos nas Relações de Viagens*. In F. Cristóvão (Ed.), *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima* (Marcas e Temas). Coimbra: Almedina.
- Mónica, Maria Filomena. (2016). *A Minha Europa*. (3ª Ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Mónica, Maria Filomena. (2009). *Passaporte: Viagens 1994 -2008*. Lisboa: Alethéia Editores.
- Mónica, Maria Filomena. (2020). *O olhar do Outro Estrangeiros em Portugal: do século XVIII ao século XX*. Lisboa: Relógio D'água.
- Muzart, Zahidé Lupinacci (org.). (1999) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Mulheres, Edunisc.
- Muzart, Zahidé Lupinacci. (2003). *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In Moreira, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Nery, Isabel. (2009). *O inferno aqui tão perto: Literatura de Viagens e Reportagem de Guerra*. In F. Cristóvão (Ed.), *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima* (Marcas e Temas). Coimbra: Almedina.
- Ochoa, Raquel. (2012). *O Vento dos Outros*. Queluz de Baixo, Barcarena: Marcador Editora.
- Ochoa, Raquel. (2020). *Pés na terra*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (1988). *Guiomar Torrezão ou memória de uma mulher de letras oitocentista*. Revista Intercâmbio. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 163-176.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2000). Um estudo de caso: a narrativa de viagem oitocentista. *Cadernos de Literatura Comparada*, no 8/9. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2003). *Representações do Outro na narrativa de viagem oitocentista*. *Cadernos de Literatura Comparada*, no 8/9. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2003). *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*. Tese de doutoramento em Letras, especialidade em Literatura Comparada. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2007). *Representações do feminino em obras de colecções para senhoras nas primeiras décadas do século XX*. In Rosa Bizarro (Org.), *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Porto: Areal Editores, pp. 152-162.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2008). *Percurso do fim do mundo*. Cadernos de Literatura Comparada. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 69-87.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2013). *Da Crónica-Folhetim no Oitocentismo Português: Algumas (In)visibilidades. Entre Classicismo e Romantismo*. Ensaios de cultura e literatura, no 2. Porto: Center for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 159-171.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2015). *Les apports réflexifs d'une géographie littéraire pour la littérature de voyage*. Cadernos de Literatura Comparada, 33, 149-159.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2016). *Do lugar do(s) mapa(s) e seu relato ou muito para além de um atlas oficial*. Cadernos de Literatura Comparada, 34, 191-203.
- Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2020). *Literatura de viagens portuguesa contemporânea: questões culturais e identitárias*. Revista Língua! Lugar, N.02.
- Perrot, M. (1993). *Sair*. Georges Duby, Michelle Perrot [org.]. In *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 503- 540.
- Perrot, M. (2005). *Ecos de uma história silenciosa das mulheres*. Estudos feministas, Florianópolis: 16(1), pp. 147 – 163.
- Pratt, Mary Louise. (1999). *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jésio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, São Paulo: Edusc.
- Romano, L. A. C. (2013). *Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea*. Estação Literária, 10B, 33-48.
- Saramago, José. (2018). *Viagem a Portugal* (26ª Ed.). Porto: Porto Editora.
- Seixo, Maria Alzira. (1998). *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Serrano, Sônia. (2016). *Visões estrangeiras do Portugal da propaganda. Mulheres viajantes entre 1930 e 1950*. In Annemarie Schwarzenbach e a literatura de viagens na Europa dos anos 30. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto: Edições Afrontamento.
- Serrano, Sônia. (2014). *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China.

- Santos, Márcia Regina Mendes. (2008). *O Estudo das Inferências na Compreensão do Texto Escrito*. Dissertação de mestrado, especialidade em Linguística Educacional, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de Linguística Geral e Românica.
- Todorov, Tzvetan. (1999). *A viagem e seu relato*. Revista De Letras, 39, 13-24. Retrieved July 22, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/27666708>
- Todorov, Tzveta. (1990). A Conquista da América: a questão do outro. Litoral.
- Torrão Filho, Amilcar (2020). A mácula lusitana: as raízes portuguesas e a incivilidade do Brasil na literatura de viagem, séculos xviii e xix. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Torrão filho, Amilcar. (2010). Cidade Aberta, Sem Muralhas: a religião luso-brasileira na literatura de viagem (séculos XVIII e XIX). História. São Paulo: Unesp, 29.
- Torrão filho, Amilcar. (2011). *Bibliotheca mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação*. Revista Viagens, Viajantes e Deslocamentos. Projeto História no 42.
- Vaquinhas, I., & Cascão, R. (1993). Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa. História de Portugal, 5, 441-457.
- Vaquinhas, Irene. (2005b). Nem Gatas Borralheiras, Nem Bonecas de Luxo. As mulheres portuguesas sob o olhar da história (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte.
- Vaquinhas, Irene. (2005a). *As Mulheres no Mundo Contemporâneo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Vicente, A. (2001). As Mulheres Portuguesas Vistas Por Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX e XX). Lisboa: Gótica.
- Vilas-Boas, Gonçalo, Outeirinho, Maria de Fátima da Costa & Coutinho, A. P.. (2014). *Apresentação: De idas e regressos: declinações da viagem*. Cadernos de Literatura Comparada, no 30. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 3-4.
- Vilas-Boas, Gonçalo & Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2014). *Da literatura de viagens no feminino: notas de leitura*. Cadernos de Literatura Comparada, no 30. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 217-227.
- Vilas-Boas, Gonçalo & Outeirinho, Maria de Fátima da Costa. (2016). *Annemarie Schwarzenbach e a Literatura de Viagens na Europa dos anos 30*. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto: Edições Afrontamento.

Anexos

Anexo 1 – Tabela: Livros de Viagem: Autoras Portuguesas, Séc. XX e XXI

Nome	Breve biografia	Literatura de viagem
Agustina Bessa-Luís Escritora Amarante, Vila Meã, 1922 - Porto, 2019 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Agustina_Bessa-Lu%C3%ADs	Desde muito jovem que Agustina se interessou por livros, descobrindo na biblioteca do avô materno, os clássicos da literatura espanhola, francesa e inglesa, marcantes na sua formação literária. Em 1932 vai para o Porto estudar, onde passa parte da adolescência, mudando-se para Coimbra em 1945. A partir de 1950 fixa definitivamente a sua residência no Porto. Prêmios: Foi distinguida com o grau de Grande-Oficial da Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, do Mérito Científico, Literário e Artístico, a 9 de abril de 1981, tendo sido elevada ao grau de Grã-Cruz da mesma Ordem a 26 de janeiro de 2006. Em 2005, foi-lhe atribuído o título de Doutora Honoris Causa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 2004, aos 81 anos, recebeu o mais importante prémio literário da língua portuguesa, o Prémio Camões.	Embaixada a Calígula, 1961 Breviário do Brasil, 1991 Um Outro Olhar sobre Portugal, 1995
Natália Correia Escritora Fajã de Baixo, São Miguel, Açores, 1923 - Lisboa, 1993 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9794	Natália de Oliveira Correia foi uma das personalidades mais destacadas da literatura portuguesa das últimas décadas. Notabilizada através de diversas vertentes do ofício da escrita (foi poeta, dramaturga, romancista, ensaísta, tradutora, jornalista, guionista e editora), tornou-se conhecida na imprensa escrita e, sobretudo, na televisão, em programas como «Mátria», no qual exprimia uma forma especial de feminismo – afastado do conceito tradicional do movimento e que mais correctamente se poderia intitular «feminilidade portuguesa» – o matricismo, identificador da mulher como matriz primordial e arquétipo da liberdade erótica e passional; mais tarde, à noção de Pátria e de Mátria acrescenta a de Frátria.	Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América, 1951/2018

	Prêmios: recebeu, em 1991, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro Sonetos Românticos. No mesmo ano foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade; era já detentora da Ordem de Santiago.	
Maria Ondina Braga Escritora Braga, 1932 - Braga, 2003 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9656	Romancista. Cronista. Poeta. Tradutora. Frequentou o liceu em Braga, onde publicou os seus primeiros trabalhos. Ainda adolescente, parte para Inglaterra, tendo aí concluído um curso superior de língua inglesa, e, de seguida, para França, onde frequentou a Alliance Française. Em 1960 vai para Angola como professora do ensino secundário e, no ano seguinte, para Goa. A invasão do território pelos indianos obriga-a a ir para Macau, onde leccionou durante três anos, no ensino particular. O contato com estes diversos mundos dar-lhe-á um conhecimento e a experiência que lhe permitirão escrever as suas primeiras narrativas, evocando, geralmente sob a forma de crónicas, os lugares por onde passou e as culturas com que conviveu. Estas obras serão publicadas em Portugal, após ter fixado residência em Lisboa, a partir de 1964. Ainda em 1982, voltou ao Oriente, como professora convidada da Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim. Os jornais Diário de Notícias e Diário Popular aceitam, entretanto, uma colaboração sua que irá diversificar, posteriormente, por A Capital, e pelas publicações Panorama, Mulher, Colóquio, JL e Letras e Letras.	Eu vim para ver a terra, 1965 Passagem do cabo, 1994

Maria Filomena de Carvalho Godinho Mónica Filósofa e Socióloga Lisboa, São Mamede, 1943 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Filomena_M%C3%B3nica	Licenciada em Filosofia pela Universidade de Lisboa (1969) e doutorada em Oxford (1978). Investigadora emérita do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, cronista e repórter na imprensa, coautora de séries para a televisão, Escreveu uma longa lista de livros, entre os quais se contam Educação e Sociedade no Portugal de Salazar (1978), sua tese de doutoramento; Vida Moderna (1997); Os Filhos de Rousseau (1997); Fontes Pereira de Melo (1999); O Filho da Rainha Gorda (2004); Bilhete de Identidade (2005); Cesário Verde (2007); Eça de Queirós (2009); Os Pobres (2016); e Os Ricos (2018). Prémios: Máxima de Literatura.	Passaporte - Viagens 1994-2008, 2009 A Minha Europa, 2015 O Olhar do Outro - Estrangeiros em Portugal: Do Século XVIII ao Século XX, 2020
Leonor Xavier Filósofa e Jornalista Lisboa, 1943 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=12870	Licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1975 foi para o Brasil acompanhando o marido, convidado a leccionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, após ter sido saneado, no pós-25 de Abril de 1974, da Faculdade de Direito de Lisboa. Viveu depois no Rio de Janeiro, onde foi correspondente do Diário de Notícias. Regressou em 1987 a Portugal, onde foi redatora da revista Máxima e tem sido colaboradora com vários periódicos. Prêmios: Em 2010, recebeu o Prémio Máxima de Literatura pela obra Casas Contadas.	Uma Viagem das arábias, 2011 Casas Contadas, 2018 Há Laranjeiras em Atenas, 2019
Clara Pinto Correia Bióloga Lisboa, 1960 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=11626	Licenciada em Biologia pela Universidade de Lisboa, doutorou-se pela Universidade do Porto, prosseguindo uma carreira universitária e de investigação no domínio da Embriologia. Em paralelo mantém, desde bastante jovem, uma atividade constante como escritora, que acumula com a colaboração em diversos jornais e revistas (O Jornal, Visão, etc). A obra de Clara Pinto Correia é invulgar no panorama literário português, quer pelo ritmo de publicação que a autora tem mantido, quer pela variedade de géneros	Mapa Mundi: As viagens imaginárias na história da Europa, 2006 Os Outros Caminhos do Mundo - As viagens originais da bióloga escritora, 2008

	cultivados: poder-se-á chamar a a autora pós-moderna por excelência, constando na sua bibliografia desde inquéritos de cariz sociológico a uma fotonovela, passando por literatura infantil, crónica, poesia, narrativa, etc. Outro domínio da sua escrita é o da divulgação científica, mantendo um equilíbrio entre rigor científico, acessibilidade, clareza de escrita e um certo sentido de humor que atingem de forma certa os seus objetivos.	
Alexandra Lucas Coelho Jornalista Lisboa, 1967 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/ autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6193	Jornalista. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, iniciou sua vida profissional na rádio e, em seguida, passou a atuar cronista do Jornal Público, onde foi jornalista desde 1998. Viajou várias vezes pelo Médio Oriente e Ásia Central e esteve seis meses em Jerusalém como correspondente. Viveu no Brasil de 2010 a 2014. Prêmios: “A noite roda” é o seu primeiro romance o qual foi Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, 2012. Foram-lhe atribuídos prémios de reportagem do Clube Português de Imprensa, Casa da Imprensa e o Grande Prémio Gazeta 2005 .	Oriente próximo, 2007 Caderno afegão, 2009 Viva México, 2010 Tahrir!: os dias da revolução, 2011 Vai, Brasil, 2013 Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso, 2019 Líbano, labirinto, 2021
Maria João Ruela Publicitária Pardilhó, Estarreja, 1969 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Jo%C3%A3o_Ruela	Licenciou-se em Comunicação Social, tendo iniciado a sua carreira profissional como copy, na área da publicidade. Trabalhou também como freelancer para alguns jornais e revistas e, em 1992, integrou a equipa fundadora da SIC - Sociedade Independente de Comunicação, como jornalista estagiária. Fez parte das equipas de Praça Pública e Casos de Polícia e integrou a editoria de sociedade, onde acompanhou sobretudo as áreas de justiça e administração interna. Pivot desde 1998 e coordenadora de informação desde 2005, assumiu de 2007 a 2016 as funções de editora executiva na redação da SIC. Em 2003, foi baleada numa perna, no Iraque, quando acompanhava a missão da GNR no	Viagens contadas: Marrocos, Nepal, Patagónia, Noruega e outros Destinos, 2011

	país, um acidente que lhe deixou algumas limitações físicas. Em abril de 2016, abandonou o jornalismo ao ser nomeada consultora da Casa Civil do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, com responsabilidade pelos assuntos sociais. Em junho de 2016, foi exonerada do cargo de consultora e, de seguida, nomeada assessora da Casa Civil do Presidente da República. Em março de 2021, no segundo mandato do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, foi novamente nomeada consultora da Casa Civil do Presidente da República.	
Sandra Barão Nobre Relações Internacionais Paris, França, 1972 Fonte: https://www.bertrand.pt/autor/sandra-barao-nobre/4767635	Sandra Barão Nobre nasceu em França e em 1980 volta para Portugal com a família e vive em Portimão, no Algarve, até ao fim dos estudos secundários. Em 1995 licenciase em Relações Internacionais, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa. Desempenha funções na Telecel, na Câmara de Comércio Uruguaio-Portuguesa (em Montevideo), na Fundação de Serralves e na livraria on-line WOOK, onde trabalhou entre 2003 e 2015. Nos entretantos, nunca parou de viajar. Em 2011, cria o Acordofotografico.com — um site onde homenageia o ato de ler — e em 2014 parte de mochila às costas para fazer uma volta ao mundo.	Uma Volta ao Mundo com Leitores, 2015
Raquel Ochoa Advogada Lisboa, 1980 Fonte: http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=12677	Licenciada em Direito, tem passado parte da vida a viajar e é formadora numa escola de escrita criativa. Tem publicados um livro de crónicas de viagem e uma biografia do cantor cabo-verdiano Bana, além de colaboração em diversos jornais. Prêmios: Em 2009 ganhou o Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís, atribuído pela Sociedade Estoril Sol, com o romance “A casa-comboio” que revela «uma assinalável qualidade narrativa, conjugando bem os elementos de natureza documental acerca dos contextos pessoais e coletivos da experiência portuguesa na Índia	O vento dos outros, 2008/2012 Pés na terra, 2020

Ana Isabel Mineiro Jornalista Vila Nova de Gaia Fontes: https://noticias.utad.pt/blog/2016/11/22/reporter-de-viagens-da-aula-aberta-na-utad/ https://www.almadeviaiante.com/equipa/	Jornalista freelancer na área das viagens. Ex-professora de línguas, dedicou-se ao jornalismo de viagem desde 93 e acabou por abdicar da primeira carreira para não descuidar a segunda, que pedia mais do que um mês de férias em agosto. Tem colaborado, desde 1993, com várias publicações portuguesas e espanholas, nomeadamente a extinta Grande Reportagem e, sobretudo, a revista Fugas do jornal PÚBLICO. Publicou, em 2008, o livro "Onde os Rios têm Marés". Colaborou com quase todas as revistas de viagens portuguesas e também com duas espanholas (Península e Altair); Em 2008 publicou o livro, Onde os Rios Têm Marés, nas edições Via Óptima. É apaixonada militante de montanhas, desertos e lugares selvagens em geral, que gosta de explorar devagar em trekking, sempre que viaja.	Onde os Rios Têm Marés: Viagem Pelo Norte do Paquistão e Estrada do Karakorum, 2008
Patrícia Gameiro de Brito Jornalista Fonte: http://bicho-das-letras.blogspot.com/2016/09/malas-de-cartao-patricia-gameiro-de.html	A jornalista, atualmente editora da UP Magazine, a revista de bordo da TAP, confessa que, à medida que foi "palmilhando territórios, conhecendo pormenores e desvendando mistérios, somando dois e dois" da forma como os "portugueses deram novos mundos ao mundo", algumas vezes sentiu "raiva e vergonha", outras "admiração e orgulho". "Malas de Cartão" é um livro que reúne as crónicas escritas para o Correio da Manhã por Patrícia Gameiro de Brito, em seguimento de uma viagem fantástica que a autora fez durante 14 meses pelo Mundo Português e os vários países onde podemos encontrar comunidades portuguesas. Da Austrália a Moscovo, passando pela América e por África, de cidade em cidade, acompanhamos a autora nos caminhos das famílias portuguesas que se esforçam por manter a nossa cultura viva lá fora, lutando pelo sucesso e criando novos laços de uma mistura sublime entre tradições.	Malas de Cartão, 2012